

REVISTA DA SEMANA

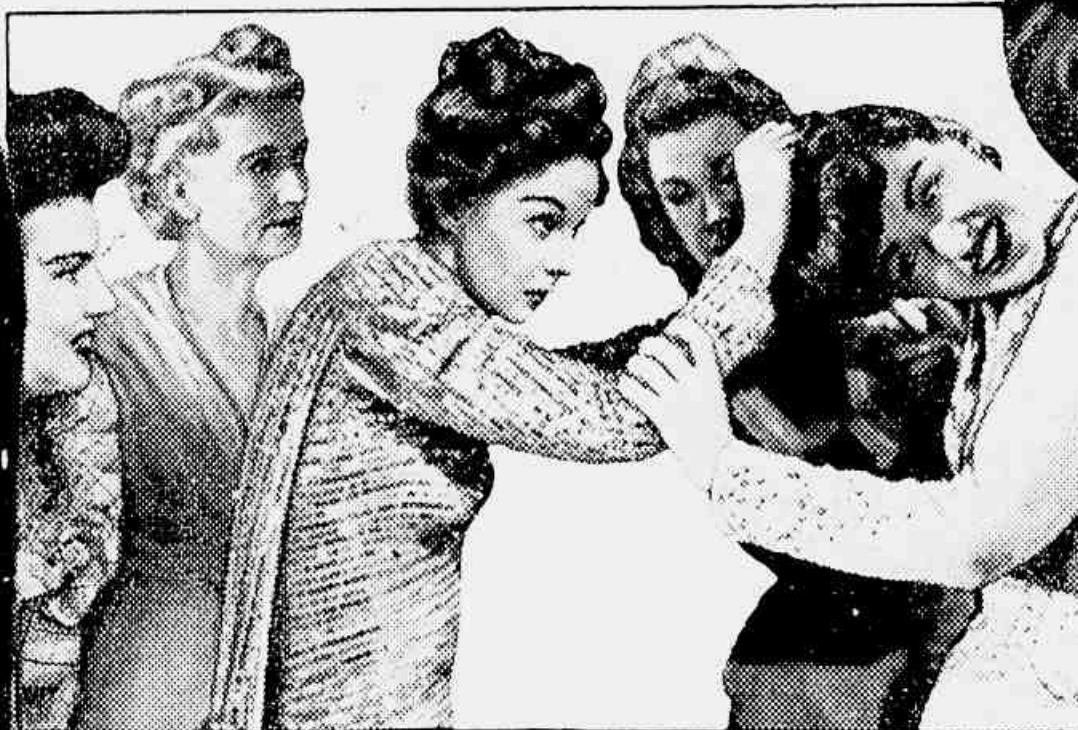
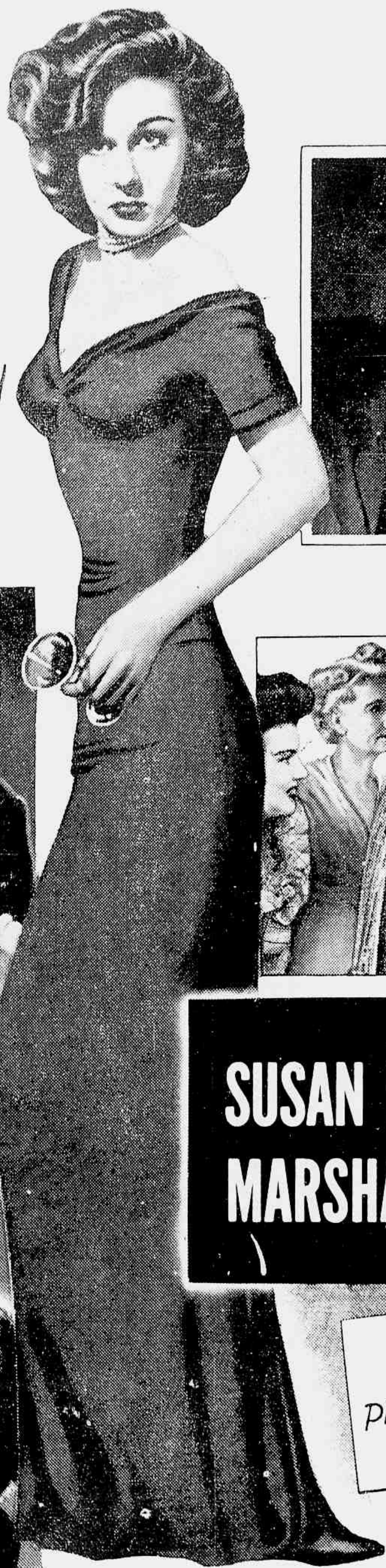
Nº 20

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

17-5-47



UM CORAÇÃO
DE MULHER
QUE SE
CONSOME
LENTAMENTE
NA CHAMA
FRIA DE
AMARGOS
DESENGANOS!



WALTER WANGER *apresenta*

SUSAN HAYWARD · LEE BOWMAN
MARSHA HUNT · EDDIE ALBERT

UM DRAMA
PROFUNDAMENTE
HUMANO!



Direção de
STUART HEISLER
Produção de
WALTER WANGER



"DESESPERO"

- Drama de uma Mulher - ("Smash-Up")

com CARL ESMOND · CARLETON YOUNG · CHARLES D. BROWN



O Superior Tribunal Eleitoral, depois de muitas delongas, ultimou o julgamento do processo iniciado contra o Partido Comunista do Brasil, determinando o seu cancelamento por três votos contra dois. Os três votos pelo fechamento foram os dos Srs. Rocha Lagôa, José Antônio Nogueira e Cândido Lobo. Os dois votos vencidos, em contrário, foram os dos Srs. Sá Filho e Ribeiro da Costa. No Rio de Janeiro, foi fechada a sede nacional do Partido Comunista e, tanto nesta capital como nos Estados foram fechadas todas as células e demais órgãos da mesma organização. O governo recebeu várias moções de aplausos, mas a decisão do S. T. E. provocou, também, protestos de vários partidos políticos. Como consequência daquele julgamento, está na ordem do dia a questão do cancelamento, ou não, dos mandatos do senador, dos deputados e dos vereadores comunistas. Enquanto isso, em Nuremberg, continua o julgamento dos marechais e generais que constituíram o Estado Maior de Adolf Hitler e que, pelo fato de serem militares, tão somente, não escanarão à punição que seus crimes merecem. Entre outros réus de alta patente, em julgamento por crimes de guerra, figuram: o marechal Von Weick, o general Lothar Rendulic, o general Kuntz, o general Helmut Felmy, o general Speidel, etc. Depois chegará a vez de Von Rundstedt e de Von Leed, que estão como prisioneiros em poder dos aliados. Enquanto os generais fascistas não forem castigados exemplarmente, não poderá haver democracia na Alemanha, nem o espírito agressivo germânico será abatido. Na França, Winston Churchill recebeu, das mãos do primeiro ministro Paul Ramadier, a medalha militar francesa, que é uma das mais altas condecorações ali conferidas. O velho político inglês vestia na solenidade o uniforme de coronel honorário do 7.º Regimento de Hussardos e foi aplaudido por uma multidão calculada em duas mil pessoas. Depois da cerimônia, Churchill visitou o túmulo do soldado desconhecido, onde deu uma coroa. O ex-“premier” britânico, segundo se anuncia, vai se retirar da política, mas as informações não dizem se é por estar decepcionado com o pouco resultado dos seus esforços para derrubar o governo socialista, chefiado pelo Sr. Clement Attlee. Está em foco, no quadro internacional, a questão de restauração da independência da Coreia, invadida e submetida pelo Japão há longos anos, mas com seu espírito nacional sempre vivo. O general Marshall, secretário de Estado dos E. Unidos, e o Sr. Molotov, comissário das Relações Exteriores da Rússia, trocaram importantes notas a esse respeito, encaminhando o assunto, segundo informa um telegrama da AFP. No Paraguai, continua o movimento revolucionário, que entrou no seu terceiro mês e sobre o qual publicamos nesta edição uma interessante reportagem de Augusto Aguiar e Antônio Buono Júnior. O governo do ditador Morínigo, nestes últimos dias, lançou um ataque aéreo noturno contra a cidade de Concepción, que é um espécie de capital dos revolucionários. O bombardeio indiscriminado de uma cidade aberta, em consequência do qual morreram homens, mulheres e crianças que nada tinham que ver com o peixe, fez com que os revolucionários lançassem um protesto e declarassem que os aviadores governistas seriam, mais tarde, responsabilizados e julgados de acordo com as leis de guerra. Na Argentina, o coronel Frederico Smith, que foi comandante das forças de Morínigo, mas resolveu abandoná-lo e refugiar-se em território neutro, fez declarações peremptórias, asseverando que o ditador paraguaio perderá a partida. Voltando de Lisboa, o Sr. David Serrador declara que vai fazer cinema brasileiro para o mercado mundial, iniciando suas atividades de produtor com uma película sobre a vida de Castro Alves, dirigida por Leitão de Barros e com a supervisão do poeta Olegário Mariano. Ao mesmo tempo, declarou o Sr. David Serrador que “cinema que não ultrapassa fronteiras não é cinema, mas lanterna mágica de bairro”. O Sr. Raul Roulien, que já foi um dos elementos do elenco da Fox Film em Hollywood, voltou dos Estados Unidos dizendo mais ou menos a mesma coisa, acenando-nos também com um “slonpan”, do “cinema brasileiro para o mundo”. Vamos ver quem começará em primeiro lugar. Um senhor chamado Oscar Viana queixou-se à polícia de que o advogado Anibal Fonseca Lima, procurador de um oficial aviador, pedira-lhe 50.000 cruzeiros de luvas pelo aluguel do apartamento n. 81, à avenida Atlântica n. 220. As luvas, com certeza, eram de ouro... O Sr. Miguel Reale, secretário da Justiça de São Paulo, desmentiu a notícia segundo a qual o governador Adhemar de Barros estava de malas prontas para partir para os Estados Unidos e asseverou, também, que os contos a respeito de uma possível intervenção federal naquele Estado “São verdadeira invenção, sem qualquer base política ou jurídica”. O comandante do Corpo de Fuzileiros Navais mandou rezar, a 11 do corrente, missa por alma dos soldados mortos por ocasião do levante integralista de 1938. O cantor negro Paul Robeson declarou que, nos próximos dois anos, se dedicará de corpo e alma à luta anti-fascista, como ator, conferencista e cantor. Seu último concerto foi dado em Albany, na capital do Estado de Nova York, no edifício de uma escola, que lhe fora negada pela junta escolar local, mas cujas portas lhe foram abertas por decisão judicial. 770 bilhões de francos ouro, eis o total das depredações e prejuízos causados à França pelos invasores alemães. As nações sul-americanas, embora de economia fraca e empobrecida pela crise geral, em vez de comprar tratores e máquinas agrícolas continuam a comprar armamentos. Eis o que revela a este propósito um telegrama insuspeito, transmitido de Washington pela Associated Press:

“O Departamento de Estado anunciou a venda de 1.394.118 dólares em armas excedentes a seis países latino-americanos, de acordo com o programa do governo para a venda de armas neste Hemisfério.

As vendas de armas anunciadas hoje foram feitas durante os últimos 4 meses. O Peru foi o maior comprador, seguindo-se a Colômbia e o Brasil. Não foram vendidas armas à Argentina, República Dominicana, Nicarágua e Honduras, de acordo com a política do governo de não vender equipamento militar a esses países.

O Brasil comprou 318.906 dólares de equipamento militar, inclusive peças para 30 caças P-47 e 70 bombardeiros Mitchells B-25, 10.665 baionetas, 13 carros blindados, 5.148 fuzis de 30 milímetros, 55 alvos, 13 “range-finders”, 57 canhões de 57 milímetros, 452 metralhadoras “Browning”, 300 fuzis-metralhadoras, 54 “howitzers” de 105 milímetros, 12 “howitzers” de 155 milímetros, 2.655 granadas, e lançadores de foguetes, 81 morteiros de 60 milímetros, 57 morteiros de 80 milímetros, 686 suportes de metralhadoras, 1.231 pistolas de 45 milímetros, 209 lança-chamas, 405 fuzis automáticos de 30 milímetros, 6.361 fuzis de 30 milímetros”.

Por hoje, é só. Até outro dia...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gestelra** sem demora.

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gestelra**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — “Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA”.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

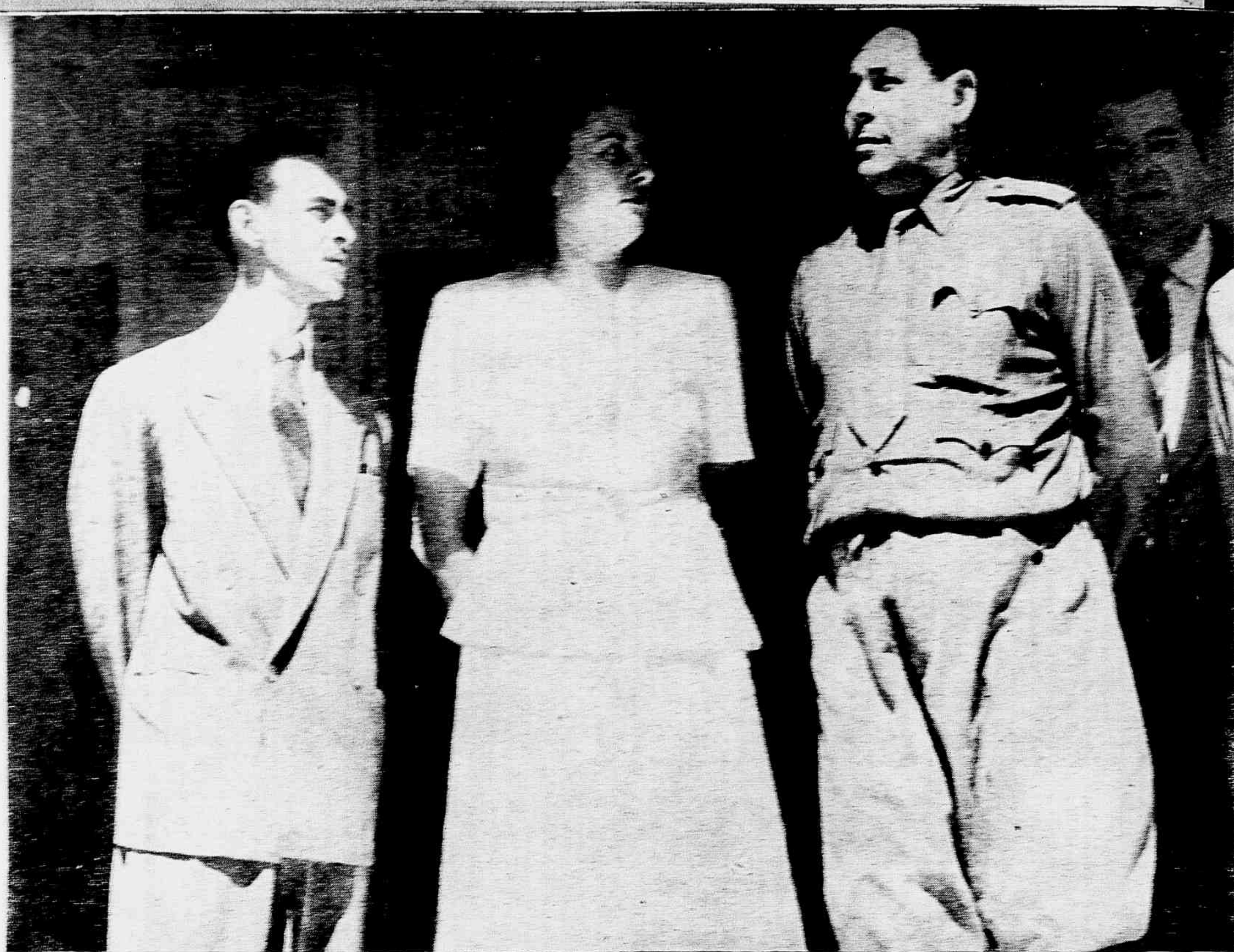
Foaltheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



O ditador paraguayo, Efigenio Morinigo, fotografado, após uma entrevista, na qual declarou que "muy pronto" esmagaria os rebeldes, ao lado do jornalista Augusto Aguilar, da reporter internacional Jane Briga. Na foto à esquerda. Em outro país, este cabazola, quase uma criança, estaria jogando futebol, estudando ou pegando canário. No Paraguai de hoje, é um soldado. Em soldado de Morinigo, o ditador que já está sendo unecado por um rival colorado, Natalicio Gonzalez, que quer ser apresentado como candidato à presidência da nação guarani. Na pagina ao lado: o governo ditatorial do Paraguai está admitindo, nas fileiras do Exército, civis "colorados" do grupo Morinigo, aos quais são fornecidas armas e munições. Alguns, de militar, se têm mesmo o bone.

A VERDADE SÔBRE O PARAGUAY

A quinquagésima revolução da República de Lopez — Assunção em pé de guerra — O ditador Efigenio Morinigo mantém cerca de centenas de pessoas em escolas convertidas e prisões de Estado — Natalicio Gonzalez, o homem que quer ser presidente — Divisões entre os revolucionários — A atitude dos intelectuais e da Igreja — Um bispo corajoso denuncia os crimes do ditador.

Reportagem de Augusto Aguilar



Fotos de Antônio Buono Junior



E a verdade, a atual revolução deflagrada em Assunção por uma ala descontente do Exército Paraguayo e por membros da Concentration Revolucionaria Feberista, nada mais representa que um dos numerosos levantes sediosos que, desde a guerra de Lopez, vem agitando a vida politica da pequena nação guarani.

Completamente aniquilado pela guerra contra a Triple Aliança, com sua população reduzida de 1.200.000 habitantes para 250.000 pessoas, uma porcentagem de mulheres sete vezes maior do que a de homens, sem industrias, seus campos devastados, sua juventude diminua em sangrentas batalhas, o Paraguai encontrou-se, depois da paz que lhe foi imposta pelo Brasil, Argentina e Uruguay, em completo desajustamento economico, politico e social. Com uma tradição socialista, praticada pelos seus primitivos habitantes, e governado até então por três ditadores, Francisco Carlos Antônio Lopez, o construtor da nação e impulsionador da economia nacional; e Francisco Solano Lopez, o belico governante que a levou à ruína — sofreu a pequenina nação americana a luta surda entre os interesses politicos argentinos e brasileiros. Dois partidos se formaram: liberais e colorados, o primeiro constituído por

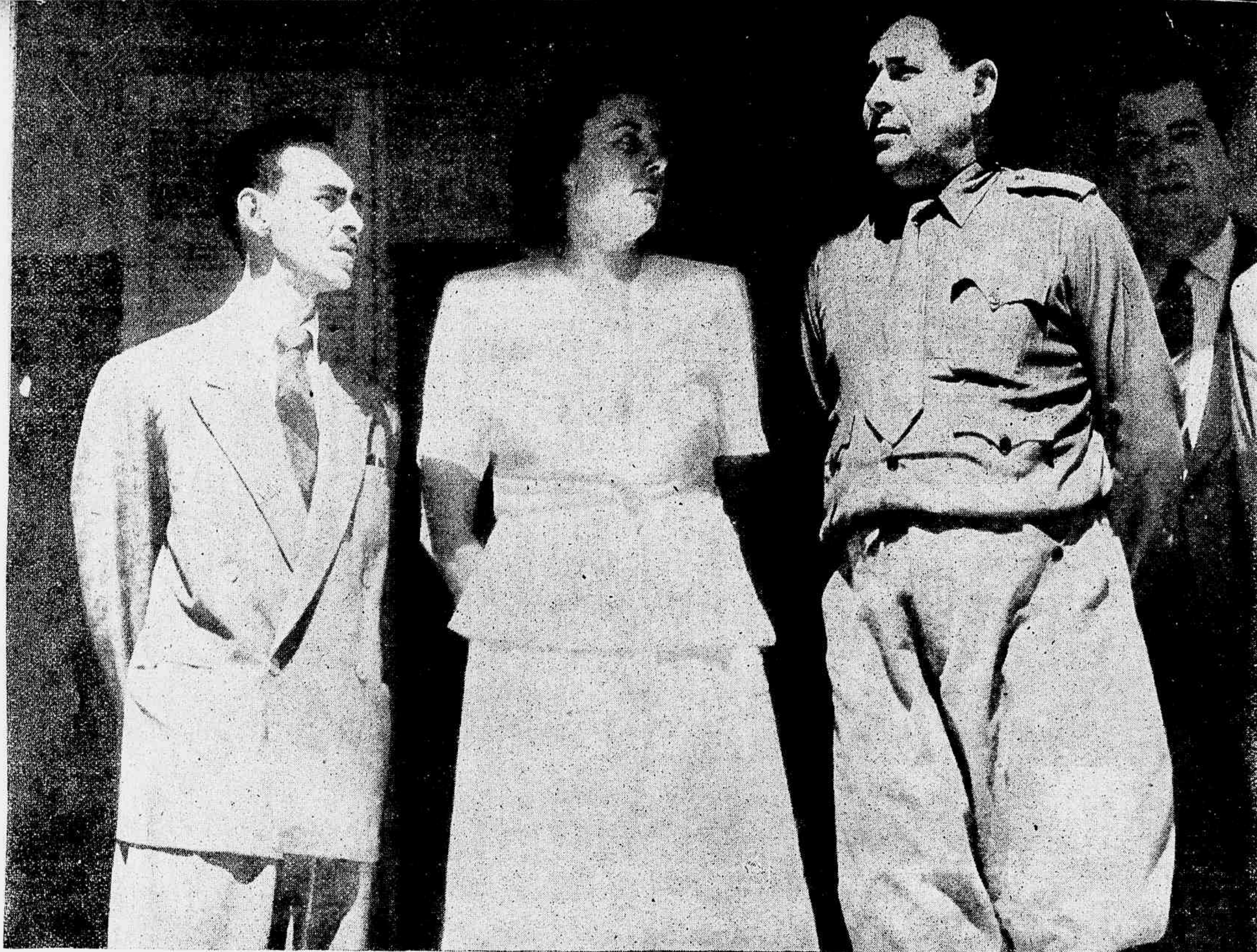
legionarios que ao lado de Mitre combateram contra Lopez, e o segundo fundado pelo general Caballero, prisioneiro de guerra do Brasil e advogado de uma maior aproximação entre os dois povos. Sucederam-se governos após governos, em continuos golpes de Estado que, mais e mais, enfraqueciam a democracia nascente. De 1914 a 1936, ou seja durante 22 anos, excetuados seis meses de governo do dr. Pedro Peña, foi a nação governada pelos liberais, registrando-se frequentes golpes militares e pequenas revoluções dentro do próprio partido, derrubando presidentes e formando novos governos.

GUERRA DO CHACO: A CAUSA VISIVEL

Por mais que parece incrível foram os quatro anos de guerra do Chaco, quando, sem armas e sem exércitos organizados, o povo guarani bateu o boliviano, que derrotaram, em última análise, a situação caótica em que hoje se encontra o país. Motivada por pretensões sobre a zona petrolífera limitrofe dos dois países, essa guerra se terminou em 1935. Era presidente da Republica, então, o senhor Eusebio Ayala. Então, Frederick Smith, coronel e

Esta reportagem foi escrita, depois de uma visita ao Paraguay pelos profissionais de nossa imprensa, Augusto Aguilar e Antônio Buono Junior. Testemunharam eles os combates travados, há poucos dias nos muros de Assunção e subiram ao Palácio que Solano Lopez mandou construir, para lá se entrevistar o ditador Efigenio Morinigo. Ouviram muitos depoimentos, das fontes mais variadas. — e registraram tremendo e convulsão de que o ditador é odiado pelo povo, nos as divisões dos seus opositores enfileiram e cause revolução e poderio conduzir o terreno o movimento de rebelião, iniciado há pouco mais de um mês. No Paraguay existem centenas de presos politicos além dos marinheiros que se renderam ao governo, após o movimento de Assunção. Em outros departamentos, em outros campos de prisioneiros e em escolas convertidas em cárceres, há considerável numero de presos.





O ditador paraguayo, Higino Morinigo, fotografado, após uma entrevista, na qual declarou que "muy pronto" esmagaria os rebeldes, ao lado do jornalista Augusto Aguiar, da repórter internacional Jane Braga. Na foto à esquerda: Em outro país, este rapazola, quase uma criança, estaria jogando futebol, estudando ou pegando canário. No Paraguay de hoje, é um soldado. Um soldado de Morinigo, o ditador que já está sendo ameaçado por um rival colorado, Natalicio Gonzalez, que quer ser apresentado como candidato à presidência da nação guarani. Na página ao lado: o governo ditatorial do Paraguay está admitindo, nas fileiras do Exército, civis "colorados" do grupo Morinigo, aos quais são fornecidas armas e munições. Alguns, de militar, só têm mesmo o boné.

A VERDADE SÔBRE O PARAGUAY

A quinquagésima revolução da República de Lopez — Assunção em pé de guerra — O ditador Higino Morinigo mantém cerca de centenas de pessoas em escolas convertidas e prisões de Estado — Natalicio Gonzalez, o homem que quer ser presidente — Divisões entre os revolucionários — A atitude dos intelectuais e da Igreja — Um bispo corajoso denuncia os crimes do ditador.

Reportagem de Augusto Aguiar



Fotos de Antônio Buono Junior



EM verdade, a atual revolução deflagrada em Assunção por uma ala descontente do Exército Paraguayo e por membros da Concentraciön Revolucionária Feberista, nada mais representa que um dos costumeiros levantes sediosos que, desde a guerra de Lopez, vem agitando a vida política da pequena nação guaraní.

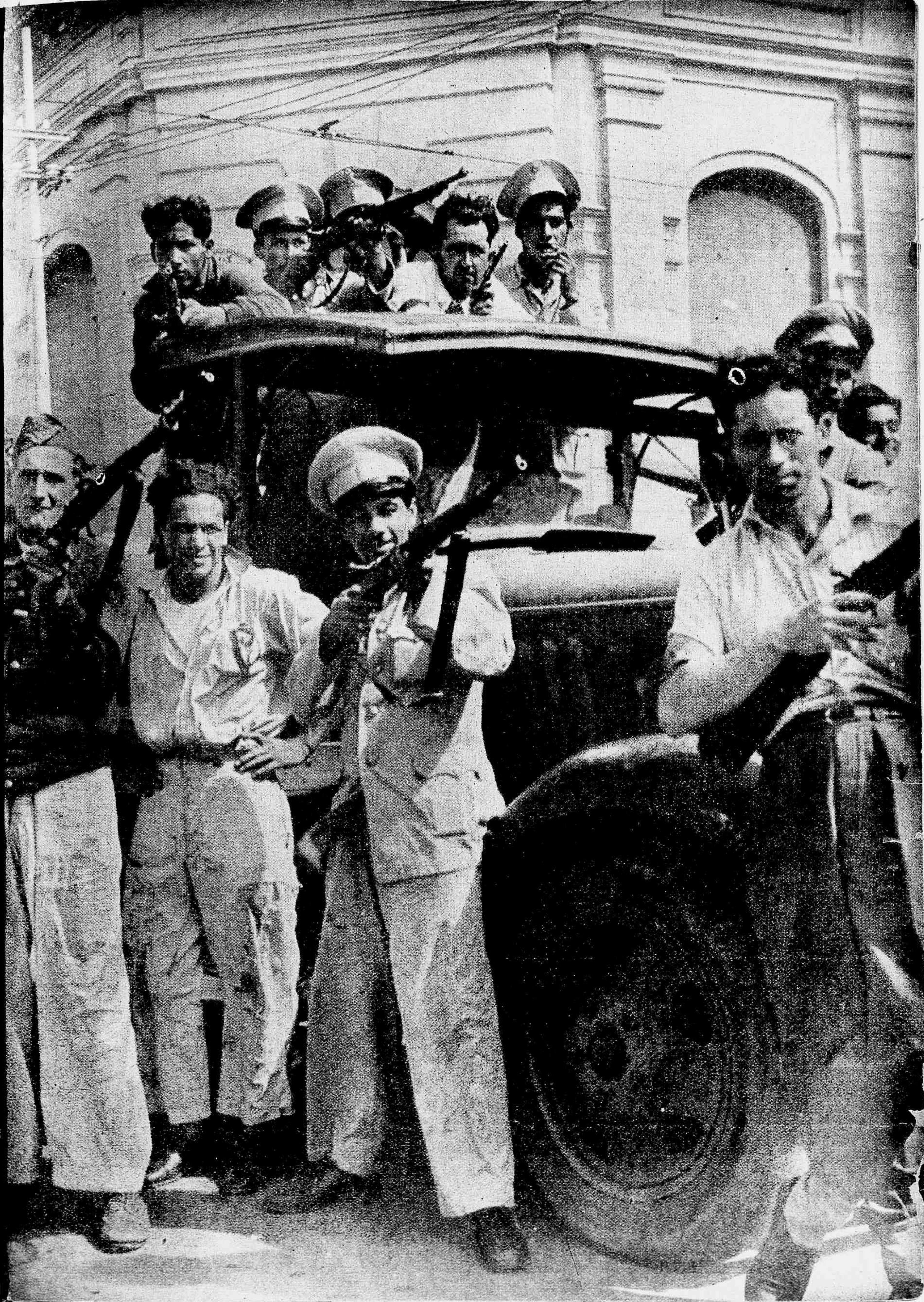
Completamente aniquilado pela guerra contra a Triplíce Aliança, com sua população reduzida de 1.300.000 habitantes para 231.000 pessoas, uma percentagem de mulheres sete vezes maior do que a de homens, sem indústrias, seus campos devastados, sua juventude dizimada em sangrentas batalhas, o Paraguai encontrou-se, depois da paz que lhe foi imposta pelo Brasil, Argentina e Urugual, em completo desajustamento economico, político e social. Com uma tradição socialista, praticada pelos seus primitivos habitantes, e governado até então por três ditadores, Francia, Carlos Antônio Lopez, o construtor da nação e impulsionador da economia nacional; e Francisco Solano Lopez, o bélico governante que a levou à ruína — sofreu a pequenina nação americana a luta surda entre os interesses políticos argentinos e brasileiros. Dois partidos se formaram: liberais e colorados, o primeiro constituído por

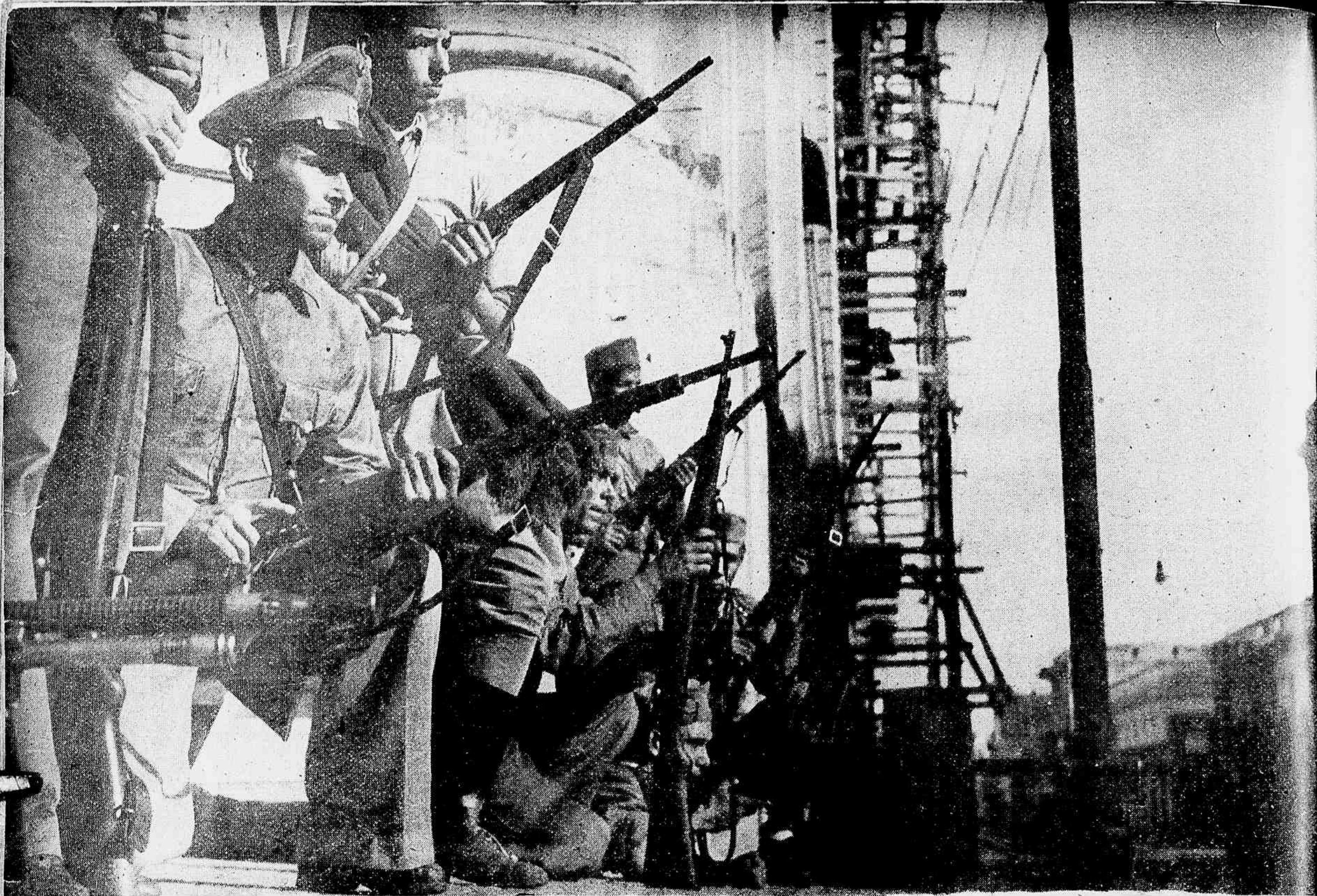
legionários que ao lado de Mitre combateram contra Lopez, e o segundo fundado pelo general Caballero, prisioneiro de guerra do Brasil e advogado de uma maior aproximação entre os dois povos. Sucederam-se governos após governos, em continuos golpes de Estado que, mais e mais, enfraqueciam a democracia nascente. De 1904 a 1936, ou seja durante 32 anos, excetuados seis meses de governo do dr. Pedro Pena, foi a nação governada pelos liberais, registrando-se frequentes golpes militares e pequenas revoluções dentro do próprio partido, derrubando presidentes e formando novos governos.

GUERRA DO CHACO: A CAUSA VISIVEL

Por mais que parece incrível foram os quatro anos de guerra do Chaco, quando, sem armas e sem exércitos organizados, o povo guaraní bateu o boliviano, que determinaram, em última análise, a situação caótica em que hoje se encontra o país. Motivada por pretensões sobre a zona petrolífera limitrofe dos dois países, essa guerra só terminou em 1935. Era presidente da República, então, o senhor Euzebio Ayala. Então, Frederico Smith, coronel e

Esta reportagem foi escrita, depois de uma visita ao Paraguay pelos profissionais da nossa imprensa, Augusto Aguiar e Antônio Buono Júnior. Testemunharam eles os combates travados, há poucos dias nas ruas de Assunção e subiram ao Palácio que Solano Lopez mandou construir, para nêle entrevistar o ditador Higino Morinigo. Ouviram muitos depoimentos, nas fontes mais variadas, — e regressaram trazendo a convicção de que o ditador é odiado pelo povo, mas as divisões dos seus opositores enfraquecem a causa revolucionária e poderão conduzir à derrota o movimento de rebeldia, iniciado há pouco mais de um mês. No Paraguay existem centenas de presos políticos além dos marinheiros que se renderam ao governo, após o macro do movimento de Assunção. Em outros departamentos, em outros campos de prisioneiros e em escolas convertidas em cárceres, há considerável número de presos.





Ao alto: Tropas fiéis a Morinigo em guarda nas ruas de Assunção, após o ataque que o ditador fez desfechar contra a Marinha, — que pretendia guardar neutralidade na luta que vem se desenrolando na nação guarani. — Em baixo: Um carro ambulância desfila pelas ruas desertas de Assunção, — ruas que viram quarenta e nove revolução, antes desta, num período de apenas 80 anos...



herói da guerra, chefiando um movimento subversivo, depois o presidente e colocou no governo seu colega de armas, Rafael Franco, no dia 17 de fevereiro de 1936. Nasceu assim um novo partido — a Concentraci6n Revolucionária Febrerista, de doutrina francamente socialista, mas de métodos inteiramente fascistas. Seu governo foi uma ditadura, privando o povo das liberdades mais elementares, ficando fora da lei qualquer atividade política e sob a censura da imprensa. Em agosto de 1937 mais um golpe militar: é elevado à presidência o senhor Felix Paiva, do Partido Liberal. Apoiado por sessenta por cento dos 240.000 eleitores paraguaios — ou seja o contingente eleitoral dos liberais — Felix Paiva efetivou eleições, que foram ganhas pelo marechal José Felix Estigarribia. Apoiado pelos liberais, e tendo contra si colaborado, febreristas e comunistas, englobados num total de quarenta por cento do eleitorado, contava o marechal, no entanto, com esmagadora maioria no Congresso. Seus correligionários, num golpe político, aboliram a constituição de 1870, fizeram uma nova carta que dissolvia o Congresso e dava a Estigarribia poderes ilimitados: era um novo ditador, assistido por um Conselho de Estad e uma Assembléa Consultiva.

Os prognósticos dos observadores internacionais, que prediziam dias de paz para o Paraguai, foram anulados por um desastre de aviação: no dia 7 de setembro de 1940 pereceu o marechal-herói da guerra do Chaco, e Higinio Mo-

OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

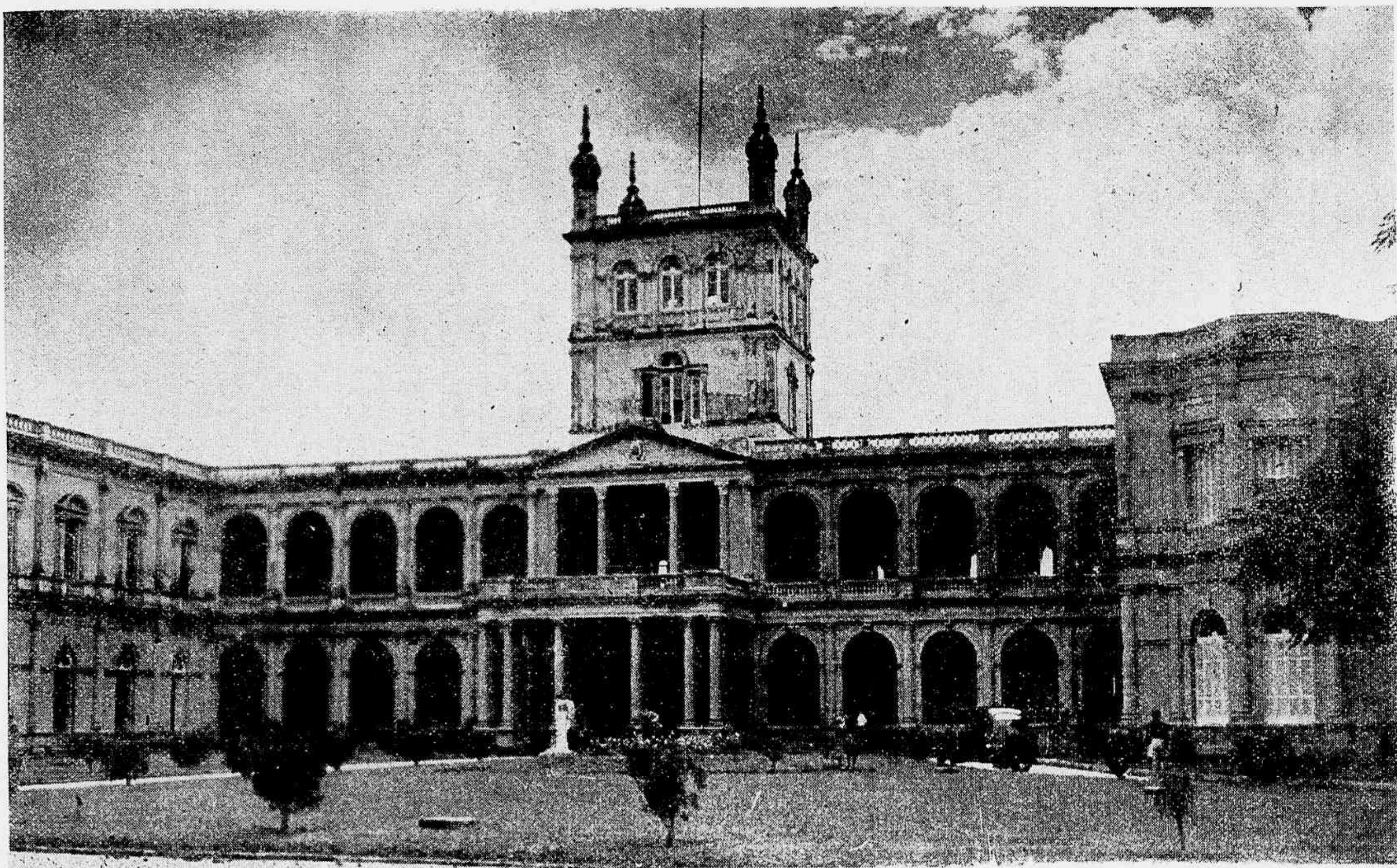
Tive, em Assunção, a confirmação das notícias divulgadas no Brasil a respeito da existência de campos de concentração no Paraguai. Em Viña Cué, nas proximidades da Vila Militar, no quartel da 2.ª Divisão de Cavalaria, cercas de arame farpado segregam da civilização dezenas de presos políticos, cujo número é impossível precisar. São liberais, comunistas e febreristas sobre os quais recaíram as iras de Morinigo e do Partido Colorado. No próprio centro urbano da cidade, na calle España, um colégio de freiras, o de Santa Tereza, foi transformado pelo chefe de Polícia Cesar Vasconcellos em depósito de prisioneiros, encontrando-se, ali, atualmente, nada menos de 1500 marinheiros, que participaram dos últimos acontecimentos, e civis.

Asilado na Embaixada do Brasil na capital paraguaiá, o poeta esquerdista Campos Cervera, um dos dirigentes dos civis que combateram ao lado dos marinheiros, contou-nos aspectos interessantes da luta do povo paraguai6n contra a Ditadura. Falou-nos dos campos de concentração de Tacumbú e Vinãs Cué, onde os presos políticos estão à disposição do poder sobre eles. Todos os prisioneiros antes de enviados aos campos de concentração, são inquiridos na Investigaç6n da Chefatura de Polícia, onde policiais paraguaios os submetem a uma série preliminar de torturas, que vão do espancamento ao fuzilamento sumário.

guaranis — cerca de 16 dólares — para a alimentação dos prisioneiros, visto que os cárceres paraguaios não fornecem comida aos presos. "Jamais recebemos uma porção de alimento — disse-nos José Duarte Valiente — e se não fora nossas famílias nos levarem pão e carne teríamos todos sucumbido de fome". O nosso informante nos revela, ainda, que foi preso na cidade de Borja, onde residia, vindo dali até Villarica, preso, a pé numa distância de 50 quilômetros. O coronel Luiz Oviedo, um dos chefes militares que resistiram ao Partido Colorado e a Morinigo, acompanhado por 12 prisioneiros jovens teve que marchar, a pé e descalço, em passo acelerado, 70 quilômetros. Ao chegar à Escuela Alemán foi obrigado a fazer exercícios com dois fuzis: um prendendo-lhe os braços à nuca e outra prendendo-lhe as pernas ao tronco, até cair, sem forças.

OS INTELLECTUAIS E A IGREJA EM FACE DE MORINIGO

Noventa e cinco por cento dos intelectuais paraguaios são, em verdade, contra Morinigo. Os quatro diários de Assunção — "La Razon", "La Tribuna", "El Colorado" e "El Pais" — estão sob controle do governo, o último deles com um interventor, José D. Miranda, nomeado por Morinigo, e o primeiro dirigido por Dos Santos, conhecido contrabandista e acusado de dois crimes de morte. As duas emissoras da capital, Rádio Teleco e Rádio Nacional, estão sob o controle



Daqui, no Palácio do Governo do Paraguay, mandado construir por Solano Lopez, o ditador Higinio Morinigo Martínez enfrenta a quinquagésima revolução do Paraguay, beneficiando-se das divergências entre aqueles que o detestam.

rinigo Martínez, general do Exército, ex-ministro da Guerra de Estigarribia, se assenhoreou da nação, apoiado por um grupo de militares e com a complacência do Conselho de Estado. Em vez de realizar as eleições presidenciais no prazo estabelecido pela Constituição febrerista, Morinigo declarou que permaneceria no poder por dois anos e dois meses, como presidente provisório, isto é, até que terminasse o mandato de Estigarribia.

Em fins de 1942, o general Vicente Machuca, ministro da Guerra e da Marinha, em nome de um grupo de militares, fez uma declaração pública afirmando que "o Exército havia resolvido a permanência de Higinio Morinigo no poder". Iniciava-se, assim, uma das mais tristes e dolorosas fases da vida política do povo guaraní.

O REGIME DE DECRETOS-LEIS

O regime de decretos-leis teve começo. Primeiramente foi abolido o Partido Liberal como organização política. A lei eleitoral de 1917, base do controle das eleições, foi anulada: a votação deixava de ser direta e secreta. Um sistema eleitoral, que favorecia a fraude pelo governo, foi posto em vigor. Logo a seguir, houve um plebiscito, no qual Morinigo se apresenta como candidato único à presidência da República, sendo, é claro, eleito. A polícia federal apurou os escrutínios e o general de divisão Higinio Morinigo Martínez se proclamou eleito por cinco anos, cu seja até agosto de 1943.

Como exemplo, esse revolucionário eltou as torturas sofridas pelo estudante Mazacate, um dos implicados no roubo de uma rádio-emissora da "Unión Oil Company" torturas que o tornaram idiota. Também operários, febreristas e comunistas, entre eles Ruiz Gonzalez, Luiz Bastos, foram inutilizados pelos policiais. A polícia tortura indistintamente liberais, comunistas e febreristas.

José Duarte Valiente, outro revolucionário que fugiu do Campo de Concentração de Villarica, lutou ao lado dos marinheiros e se encontra asilado na Embaixada do Brasil em Assunção, me confirmou essas informações e me adiantou que, na antiga Escuela Aleman, de Villarica hoje transformada em Campo de Concentração, se acham cerca de 600 presos, dos mais variados matizes políticos. Ali assistiu a dez ou doze casos de tortura, entre os quais o do presidente do Centro Estudantil de Villarica, brutalmente maltratado. A esse líder estudantil quebraram todos os dentes a golpes de coronha de revolver. Lopez Jimenez, febrerista foi torturado em três oportunidades, num espaço de 36 horas. Luiz Bollino, de 16 anos de idade, febrerista, sofreu torturas físicas do dia 8 a 10 de abril, ou seja logo depois do ataque contra a Chefatura de Polícia de Assunção. Quase todos os que ali se encontram internados, sem mandato judicial ou outro qualquer dispositivo legal, tiveram os cabelos cortados e a cabeça pintada de vermelho. Naquela cidade, os dirigentes locais do "Guion Rojo" — "Traço Vermelho", ou seja a ala terrorista do Partido Colorado — exigiu do comércio villarriqueño a contribuição de 50

do governo. A própria Igreja católica foi dominada: o bispo de Assunção, D. Juan Sinforiano Bogarin, é membro do Conselho de Estado, entidade de existência apenas teórica, que funciona sob a presidência de Morinigo. Outro prelado, o bispo Emilio Soza Gaona, de Concepción e do Chaco, em pastoral recentemente divulgada denunciou os crimes de Morinigo.

A SITUAÇÃO FÍSICA DO PAIS

Quanto à situação jurídica do país, a verdade é que todos os juizados estão entregues, na zona governista, a membros do Partido Colorado. Em 1943, quando do processo contra o Partido Liberal, foi feita a depuração na Justiça Federal. Hoje em dia, a palavra "habeas corpus" vive apenas nos compendios de direito. A perseguição aos estudantes — a maioria de tendência febreristas — é constante. Os mestres também sofrem a mão de ferro do governo. Juan Bollino, reitor da Faculdade de Direito, foi preso e torturado pelo crime de haver assinado um petição dirigida a Morinigo, na qual pedia a volta do país ao regime democrático.

A 50.ª REVOLUÇÃO PARAGUAIA

A quinquagésima revolução paraguaiá teve início no dia 7 de março, quando um grupo de civis — cinquenta ou sessenta liberais, comunistas e febreristas — atacou a Che-



O jumento no Paraguai é o meio de transporte dos pobres e da gente das zonas rurais. Corresponde às destrambelhadas "bucardas" do interior. É assim que as mulheres, como a desta, vão ao mercado da capital onde o general Morinigo oprime o Paraguai inteiro. Em baixo: soldados do ditador, de armas apontadas, após o ataque a Assunção, a cidade que não queria lutar e que foi subvertida. Despojada dos seus armamentos, seus 1.500 marujos que sobraram estão na prisão.

fatura de Polícia de Assunção, sendo completamente dominados por um diminuto contingente policial sob o comando do tenente Brugado Rldan. Sexta-feira, a Oficina de Informações da Presidência da República anunciava que fora um "golpe comunista contra o governo constitucional do presidente Morinigo". Sábado, por sua vez, o

Gabinete do Primeiro Mandatário da Nação declarava que "nada havia acontecido na Polícia". Dois dias depois, segunda-feira, dia 10, uma notícia se alastrou rapidamente pela capital: a guarnição de Concepcion — a segunda cidade da República — se sublevara, comandada por chefes militares desgostosos com a situação. A' revolução ade-



riram, imediatamente, febreristas e comunistas e as sucessivas adesões — por exemplo, do Exército do Chaco — vieram provar que as forças armadas do país estavam cindidas. Rápidos avanços dos revolucionários e, por fim, as posições se firmam atualmente numa linha de frente de apenas oitenta quilômetros, começando no rio Paraguai e se estendendo para leste, entre as cidades de San Pedro e de Concepcion.

O MAJOR AGUIRRE E OUTROS ASSUNTOS

Um dos chefes do movimento, major Cesar Aguirre, veio ao Brasil. Desejava explicar ao povo brasileiro o "porque" da Revolução. Foi preso. Enquanto isso, o movimento subversivo recebe novas adesões: Obdulio Barthes, líder comunista, deu todo o seu apoio aos rebeldes e seguiu para Concepcion. Num hidro-avião, Rafael Franco — autor do decreto-lei 150 que proibia as atividades na República do Partido Comunista, — organizador e chefe da Concentração Febrerista, empreendeu seu romanesco e ousado vôo ao Q. G. dos rebeldes. Os liberais mantêm-se indecisos. Enquanto uma ala deste partido adere à sublevação, outra permanece tranquilamente pixando paredes e sofrendo as medidas drásticas da polícia de Morinigo.

PORQUE O GOVERNO ATACOU A MARINHA

Numa correspondência, que tive ocasião de enviar de Assunção para um jornal do Rio de Janeiro, focalizei com as seguintes palavras o que realmente sucedeu com a Marinha Paraguai. Afirma-se que não se revoltaram os marinheiros de Puerto Sajonia. Havia, porém, a certeza de que eles não queriam combater os rebeldes e, de uma hora para outra, poderiam se colocar ao lado destes. O governo, temeroso dessa neutralidade, resolveu forçar uma decisão. A ordem era massacrar de surpresa a Marinha. Esta lutou, mas acabou se rendendo. As cadelas estão cheias de presos. Em Assunção, prevalece uma triplíce censura, — policial, militar e política, sobre todas as comunicações, — rádio, telegrafo, telefone, jornais, cartas, etc. Mas apesar disso todas as noites aparecem paredes pixadas, com insultos dirigidos ao ditador. A's vezes, os dizeres são ultra-pornográficos. Os cartazes mais discretos são os de "colorados" dissidentes, que dizem: "Colorado, si. Morinigo, no".

MORINIGO VERSUS PARTIDO COLORADO

Possivelmente Morinigo, apoiado pelo Partido Colorado, esmagará os revoltosos de Concepcion, e isso devido ao fato de viverem os rebeldes em constante desavenças: ora são liberais que não se entendem com os comunistas, ora os febreristas que se não fazem compreender pelos liberais. No meio de tudo, os militares, mescala de febre-comunoliberais. Conta o ditador, no momento, com uma bem equipada força regular do Exército, a 2.ª Divisão de Cavalaria, sediada em Campo Grande, a 15 quilômetros de Assunção: um exército de 5.000 soldados, imobilizados em posições situadas ao norte da cidade de São Pedro; 5.000 policiais e milicianos colorados incorporados à Polícia na capital, três aviões e forças improvisadas do Partido Colorado aquarteladas em várias cidades do interior.

Mas, o problema da sucessão presidencial já se faz sentir. A união artificial de Morinigo com os colorados está por um fio. Desejando perpetuar-se no poder, o ditador conta contra ele os membros mais fortes do Partido Colorado — agrupados numa ala que recebeu o nome de "Gulon Rojo", traço-vermelho, terrorista e implacável — que já indicou seu próprio candidato às futuras eleições: Natalicio Gonzalez, de tendências francamente fascistas.

Numa batalha eleitoral, honesta e livre, os liberais teriam inteira possibilidade de vitória, pois contam com 125.000 dos 240.000 eleitores paraguaios, cabendo às demais instituições políticas os seguintes números: Colorados: 80.000 eleitores; Febreristas: 25.000 e comunistas: 10.000. Todavia, compreendendo a importância desses números, uma guerra sem quartel vem sendo movida pelos colorados às demais organizações: fusilamento, internamento em campo de concentração, prisão sem mandato judicial e deportação sumária para a Argentina, são meios utilizados pelo "Gulon Rojo" para destruir as três organizações políticas adversárias.

No sul do país, em poder dos governistas, o descontentamento é geral. "Montoneras" (guerrilhas) lutam em Villarrica. O movimento subterrâneo contra Morinigo e o "Gulon Rojo", dia a dia, ganha intensidade. Os líderes da resistência já começam a articular suas forças. A miséria e a fome, que reinam soberanas no Paraguai, é um fator de suma importância a favor dos revoltosos. Resta, apenas, que os liberais se decidam a apoiar o movimento de Concepcion. Enquanto isso, o governo utiliza todos os meios aos seus alcances para desorganizar seus inimigos.

Essa é a luta que Morinigo desenvolve contra seus adversários. Economicamente dominado pela Argentina — 90 por cento dos artigos manufaturados que se compram no Paraguai são fabricados na Argentina — que detem toda a produção de tanino do Chaco Boreal e 80 por cento da produção nacional de mate, além de pertencerem a capitais argentinos as estradas de ferro existentes do país, o Paraguai se debate, no momento, em sua mais séria crise político-econômica, detendo o governo em seu poder, através de uma arbitrariedade política financeira, todas as cambiais e divisas que, se anteriormente manejadas pelos particulares dava uma margem de lucro de dois por cento, devem pagar agora 10 por cento ao Banco do Paraguai, organismo estatal que controla a vida financeira da Nação.



— Não vim aqui para ouvir insultos ! Especialmente tendo descoberto o melhor aparelho para achar agulhas !



— Alô, Alfredo ! Você está me ouvindo?

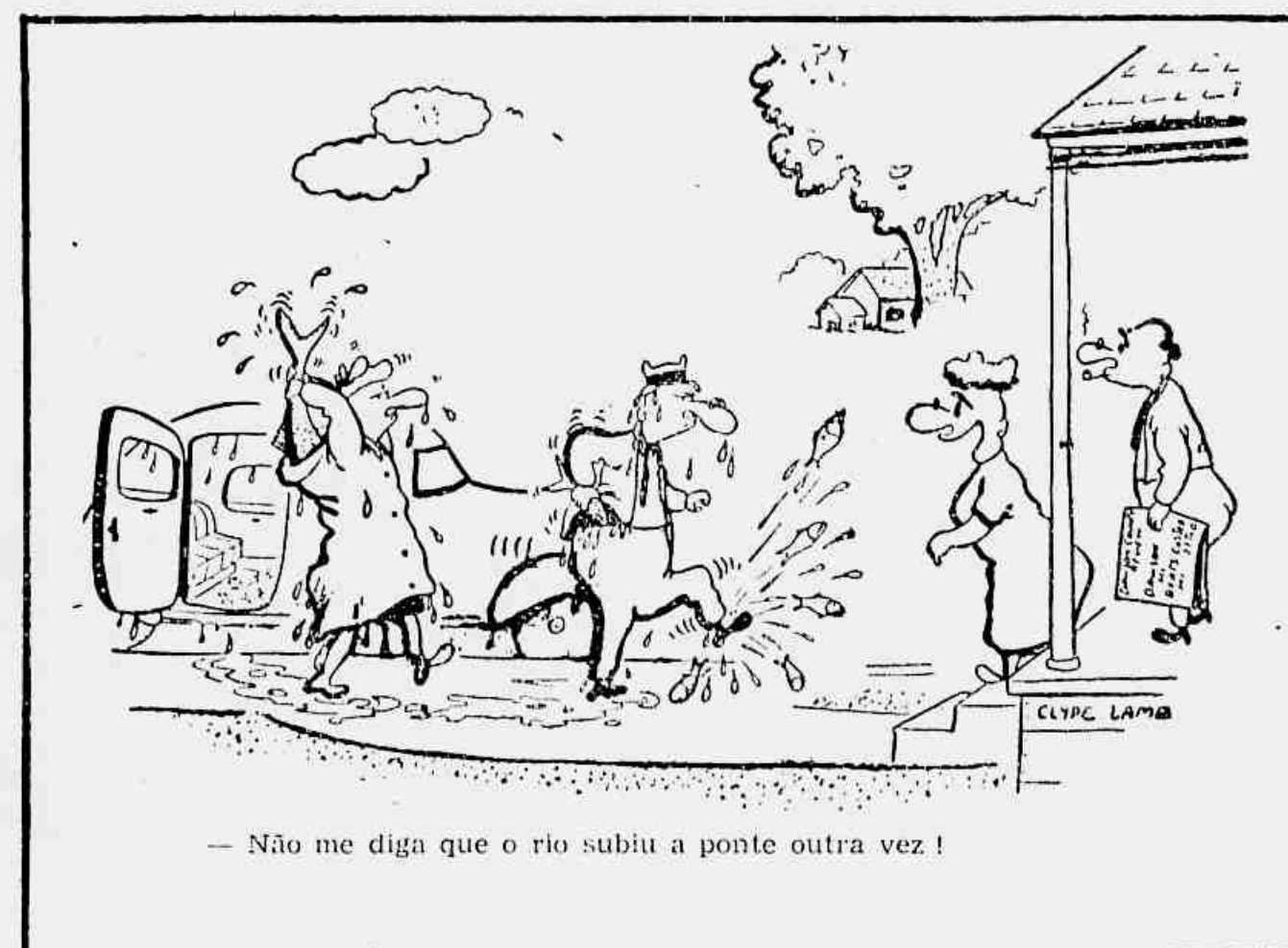
BOM HUMOR



— Veja ! Os convites para o casamento que lhe dei para pôr no Correio há dois meses atrás !



— Por que você não lhe dá dez cruzeiros e não diz a ela que vá ao cinema sózinha?



— Não me diga que o rio subiu a ponte outra vez !



— "... e então o pai de Emilia e Janjão chegou em casa, muito feliz por voltar ao encantador convívio dos queridos filhinhos..."

SETE de Setembro de 1822. Marca de sucesso que, entregando a um país a sua Independência, por esta promoveu a larga e a subita. Assim de um dia para outro as capitanias de origem colonial viram-se promovidas a províncias de Império imenso.

Santa Catarina, contando história desde primórdios da colonização brasileira, passou de capitania subalterna a província igualmente irmã de todas as outras províncias do Império.

Em 1824 apresentava a província catarinense três vilas, uma na ilha maior de Santa Catarina, outra na menor de S. Francisco, outra no continente, a saber as vilas de N. S. do Desterro, de S. Francisco e da Laguna, todas parte da comarca sul-rio-grandense de Porto Alegre.

Para a vida de seus povos em 1824 cada uma das vilas contribuía com indústria e comércio diferentes. Desterro tinha olarias e fábricas de tecidos de linho e algodão muito afamados. Nas Côrtes de Lisboa, em 1812, o primeiro deputado catarinense, o padre Lourenço Rodrigues de Andrade apresentou-se vestido com roupa de algodão tecido no Desterro, causando surpresa a colegas constituintes desejosos de recolonizar o Brasil.

A vila de S. Francisco era mais de agricultura que de indústria, dela os habitantes muito cultivadores, sobretudo de milho, mandioca e arroz.

Sem deixar de agricultura, a gente da Laguna, à margem oriental de lago, eram naturalmente levados a pesca e a obtinham abundante em Novembro e Dezembro de cada ano.

Em 1824 Laguna era centro comercial de importância, contando a vila, de forma quadrada, três ruas paralelas e outras três cortando aquelas em ângulo reto, todas as ruas com casas de pedra e bastantes de sobrado.

A vila do Desterro, tal desde 1726, subiu a cidade em 1823, conservando o nome de Desterro até 1894.

S. Francisco, sob o orago de N. S. da Graça, via-se com fôros de cidade em 1847, ao mesmo tempo que Laguna. Ficou S. Francisco sob o patrocínio de Santo Antonio dos Anjos, nessa preocupação brasileira, e bem antiga, de dar sêto religioso aos seus empreendimentos.

Em 1823 começava Santa Catarina vida política principalmente a ela chamada pela reunião de Constituinte no Rio de Janeiro, assembleia onde a província devia ter representante.

Foi êle Diogo Duarte Silva, inspetor da Tesouraria de Fazenda no Desterro.

Dizer nascida vida pública política em qualquer parte do mundo civilizado, é dizer partidos, lutas pelo poder, oposição, adversários fiéis ao adágio de não poupar inimigos para não lhes morrer às mãos.

Duarte Silva o soube. Apenas eleito deputado contestavam-lhe o diploma, com uma série de alegações, uma baírrista, a de não ser o deputado um catarinense e sim brasileiro adotivo, com serviços à Independência.

A política é teatro, e nele em 1831 saiu de cena o Primeiro Reinado, substituído pela Regência. Houve mudança de quadros, a maioria dos atores políticos da Regência entretanto de papel no Primeiro Reinado.

Em 1840 nova mutação de cena; a maioridade. Distribuiu esta o papel de protagonista o verdadeiro príncipe, aos príncipes do palco não competindo linhagem, apenas trajas régios de ocasião e camarim.

Administrada por governadores no tempo colonial, no Império conheceu Santa Catarina o presidente da província como mais alta autoridade. Ser tal, em qualquer parte do Brasil extenso, equivalia a governar terras muito maiores que uns tantos países da Europa. Assim o presidente de Santa Catarina governava província maior que os países sobre os quais reinava o soberano de Portugal ou da Bélgica.



Um ilustre catarinense. O senador José da Silva Mafra. (Ilha de São Francisco 1788 — Rio de Janeiro 1871)

Em Novembro de 1826 conheceu o Desterro, embora de passagem, a primeira figura do Império, D. Pedro I. Ia para o sul, a vêr com os próprios olhos, o estado de guerra nada feliz, a guerra platina. Era, pois, D. Pedro um viajante preocupado entre os festejos com os quais Desterro o recebeu.

Houve no Império e seu período regencial tentativas de estabelecimentos de republicas efêmeras. Teve Santa Catarina república daquela espécie na Regência e seu fervoroso de lutas civis, delas maior a Farroupilha inchoada no Rio Grande do Sul e daí estendendo-se a Santa Catarina.

Os Farrapos ali proclamaram em Laguna a República Juliana, proclamada em Julho de 1839, declarando Santa Catarina, Estado livre e republicano. A Juliana teve armas, bandeira, presidente, vice-presidente, escolhidos por eleição e ministério.

Justo a 15 de Novembro de 1839, retomada a Laguna por forças legais do exército e armada, a República Juliana, deixou de existir, reintegrada Santa Catarina na unidade nacional. Tal sucedeu no Rio Grande do Sul em 1845, o general Andréa restaurador da ordem e da coesão pátria em Santa Catarina, o general Caxias fazendo o mesmo nos pampas.

Em Outubro de 1845 resolveu D. Pedro II, visitar ao sul do país, em companhia da imperatriz D. Tereza Cristina, esta havia pouco em pátria adotiva.

Compoz-se esquadra de oito navios dos quais foi capitanea a fragata Constituição, que transportara a Imperatriz de Nápoles a núpcias no Rio de Janeiro.

Ao comando do chefe de esquadra Grenfell, partindo da Guanabara a 6 de Outubro de 1845, a esquadra navegou para Santa Catarina. Os vapores e os veleiros da esquadra chegaram à província em data duplamente memorável, 12 de Outubro. Marcava o natalício e a aclamação de D. Pedro I, sucessos envolvidos em efemeride capital, a do descobrimento da América.

Os catarinenses já tinham notícia da chegada da importante visita por um navio, o **Paquete do Norte**.

Desterro preparou-se para recebimento. Levantou arcos, ergueu colunas, tudo com alegorias e disticos, mobilizou guarda nacional, e esperou.

Não pôde a fragata Constituição chegar ao ancoradouro do Desterro. O vapor Imperatriz, componente da esquadra como o vapor **Paquete do Norte**, levou os passageiros

ESCRAGNOLLE DORIA

imperiais a desembarque na capital catarinense. Nesta reuniu-se para recepção o que o Desterro tinha de fina flor oficial e social, à frente de todos o presidente da província, o marechal Antero José Ferreira de Brito. Nem faltou ao desembarque no trapiche da alfandega de quem se convidava para todas as festas de ar livre: o povo.

Demorou-se D. Pedro II na província de 12 de Outubro a 7 de Novembro de 1845, prodígios os catarinenses em demonstrações de contentamento, mostra de cultura e requintes de sensibilidade e gentileza.

Quizeram ir, imperador e a imperatriz às águas termais de Caldas, descobertas por Manoel Machado. Chegaram, D. Pedro II e D. Tereza Cristina às margens do rio Cubatão sem ponte, e pois sem meios para atravessar a corrente.

Os moradores do outro lado porém, haviam formado balsa, ajuntando duas canoas, a balsa tapizada de flores e de chales.

Duas filas de homens entraram náguas e atravessaram o rio puxando a balsa servindo-se de sirgas presas às canoas.

Pisando margem oposta, D. Pedro e D. Tereza foram cobertos por nuvem de flores atiradas por cem senhoras. A visita às Caldas deixou a estas o nome até hoje perdurado de Caldas da Imperatriz.

Oito de Novembro de 1845 assinalou o fim da presença imperial em Santa Catarina, fazendo-se de vapor e vela a esquadra de transporte para alcançar o Rio Grande do Sul a 10 de Novembro, chegando à praia da vila de São José do Norte.

Correndo a província em alguns de seus pontos, demorou-se D. Pedro no Rio Grande do Sul até 7 de Dezembro de 1845, recebido em toda parte com prazer e cavalheirismo.

Na viagem de retorno demorou-se em Santa Catarina o imperador, de 13 a 17 de Fevereiro de 1846, do Desterro indo a Santos e a São Paulo, visitou São João de Ipanema, Campinas, Itú, tornando a São Paulo, descido a Santos, aportado ao Rio de Janeiro a 26 de Abril de 1840.

Da viagem toda, das escalas em Santa Catarina, conservaram sempre D. Pedro e sua consorte as mais gratas impressões e repetidamente sempre as externaram.

Após as visitas imperiais de ida e regresso, voltou Santa Catarina à vida normal e à vida política para cuja pintura não há etopela que baste.

No Império os partidos dominantes eram apenas dois, o liberal e o conservador. Ambos recebiam alcunhas e assim acontecia aos grupos que os formavam.

Em Santa Catarina o partido liberal ficou sendo o **Judeu** e o partido conservador o **Cristão**, à frente do primeiro o dr. Joaquim Augusto do Livramento e do segundo o brigadeiro Jeronimo Francisco Coelho. Catarinenses os dois chefes, tinham ambos vida intemerata, como se a requer de quem chefia e orienta.

Com maior ou menor operação, judeus e cristãos se combateram até o termo do Império e na história deste, Santa Catarina, de tradição belicosa, soube manter esta na guerra do Paraguai. Para atestá-lo a posteris ergueu-se no Desterro um monumento à memória dos militares catarinenses mortos na campanha contra Lopes, entre aqueles mortos o coronel Fernando Machado, caído em Itororó e sua tão disputada ponte.

Começado a levantar na presidência do dr. João Thomé da Silva, foi o monumento terminado na presidência do futuro visconde de Taunay, soldado e narrador da Retirada da Laguna, bem nos casos pois de compreender a significação da obra comemorativa iniciada pelo seu antecessor na presidência.

Aí ficam umas poucas das muitas memoráveis lembranças encontradas na história catarinense. Sem proveito ninguém lhe lerá as páginas.

SANTA CATARINA DE OUTRORA



Bidú Sayão, uma das figuras de destaque do elenco do Metropolitan, ela já ousou enfileirar-se entre os renovadores, interpretando "Pelleas et Melisande", de Debussy.

NÃO falta quem sustente que a época áurea da ópera já passou. Já temos comentado essas afirmações. Trouxemos, mesmo, colhidas na imprensa americana, as opiniões de algumas das maiores autoridades a respeito dos rumos atuais da arte lírica. Assim, tivemos, em primeiro lugar, um "enquete" em que as forças ficaram divididas num rigoroso empate. Depois, numa entrevista mais extensa, transcrevemos as declarações do soprano Zinka Milanov, que defendeu com veemência os cantores contemporâneos.

Teremos que focalizar o assunto, agora, sob outro ângulo. Não se trata, aqui da qualidade dos espetáculos apresentados e sim das possibilidades de fazer com que os teatros atendam às exigências do grande público que ainda assiste ópera. O mais interessante, porém, é que o projeto, em vez de partir de um arquiteto, vem formulado por um crítico musical. Evidentemente, há muitos claros a preencher nas indicações gerais de Howard Taubman, mas este jornalista, que há muitos anos vem estudando o problema, chegou, certamente, a conclusões importantes no que diz respeito a uma série de qualidades que ficam faltando em grande parte dos teatros destinados, especialmente, à ópera.

Norina Greco, soprano internacionalmente famosa, representa a ópera no que ela tem de mais tradicional.



MÚSICA

ÓPERA PARA O POVO

RECEITA PARA UMA NOVA ESPÉCIE DE TÉATRO - AUDÁCIA, INOVAÇÃO E CULTURA — O LUGAR DOS CÉGOS E A CAPACIDADE DAS CASAS DE ESPETÁCULO — A FERRADURA DOURADA E OS CINCO ANDARES COM CAMAROTES

Roberto Lyra Filho

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")



Preocupou-se mais com o Metropolitan de Nova Iorque do que com qualquer outro teatro, porém suas observações tem um caráter genérico e se aplicariam, em sua maior parte, ao nosso Teatro Municipal, donde a oportunidade da divulgação das reflexões de Taubman.

RECEITA PARA UMA NOVA ESPECIE DE ÓPERA

— No passado, explicou Taubman, os teatros de ópera eram construídos para uma elite, ou para a nobreza. Em outras palavras, tratava-se, em primeiro lugar, de construir uma série de camarotes, com poltronas confortáveis, relegando a importância secundária as localidades ao alcance do povo e mesmo o palco e outras instalações que facilitassem a solução das dificuldades puramente artísticas.

E, prosseguindo, esclareceu:

— Em algumas cidades da Europa, os teatros de ópera chegam a ter cinco andares de camarotes. Esse arranjo, nos teatros antigos, visava acomodar o rei e toda a corte, preservada a necessária hierarquia. O Metropolitan, construído por um grupo de famílias riquíssimas, tinha, à época de sua inauguração, nada menos de três andares com camarotes e doze frisas. Hoje só resta um andar — apelidado "a ferradura dourada" — e mesmo este não é mais símbolo de privilégios da riqueza.

ÓPERA PARA O POVO

Salientado a característica fundamental das novas casas de espetáculo, Taubman concluiu:

— O novo teatro de ópera deve ser construído para o prazer e conforto do público médio. Todas as localidades devem oferecer iguais possibilidades de audição e visão perfeita. Há lugares, no Metropolitan em que, torcendo-se o pescoço, enxerga-se uma nesga do palco. E não falta os que, das galerias, arriscam as vidas, inclinando-se para apreciar o que se passa lá em baixo, no palco...

Essa observação não pode deixar de nos lembrar os famosos "lugares de cego", do nosso Municipal; filas laterais donde se enxerga unicamente... a fila que existe de frente...

Outro ponto ferido no comentário de Taubman foi o caso da capacidade dos teatros.

— O teatro contemporâneo tem que ter forçosamente muito maior capacidade do que o antigo. Isso se torna evidente em toda a minha argumentação a favor de uma participação cada vez maior do povo constituído de gente menos favorecida em matéria econômica. Assim, o Metropolitan, com seus 3.400 lugares me parece insuficiente. Aliás, há um fator decisivo que é, justamente, a renda que um teatro subvencionado precisa retirar, afim de poder fazer face às exigências de grandes montagens, melhores elencos.

AUDÁCIA, INOVAÇÃO E CULTURA

Howard Taubman prosseguiu, tratando de outro caso, que reproduz circunstâncias perfeitamente idênticas às que prevalecem aqui, no Teatro Municipal. Trata-se do repertório, cenário, montagens e elenco.

— Os cenários, as luzes e os trajes são sempre os mesmos. Ora, novas aquisições da técnica poderiam contribuir substancialmente para dar às velhas óperas um brilho moderno. Compreendo que muitos saudosistas querem ver tudo exatamente como era feito em 1800. Mas é por isso mesmo, por se apegarem a anacronismos lamentáveis, que as óperas atualmente apresentam um panorama de suposta decadência. É preciso modernizar a sua apresentação. Quem pensaria em apresentar uma peça teatral do século passado, forçando as mesmas dificuldades técnicas



Renée Mazella, que triunfou no Colon, de Buenos Aires, e agora canta no novo quadro do Metropolitan.

hoje ultrapassadas? Mas na ópera não é assim. O passado comanda.

Reafirmando a sua fé nas possibilidades de progresso do gênero, Taubman aludiu, ainda, ao caso do idioma em que são cantadas as óperas.

— Em quase todos os países do mundo, os libretos são traduzidos. Somente em pouquíssimos centros culturais, há esse escrúpulo nocivo de manter a língua original do compositor.

(O Brasil, aliás, é um deles...)

Explicando com maiores detalhes o seu ponto de vista, Taubman acrescentou:

— A exata compreensão do que se vai passando em cena contribui especialmente para a apreciação adequada do espetáculo. Assim, todas as dificuldades que há, com efeito, na tradução, devem ser consideradas menos importantes do que o fato de tornar compreensível aos espectadores as palavras dos cantores. Assim, especialmente na ópera moderna, o drama lírico, que dá extraordinária importância ao elenco dramático, limitando-se a sublinhá-lo com a música.

Leonard Warren, cantor do Metropolitan, que também já se fez aplaudir no Brasil e que tem sido chamado "o novo Tita Ruffo".



SUSAN HAYWARD,

A "SEREIA" QUE TEVE GÊMEOS...

A PEQUENA DE HOLLYWOOD QUE MAIS TEM POSADO "LEG ART" E SIDO FOTOGRAFADA EM ROUPA DE BANHO É UMA EXCELENTE ESPÔSA E MÃE — DEPOIMENTO DA SENHORA JESS BAKER — Por LUIZ SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

Hollywood, maio — Acabo de entrevistar-me com uma das mais lindas e jovens "estrelas" de Hollywood. Seu nome é Susan Hayward ela acaba de conseguir, com o seu desempenho em "Desespero" (Smash-up), seu último filme para a Universal, com imenso cartaz, colocando-se ao lado das maiores atrizes da terra do cinema. E agora pretende levar o seu nome mais longe, firmando-o cada vez mais nos círculos artísticos de Hollywood. Essa é a impressão que dela é confirmada pela inclusão do seu nome no elenco de uma grande película. Trata-se de "The lost love" O seu papel de "Tina", nesse celuloide, vai apresentá-la na tela num outro tipo de mulher emocional e desta vez a história terá como cenário Veneza, a cidade italiana dos famosos canais.

Em palestra: Susan Hayward disse-me que foi para a capital do cinema pela primeira vez como candidata ao papel de Scarlett O'Hara em "E o Vento Levou" (Gone with the wind). Não conseguiu obter esse papel mas deixou-se ficar em Hollywood, na doce esperança de algum dia triunfar como atriz cinematográfica. Agora, pode a jovem "estrela" dizer que realizou o seu desejo antigo. E' hoje uma grande atriz da tela.

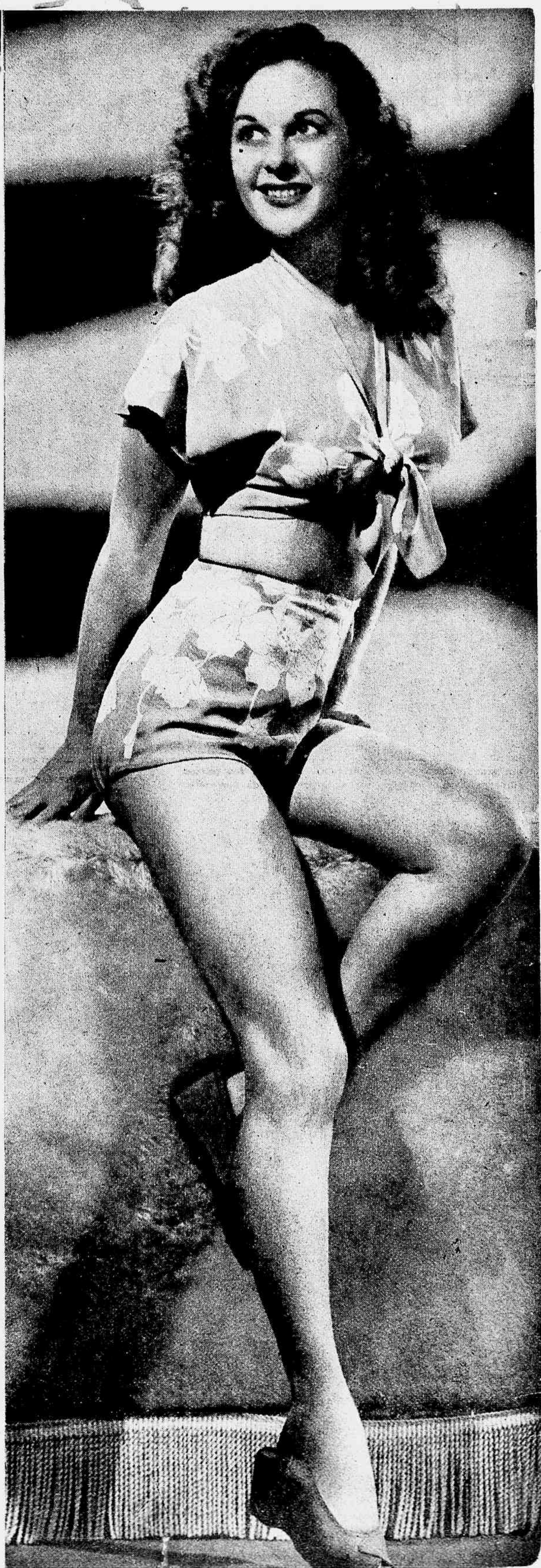
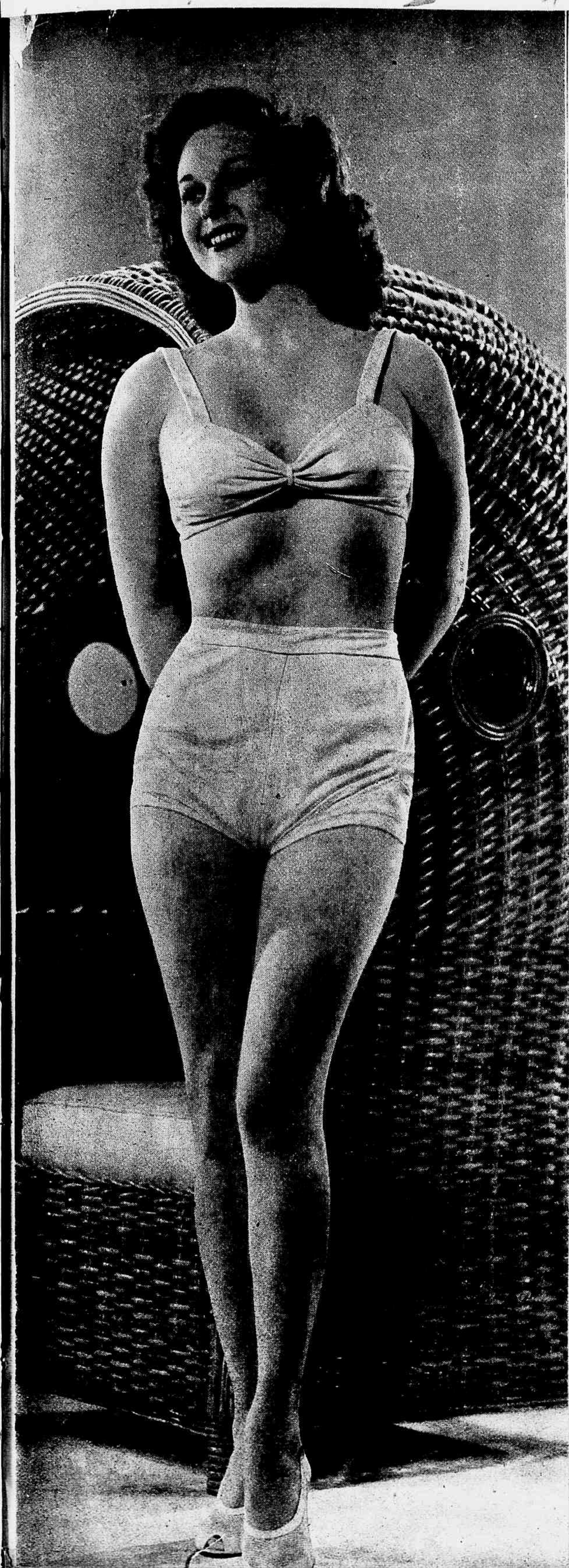
Susan é nova-yorkina, de Brooklyn. Frequentou a escola pública n. 181, daquele bairro, e fez, mais tarde, o curso comercial na Brooklyn Girls Commercial High School. Quando tinha dezoito anos de idade ganhou um prêmio de 75 dólares. A mocinha de então pôs o dinheiro no banco e

ficou pensando o que faria dele. Finalmente, tirou-o do banco e foi se instalar no coração de Nova York, com o firme propósito de trabalhar na Broadway. Mas logo compreendeu que a coisa não era tão fácil como havia imaginado. Os produtores e empresários não se mostraram impressionados com a sua bela figurinha de menina-e-moça. Queriam "experiência". Perguntavam-lhe se tinha "treino". A conselho de um amigo, matriculou-se numa escola de arte dramática a fim de adquirir aquilo de que os empresários falavam tanto: tirocínio. Mas o problema financeiro veio complicar as coisas. Susan viu com tristeza que o dinheiro ia diminuindo dia a dia. Por fim, foi obrigada a procurar um emprego. E arranhou-o, onde trabalhar como modelo. Esse emprego foi para ela uma espécie de trampolim, de onde pôde saltar facilmente para o cinema de Hollywood. Tudo aconteceu da maneira mais simples e natural do mundo. O diretor George Cukor viu o seu retrato numa revista de larga circulação e procurou convencê-la a fazer um "test" para o papel de "Scarlett O'Hara". Submetida aos clássicos "tests" cinematográficos foi considerada pelos técnicos inexperiente e muito jovem para o papel. Continuavam a dizer que ela não tinha, ainda, experiência da vida...

Contudo, foi contratada e ficou à espera de outro papel que lhe fosse mais adequado. A Warner Brothers cobigou-a e começou a lhe dar algumas oportunidades, mas apenas em papéis secundários. Quando, porém, Susan

Ao lado, Susan Hayward, como apareceu no recente filme da Universal, "Paixão Selvagem" (com Dana Andrews e Brian Donlevy) e, em baixo, quando falava a Luis Serrano, correspondente especial de "Revista da Semana" em Hollywood, à porta do seu camarim. Na página ao lado, dois flagrantes em que a publicidade das companhias cinematográficas nos mostram a senhora Jess Baker, mãe de dois gêmeos, como se fôsse uma "sereia" das praias da Califórnia.







Em cima: um "close-up" de Susan Hayward em "Morte ao amanhecer" e, em uma das cenas de "Desespero" (Snash-up), com Eddie Albert, ator que não vimos no cinema desde que acabou a guerra.

Hayward se passou para a Paramount e que neste estúdio foi incluída no elenco da refilmagem de "Beau Geste", a jovem de Brooklyn conquistou milhões de "fans" e deu um grande passo para o "estrelato". A seguir fez outros filmes, nos quais continuou a distinguir-se cada vez mais. Por fim conseguiu um ruído sucesso no filme "Os quatro filhos de Adão", fazendo o papel de uma mulher perdida, ao lado de Ingrid Bergman e Warner Baxter. De então para cá foi rápida a sua ascensão. Entre os filmes em que mais se distinguiu citaremos aqui os seguintes: "Casei-me com uma feiticeira", "Vendaval de paixões", "Carnaval de estrelas", "Morte ao amanhecer" e, recentemente, "Paixão selvagem". Neste último filme, da Universal, é ela a "leading lady" de Dana Andrews.

Em 1944 Susan Hayward se casou com o ator Jess Barker. O casal tem dois filhos gêmeos, os quais receberam na pia batismal os nomes de Gregory e Timothy.

A jovem "estrela" aprecia muito a equitação e a natação. São estes os seus esportes prediletos. Quanto a vestuário prefere vestidos pretos ou brancos, os dois extremos. Póde ser considerada uma verdadeira "brookworm", pois é uma das atrizes de Hollywood que mais lê Thomas Wolfe é o seu autor favorito. O ator de sua preferência é, naturalmente, o seu marido, Jess Barker. Quanto ao seu sexo, a preferência recai sobre Ingrid Bergman. O seu maior desejo atualmente é viajar e conhecer terras. Mas presentemente isso é quase impossível, pois está muito

ocupada com o seu futuro artístico, com os filhos e com o marido...

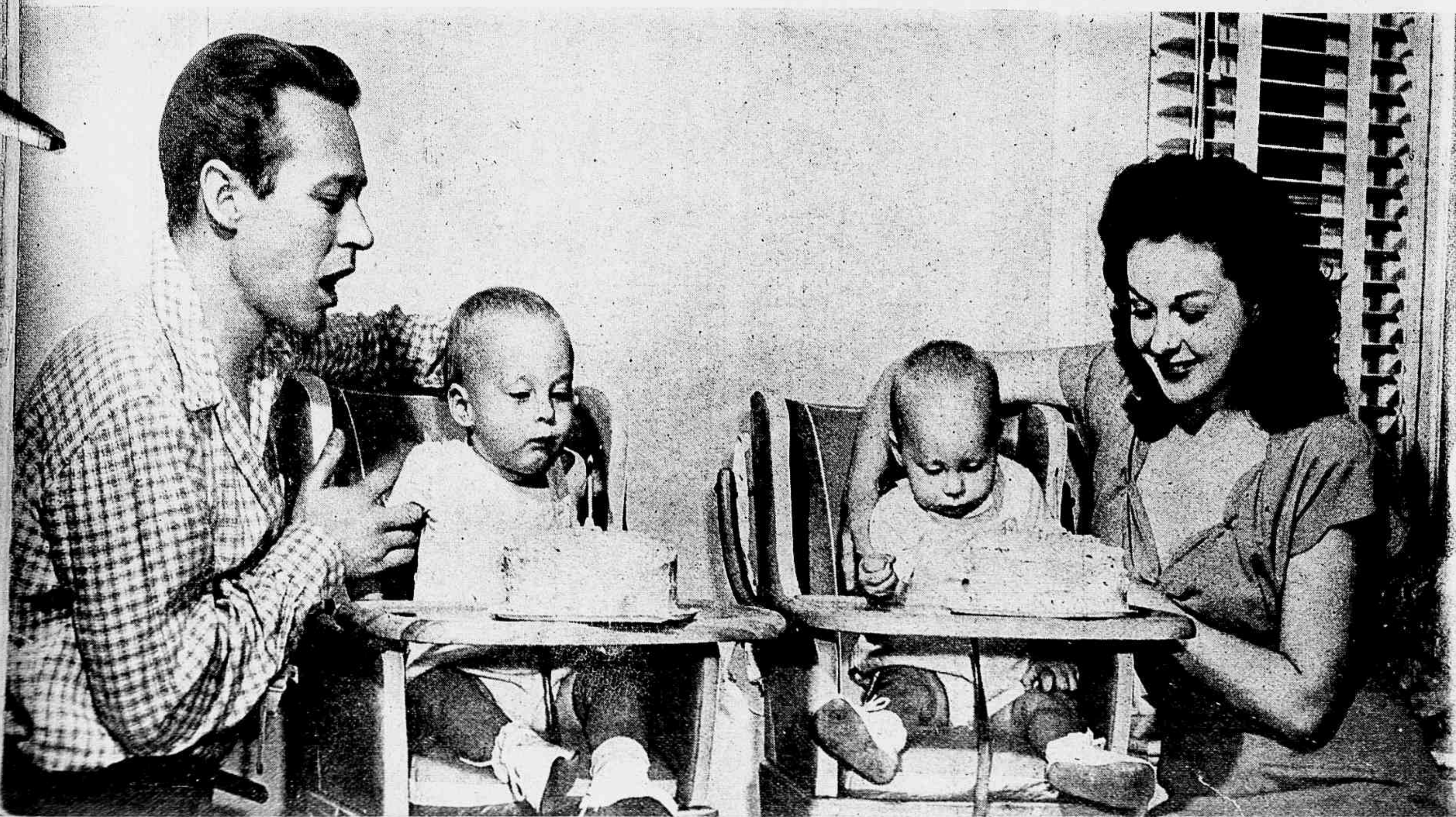
— Sou felicíssima na minha vida conjugal, — disse-me Susan. — Entre nós dois não há rivalidade artística. Jess Barker, meu marido, é um ator jovem, com grandes probabilidades de se tornar muito popular. Eu comeci primeiro do que ele e, sendo mulher, tive outras possibilidades. Mas sei que ele também irá longe...

Muito caseira Susan raras vezes é vista em "cabarets" ou "night-clubs".

— Quem me vê sempre fotografada em trajes de banho deve pensar que eu sou uma "sereia" ou uma boa da

(Continua na página 54)

Em baixo: Susan Hayward, a mãe de família, com seu marido, o ator Jess Baker, e seus gêmeos, Gregory e Timothy, agora bem mais crescidos.



CHEGOU até aos empregados do escritório de Herr Schopenhauer a notícia de que seu patrão se tornara pai de um menino. "Se o menino for como o senhor Henrique", murmurou um dos amanuenses ao vizinho da escrivaninha alta, "há-de parecer-se com um bugio".

— Psiu, aí vem o patrão.

— Podemos falar. O velho é completamente surdo.

— Para um homem que nos escraviza durante quinze horas por dia, Henrique Schopenhauer tem uma estranha divisa no braço de sua família — Não há felicidade sem liberdade. Liberdade... Essa é boa!

Os Schopenhauer eram gente estranha e engenhosa. Repetiam todos, ainda, a história do Velho André, bisavô de Henrique, que hospedara Pedro o Grande e a sua imperatriz quando de sua visita à cidade imperial de Danzig. A família real escolhera para dormir, um quarto sem aquecedor e sem lareira, numa noite extremamente fria. André, todavia, não se perturbou. Levou para o quarto uma carga de pipas cheias de aguardente, esvasiou-as sobre o pavimento de lajes e ateou fogo. Depois, tomaram-se precauções para impedir que o fogo se alastrasse. Fechou-se o quarto e os hóspedes recolheram-se a uma outra seção da casa até ficar o ar completamente aquecido, quando o Czar Pedro e sua esposa tornaram a entrar no quarto, este se encontrava deliciosamente quente e cheio de vapores. Passaram uma noite confortável.

O neto, Henrique, era engociante rico e independente. Como Frederico o Grande nutria certas intenções no referente à cidade de Danzig a fim de captar as simpatias de seus cidadãos mais preeminentes, convidara-os a visitá-lo em seu gabinete real. Conhecera Henrique e agradara-se dele, oferecendo-lhe um cargo lucrativo. Mas o comerciante recusara a oferta. Não quisera aceitar proteção de um homem que ameaçava a liberdade de sua cidade.

Depois, os piores receios de Henrique se realizaram. Os prussianos invadiram Danzig e o negociante foi obrigado a fugir para Hamburgo em companhia de sua jovem e bonita esposa, Joana. O filho deles, Arthur, tinha, naquela ocasião, cinco anos de idade.

Arthur era o único filho homem de Henrique e como Dombey, esperava transformá-lo um dia, num negociante como ele. Não viveu, porém, para ver realizadas as suas esperanças. Debruçou-se, um dia, demasiadamente sobre uma janela do sótão, escorregou e caiu no canal. Afogou-se instantaneamente. O menino ficou órfão de pai aos dezessete anos. A mãe, bonita, jovem, alegre, nunca fôra fiel ao marido. De fato acreditava-se que Henrique se tivesse suicidado.

Após a morte do pai, Arthur fez o que pôde para seguir uma carreira comercial. Desejava ser fiel à memória do pai. Execrava, todavia, o seu trabalho. Era um rapaz melancólico. Jamais conseguiu apartar do espírito a horrível história da morte do pai, que fôra o seu único amigo. Não apreciava a pequena inconstante mariposa social que era sua mãe. O pai também não gostara dela, e ela levava-o à morte.

A jovem viúva, que lograra popularidade como novelista e notoriedade como praticante do amor livre, passou à atmosfera congenial de Weimar, centro literário e artístico da Alemanha. Lá organizou um salão e nele recebia todas as celebridades com o seu espírito cintilante e o seu sorriso ostentativo. Ao próprio Goethe não desagradava figurar entre os que a visitavam. Mas o desprêzo do filho por ela, aumentou com os anos. Ele estabeleceu-se em Danzig, atendeu aos negócios do pai e, à semelhança de Hamlet, pôs-se a ponderar, taciturno, sobre "o pesar de seu pai e a vergonha de sua mãe".

Frau Schopenhauer, por sua parte, mandou-lhe cartas insultuosas. Detestava-o tão cordialmente quanto ele a ela. Dava-lhe grande prazer atormentá-lo. "Você é insuportável". E em outra missiva, quando Napoleão entrou em Weimar com o seu exército: "Eu poderia relatar-lhe muitas coisas que o deixariam com os cabelos em pé. Mas abstenho-me de proporcionar-lhe tal satisfação, por-



A VIDA DE SCHOPENHAUER

(1788 - 1860)

que sei quanto você gosta de esquadri-nhar as misérias humanas".

Seu filho era um monstro, dizia ela. Deixava-a confundida; amedrontava-a. De certa feita, como ele planejasse visitá-la em Weimar, ela escreveu apressadamente: "Gosto de saber da sua felicidade. Mas não desejo ser testemunha dela. Não quero ocultar-lhe a verdade... Eu preferiria sacrificar o que quer que fosse a consentir que você viesse para cá... Eu sempre lhe disse que é difícil viver com você... O seu mau humor, as suas queixas a propósito de coisas inevitáveis, os seus olhares taciturnos, as opiniões extraordinárias que expressa, como oráculo que ninguém se atreve a contradizer — tudo isso me deprime e perturba... Os seus eternos sofismas e seus lamentos acerca da estupidez do mundo e dos sofrimentos da humanidade, fazem-me passar mal as noites e trazem-me pesadelos".

A pouco e pouco, a hostilidade entre mãe e filho cresceu e transformou-se em ódio. E por odiar a mãe veio Schopenhauer a odiar toda a gente. "Desde o primeiro alvorecer de meu pensamento", escreveu, "senti-me em desacôrdo com o mundo".

II

Infeliz na escolha de uma carreira comercial, abandonou-a, por fim, e mergulhou no estudo dos clássicos no Ginásio de Gotha. Mas tendo disputado com um dos professores pediu demissão do ginásio.

Entrou, então na Universidade de Göttingen, onde continuou a sua instrução com voraz apetite. Tudo era trigo para o moinho de seu espírito. Leu livros sobre história, história natural, mineralogia, física, botânica, filosofia, astronomia, fisiologia, etnografia e jurisprudência. E chegou à conclusão de que "o mundo morto de um escritor brilhante vale, incomparavelmente, mais que a voz viva de um professor idiota". De Göttingen passou à Universidade de Berlim. Felizmente deixara-lhe, o pai, rendimento suficiente, de sorte que lhe foi possível entregar-se às suas manias mentais. Essas manias agora compreendiam, em adição aos outros estudos, a química experimental, o magnetismo, a eletricidade, a ornitologia, a ictiologia e a poesia escandinava. E ele abalancou-se a fazer uma investigação original sobre as causas da loucura.

Os condiscípulos mantinham-se em respeitoso silêncio diante daquele erudito de cenho enrugado, testa alta e abundante cabeleira. Ele fez saber que era sensível ao som e que preferia andar sozinho. "O barulho tortura-me. Quando sou interrompido em meu trabalho, especialmente pelo grito de animal, sinto como se a cabeça me tivesse sido separada do corpo pelo machado do carrasco".

Em raras ocasiões, todavia, emergia de sua carapaça e acamara-se com outras pessoas. De vez em quando, chegava até a visitar a mãe entrando e saindo, porém não com a intimidade de um filho, mas com a cerimônia de um hóspede. Em uma dessas visitas foi, logo após o jantar, para uma janela e pôs-se a contemplar, absorto, a noite. Algumas das meninas, à mesa, começaram a rir. "Crianças", disse um velho senhor sentado junto a elas, "não molestem esse jovem. A seu tempo ele crescerá mais do que todos nós".

O homem que falara era Goethe. Nutria, o velho poeta, grande admiração pelo jovem filósofo. Mas a mãe de Schopenhauer não partilhava da admiração de Goethe pelo filho. Quando da publicação de sua tese de doutoramento, *A Quádrupla Raiz da Razão Suficiente*, alucinou-o a inveja, porque ela, também, escrevia livros, e odiava qualquer rivalidade por parte do filho, "a raiz quádrupla", motejou, sarcástica. "Isso soa como livro de receitas de farmácia".

O rapaz fitou os olhos nela: "Será lido, minha mãe", tornou calmamente, "quando nem sequer os montes de lixo continuaram, já, um exemplar dos seus livros".

III

Schopenhauer nunca mais tornou a ver a mãe. Estabeleceu-se em Dresden e passou a viver a vida de um fidalgo desocupado e rabugento. Apreciava a solidão. "Os homens de valor intelectual, principalmente quando dotados de gênio", dizia para si, "só podem ter poucos amigos". Justificava a ociosidade de sua vida física com a alegação de que, destarte, tinha suficiente liberdade para levar vigorosa vida mental. Um homem de gênio não precisa ocupar-se com um emprego. "Pelo simples fato de existir... trabalha para toda a humanidade; está isento, portanto, de quaisquer outras obrigações". "O sofrimento é uma con-

dição de gênio". Poderá crer, alguém, que Shakespeare e Goethe pudessem ter criado o mundo dos seus sonhos se tivessem encontrado satisfação no mundo real da vida cotidiana?

E ele, também, era um gênio. Não se lhe delineava no espírito um grande sistema filosófico? "Este vinha-se-me revelando gradualmente, como um belo panorama depois de uma manhã de neblina". A modéstia não era uma das virtudes de Schopenhauer.

E assim, conservava-se ocioso e sonhava, e permitia que a sua filosofia lhe amadurasse lentamente, no espírito. Durante horas a fio, assentado na Galeria de Arte de Dresden contemplava as Madonas de Rafael. Eram elas o verdadeiro espírito da paz, da beatitude, da transfiguração. Subia e descia as margens do Elba com a expressão fixa de um maníaco. Visitava, não raro, a estufa municipal e o laranjal. Certa vez dirigiu-se, susurrando, aos arbustos e inclinou o ouvido para as flores de laranjeira que lhe haviam caído sobre os ombros. Um servente, temendo estivesse doido aquele jovem que tão estranhamente procedia, perguntou-lhe quem era. "Se o senhor pudesse dizer-me quem sou", redarguiu ele ao servente, "eu lhe ficaria gratíssimo". Depois, saiu, apressado, enquanto o pobre homem olhava-o, atônito.

Mas para Schopenhauer, a pergunta era perfeitamente natural. Ele andava especulando sobre os problemas filosóficos do mundo. "O sol existe apenas como o vejo; a terra existe apenas como a sinto. O próprio homem é um sonho". A sua existência em Dresden fazia parte do sonho da vida. Vivendo e sonhando, o homem, a terra e o céu, eram todos eles capítulos do mesmíssimo livro misterioso. E que é esse sonho chamado Schopenhauer?

"Ficar-vos-ei gratíssimo se puderdes responder-me".

A vida de sonho de Schopenhauer em Dresden, assumira, por algum tempo, uma tonalidade rósea. Porque, apesar de suas declarações misantrópicas, Schopenhauer em Dresden, assumira, por algum tempo, uma tonalidade rósea. Porque, apesar de suas declarações misantrópicas, Schopenhauer gostava, realmente, da sociedade dos outros homens. E encontrou-a na cidade que era, depois de Weimar, o fim da arte e da cultura européia. Aqui, era Schopenhauer "um igual entre iguais". Aceitava convites e freqüentava o teatro e jantava em cafés. Trajava roupas caras e imaculadas. Contudo, não pôde dominar o hábito de meditar tacitamente. "Minha condição é miserável", dizia. E para acentuar essa afirmação, dormia com um revólver carregado debaixo do travesseiro. Andava perpetuamente zangado, desconfiado, irritável. Padecia de um medo anormal pela própria vida. Não tinha fé nas pessoas, não tinha fé em Deus. "E' melhor fiar-se no medo que na fé", era a sua sinistra divisa. Nunca permitia que a navalha de um barbeiro lhe fizesse a barba. A simples menção de uma doença contagiosa, fugia de qualquer trato com os seus semelhantes. Trazia consigo um copo de couro para beber, sempre que saía para jantar, a fim de que os seus lábios não precisassem tocar copos alheios. E guardava os seus cachimbos e pontas de charuto debaixo de cadeado à chave, para que não fossem "contaminados" pelos amigos. Obececava-o a idéia de que poderia perder todo o seu dinheiro. Com efeito, o valor concreto do dinheiro, desempenhava grande papel na vida desse homem, que tão enfaticamente proclamava o valor abstrato do pensamento. Estava convencido de que o mundo tentacionava despojá-lo de sua fortuna. Escondia as suas moedas debaixo do tapeteiro e colocava os seus valores entre cartas velhas. Quanto ao inventário de suas propriedades, nunca o fazia em língua alemã, senão em grego e latim antigos — esquecendo-se de que esses inventários "secretos" poderiam ser lidos por qualquer ladrão que fosse filólogo clássico. Para iludir os próprios amigos, rotulava os seus valores com nomes enganosos.

E, para dizer a verdade, desprezava-se a si mesmo por esses hábitos. Confortava-o, porém, o pensamento de que as pessoas de gênio, consoante autoridade

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)



CONTO DE HAROLDO DE CAMPOS ★ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO MOURA — PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE REVISTA DA SEMANA

GALO bonito, o Cacique! Esguio, ardoroso duma cor indecisa de cobre moço, com a cauda sempre erigida, em penacho, como um fulvo pendão de combate. Entrava nas rinhas impando, bico no alto, olhos agúdos, faulhando, e era zás-trás — nenhum adversário o aguentava muito tempo.

O dono, o Fabrício do Sítio Grande, tinha nêlo um orgulho apaixonado:

— Em tôda essa redondeza, em todo êsse sertão, num há valente pr'o Cacique — dizia, arreganhando-se num sorriso convicto. E não havia mesmo. Êta galinho bom, o "vermeinho" do Sítio Grandel...

★

Foi quando, chegado do sul, o coronel Tibúrcio trouxe num engradado, o Guarulhos, galo preto, famanaz, de grandes esporas assassinas.

Então, o povinho começou o diz que-diz, o mexerico: — "Que o Cacique já tinha páreo duro, que os dois deviam decidir, numa briga." Algum, mais maldoso, entornando o codório no botêco do Mané Gordo, soprara, entre fungos de risos: — "Ora, queriam saber?! O Fabrício, o Fabrício do Sítio Grande, dono do Cacique, tava

mais é se pelando de medo, mode uma rinha em regra."

Fabrício soube. Arrenegou meio mundo. Palavão peludo jorrou-lhe da boca, como água em catadupa: — "Num tinha medo, não. Era patranha, calúnia. Falassem c'o Tibúrcio, viêsse o Guarulhos, que o Cacique tava pronto, tava mais que pronto..."

★

A coisa ficou nêsse pé. Por um domingo enodoad de sol, com o céu brilhando, como pintado de fresco, a rinha foi armada. Era no campo, num gramado ralo, ressecô. A arena, circunscrita de bancadas e palanques, atopetara-se de gente: urumbevas, de olhar mortifo e cavanhaqueira rala; mulataços destorcidos, rindo aos rinchavelhos; guris abelhudos, ôlho mole de sapiranga, pés espalhados, sujos de barro. E havia mesmo rostinhos menineiros de caboclas, vestidas de chita nova, muito dengosas, muito delambidas, se remexendo...

O Tibúrcio, folheiro como êle só, de lenço grande no pescoço, chapéu de abas largas, preso ao queixo pelo barbicacho, com um grosso anelão no dedo, pavoneava-se, confiante muito risinho. Basheques cercavam-no, boqui-

briam-se, crivavam-no de perguntas: "se o Guarulhos é bamba mesmo, se já vencera muita rinha?..." E êle, olhos em alvo, espalhafatoso: — "O Guarulhos?! Num tinha campeão pr'a êle naquêlê Brasil! Vencera mais de dez famanazes. Um até, o Tenente, galinho mineiro, cotuba como quê..." e puxava uma história comprida, entrecortada de risotas fungadas, em que o Guarulhos se impunha pela agilidade, pela coragem...

★

O Fabrício é que estava de causar dó. Sumido num canto, nervoso, fazendo um esforço danado para aparentar-se calmo. Era sempre assim: bufava, gritava, esperneava, mas na hora da rinha fazia-se pequeno, temeroso. Fôra assim tôdas as vezes: com o Valente, galo crioulo, arrogante; com o Turuna, com o Índio. Ficára como um desesperado durante a rinha, e só se acalmara com o triunfo do Cacique, pós lances terríveis. Também, quêria um bem louco ao seu "vermeinho". Como a uma mulher, como a um filho; dêsse jeito.

Ninguém extranhava, mas, vendo-o jururú, na moita, picavam-no de dicheitos, arrasavam-no. E êle, coitado, olhos postos na arena, coração aos pulos, parecia morrer aos bocadinhos, comido de terror...

(Continua na pág. 34)



AERTON Perlingeiro começou a carreira radiofônica na Rádio Cultura de Campos, atuando num programa de gravações. Mais tarde, transferindo-se para o Rio, ingressou na Transmissora, lançando "Um tango e uma história para você"..., com o qual obteve o bronze "Carlos Gardel", láurea concedida pela Sociedade de Autores Argentinos. Nessa estação, criou ainda um programa teatral, entrevistando elementos do palco e da tela. Mais tarde, passou-se para a Rede Fluminense de Broadcasting, quando esta atravessou a fase bonançosa. Lançou então "Vespéral", "broadcast" que se firmou no conceito dos senfilistas. Da Rede, veio para o Rádio Club do Brasil, sua atual emissora. Seus programas "Um tango e uma história para você..." e "Fim de semana", representam boa renda para a PRA-3, ora sob a direção de Gomes Filho. Natural de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, Aerton Perlingeiro é formado em comércio, profissão que prefere não exercer, porque o rádio paga muito bem seu trabalho até já lhe proporcionou meio para a compra de um apartamento, em que reside com a esposa e o filhinho. Fora do rádio, o exclusivo da PRA-3 pratica o futebol e não perde uma partida do América do qual é torcida reinante. Também já escreveu em diversos jornais, inclusive no "Imparcial", assinando a coluna de rádio. É autor de vários "sketches" e fan das composições de Mario Lago.



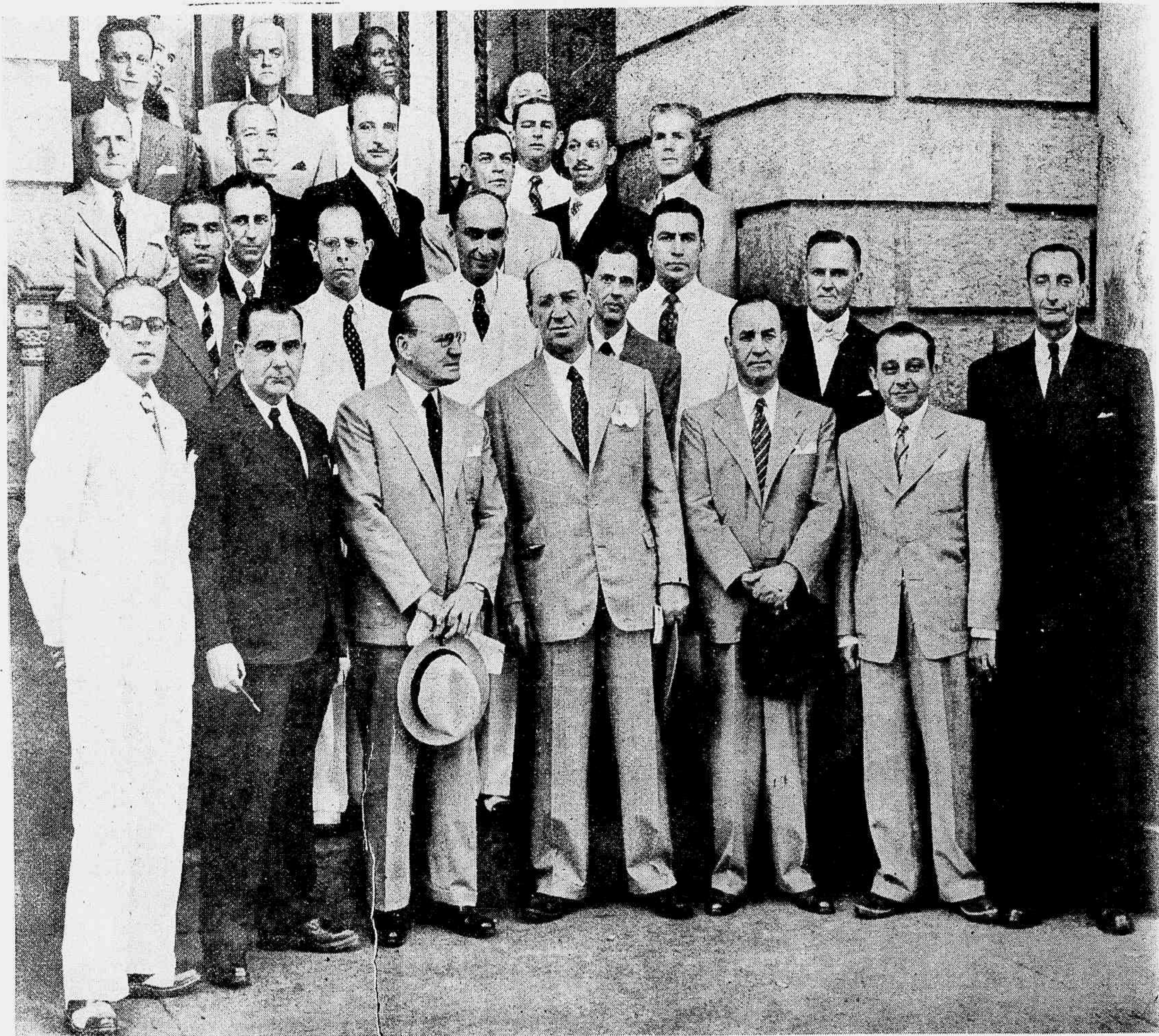
AMÚSICA portuguesa encontrou em Maria da Graça sua perfeita intérprete. Desenvolvendo suas aptidões ao microfone da emissora de Lisboa, ela veio ao Brasil mostrando seu talento artístico, através de cuidado e seleto repertório em que não faltam admiráveis composições brasileiras, como o delicado "Quindins de Yayá", de Ari Barroso. Artista das mais conceituadas em Portugal, a ponto de ser escolhida para atuar no cinema luso, no Brasil sua atuação se tem feito sentir através da Rádio Globo, que a contratou com exclusividade para uma temporada de sessenta dias. Finda esta, a cantora visitou São Paulo, recebendo os mesmos aplausos aqui conquistados, tendo animado diversos espetáculos teatrais. Regressando ao Rio, novamente a PRE-3 a foi buscar para seu "cast". Dercy Gonçalves contratou-a, também, para a revista "Deixa falar", da dupla Luiz Peixoto — Geysa de Boscoli, ora em cena no teatro João Caetano. Maria da Graça, pela sua meiguice e pela delicadeza de sua voz, é uma das mais festejadas artistas portuguesas das que nos têm visitado, sendo oportuno citar que os dois espetáculos que realizou no Carlos Gomes, foram feitos com a casa super-lotada. Coléga de Maria Gabriela na Emissora Nacional de Lisboa, é fan de Francisco Alves, tendo homenageado o "Rei da voz" numa das suas audições dominicais, a qual por ele respondida. Maria da Graça após cumprir seu contrato com a PRE-3 e o João Caetano regressará a Portugal.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

EM Ismênia dos Santos tem o rádio brasileiro uma das suas artistas máximas. É uma das nossas mais completas rádio-atrizes, vivendo com absoluta propriedade papéis cômicos e dramáticos, sem que seu talento em um gênero sobrepuje o outro. Sobrinha da grande comediantes Conchita de Moraes, e filha de Armando Duval, a prima de Dulcina soube fazer da arte a razão de ser de sua própria existência. Ismênia dos Santos não encontra rival para viver a característica "Juraci", do programa "Tabelero da baiana", nem existe quem melhor faça a figura central de "Ana Maria", novela cuja irradiação se estende por vários anos, sem desinteressar ou enfadar aos rádio-ouvintes. Vindo do teatro para o rádio, com um tirocinio bastante apreciável, Ismênia dos Santos destacou-se no palco em "Manhãs de Sol", "As levianas" e "Os sorrisos da vida", além de ter tido papel saliente nas operetas "Conde de Luxemburgo", "Princesa dos dólares", "Os gaviões" e várias outras. Sendo hoje exclusiva da Rádio Nacional cabendo-lhe a responsabilidade nas novelas das vinte e uma horas, teve atuação marcante em "Renúncia", "A outra" e, ultimamente, na novela "Mãe" de Giuseppe Ghisaroni, na qual criou a personagem central, recebendo os mais calorosos aplausos. Fora do rádio, Ismênia dos Santos exerce importante cargo no Ministério do Trabalho, razão pela qual não a ouvimos trabalhando nas novelas diurnas. Além das novelas, a apreciada artista abrilhantava vários programas, como o "Almanaque Kolinos", "Tabelero da Bahiana" e outros.

JAIME Moreira Filho, ao contrário do que muitos imaginam, nasceu no Distrito Federal, tendo, porém, vivido sua infância em São Paulo. Excelente conversador e dotado de ótima dicção, foi animado pelos amigos a fazer um "test" radiofônico, do qual resultou seu ingresso na Rádio Kosmos, onde veio a se tornar responsável pelos jornais falados. Tempos depois chegou a rádio-ator e teve a sua primeira oportunidade como "speaker" esportivo, trabalhando ao lado de Oduvaldo Cozzi. Sempre progredindo, passou para a Record, que depois trocou pela Bandeirante, emissora em que viveu grandes momentos, desfrutando a posição de galã do seu elenco de teatro-cêgo. Com o advento Gilberto Martins nas "emissoras associadas" do Rio, Jaime Moreira Filho deixou São Paulo para se tornar exclusivo da PRG-3, substituindo José Junqueira no comando de "Rádio Sequências". Elemento de reconhecido valor, espírito dinâmico e inovador, não lhe foi difícil subir no conceito dos ouvintes e da direção da Tupi, a ponto de ser nomeado substituto de Ari Barroso, quando este viajou. A atuação de Jaime Moreira Filho em "Calouros em desfile" tornou-se marcante, sendo, ainda hoje, lamentado o seu afastamento desse programa. Com a experiência adquirida, fundou a "Hora da peneira", na Rádio Tamoio, e passou a comandar outros "broadcasts", além de transmitir as partidas de futebol pela Rádio Mauá. Hoje, em vista de certo desentendimento, ele se acha na Rádio Mayrink Veiga, devendo lançar dois originais programas.





O grupo acima foi feito em frente ao prédio onde funciona a antiga sede da Caixa Econômica, à rua D. Manoel. Os jubilandos posaram em companhia dos srs. dr. Ariosto Pinto, presidente da Caixa Econômica, dr. João Lyra Filho, diretor da Carteira de Penhores, dr. Noraldino Lima, diretor da Carteira Hipotecária, dr. Solano Carneiro da Cunha, diretor do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, dr. Geronimo de Castilho, secretário geral da Caixa.

JUBILEU NA CAIXA ECONOMICA

OS FUNCIONÁRIOS DA TURMA DE 1922 COMEMORARAM

VINTE E CINCO ANOS DE BONS E LEAIS SERVIÇOS

NO dia 1.º do corrente mês, a turma de funcionários que ingressaram, no ano de 1922, nos quadros da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, reuniu-se numa festividade comemorativa desse significativo acontecimento, que punha um marco de operosidade na trajetória de suas vidas de homens devotados ao trabalho. Um quarto de século de atividades ininterruptas foi comemorado com alegria e, por que não dizê-lo, com justificado orgulho, por parte dos incansáveis colaboradores do progresso do nosso maior estabelecimento de crédito popular no País. E era natural que assim acontecesse, após cumprida dignamente tão longa e ardua etapa, cuja maior glória é a satisfação do dever cumprido.

Pela manhã daquele dia foi rezada missa gratulatoria na Igreja de S. José, compare-

OS JUBILANDOS:

Adal Mariz de Figueiredo — Adroaldo Ferreira Gomes — Américo Azevedo — Antônio Manoel Ortigão Sampaio — Ariovisto Marcos de Almeida Rêgo — Arlindo Caldas de Almeida — Augusto de Almeida Gomes — Aires Wrencher Alves Ferreira — Benjamim Boselli — Galdino Pedro da Silva — Hilton Rodrigues da Silva Chaves — Geronimo Pinheiro de Castilho — José Agostinho P. Cunha Filho — José Antunes Gil — José Hermann Hungerbühler — Leonidas Modesto Werneck de Almeida — Mario Augusto Pereira da Cunha — Otavio de Oliveira — Oswaldo Gonçalves da Cunha — Raul Lima — Raimundo Carlos da Silveira — Vitor Rodrigues da Silva — Valfrido Alves de Faria.

cendo ao ato a diretoria da Caixa Econômica, representada pelos srs. dr. Ariosto Pinto, presidente, dr. Noraldino Lima, diretor da Carteira Hipotecária e dr. João Lyra Filho, diretor da Carteira de Penhores, o diretor do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, dr. Solano Carneiro da Cunha, as famílias dos jubilandos e grande número de colegas dos mesmos com suas famílias.

Em seguida a esse ato de crença religiosa e após serem fotografados os jubilandos e diretores da Caixa em frente ao prédio onde funcionou a primitiva sede de entidade de crédito, reuniram-se todos num almoço de confraternização, realizado no restaurante da Caixa Econômica, cujo transcurso decorreu em meio à mais franca camaradagem, sendo trocados vários brindes alusivos ao ato.



Em cima: Flagrante do almoço de confraternização realizado no restaurante da Caixa Econômica. Em baixo: Grupo feito após a missa gratulatória, vendo-se os jubilandos, diretores e outros funcionários da Caixa Econômica e suas famílias.



ORLANDO
MATTOS



O CORPO ROUBADO

Conto de H.G. Wells



Desenho de Orlando Mattos

BESSEL era o principal interessado da firma Bessel, Hart e Brow, de São Paulo Churchyard; e, há longos anos, era conhecido como um investigador consciencioso e de idéas largas, por todos os que se interessam pelas investigações psíquicas. Era celibatário, e, em vez de morar em qualquer distrito da cidade, como é costume de todo bom negociante, ocupava um pavimento no Albany, perto de Picadilly. Ele era particularmente apaixonado pelos problemas da transmissão do pensamento e aparição dos viventes; e, em Novembro de 1896, auxiliado por Vincey, de Staple Inn, iniciou uma série de experiências sobre a pretensa possibilidade de provocar, unicamente pela força da vontade, uma aparição de si próprio no espaço.

Arranjaram as suas experiências da seguinte maneira: a uma hora previamente marcada, deviam os dois se encerrar, Vincey no seu gabinete de Staple Inn e Bessel em um dos quartos que ocupava no Albany; cada um deles deveria então fixar, com a maior resolução possível, o seu próprio espírito no espírito do outro. Bessel era tido como mestre na arte de hipnotizar-se a si próprio e, quanto pôde, procurou primeiramente hipnotizar-se e em seguida projetar-se como o "fantasma de um ser vivo", através do espaço de quasi duas milhas que o separava de Vincey. Durante muitas noites estas experiências não deram o mínimo resultado satisfatório. Porém, na quinta ou sexta noite das experiências, Vincey viu efetivamente, ou julgou ver uma aparição de Bessel no seu aposento. Ele declarou depois que a aparição, embora breve, fôra vivíssima e real.

Reparou que o rosto de Bessel estava palido e contraído em uma expressão anciosa, e os cabelos em completa desordem.

Durante um momento, embora já fosse esperado o fenômeno, Vincey ficou tão surpreso que não pôde falar, nem mover-se, e pouco depois pareceu-lhe que a sombra lhe lançava um olhar de soslaio, desaparecendo incontinentemente.

Tinha sido combinado que cada um procuraria fotografar toda e qualquer aparência de fantasma, mas Vincey não teve a necessária presença de espírito para segurar o aparelho que deixara preparado em uma mezinha perto do lugar onde estava. Quando conseguiu enfim mover-se e tentou segurar o aparelho fotográfico, era já tarde e a sombra de Bessel tinha desaparecido. Entretanto, enormemente excitado por êste sucesso, marcou a hora exata em que ele se dera e, tomando em seguida um cab, foi direito a Albany, com o fim de informar Bessel do resultado da experiência. Ao chegar, ficou surpreendido por encontrar a porta do quarto aberta e êste iluminado e n'uma extraordinária desordem. Uma garrafa de champagne achava-se despedaçada no chão; a rolha tinha-se partido provavelmente, indo de encontro ao tinteiro perto do qual se achava. Uma mesa octógona, em que se achavam habitualmente uma estatueta de bronze e alguns livros escolhidos, tinha sido derrubada com violência e, no papel da parede, notavam-se marcas de tinta em forma de dedos, como se êstes tivessem passeiado ali só com o fim e pelo prazer de sujá-lo, pelo menos assim parecia.

Uma das belas e delicadas cortinas de chita da Persia tinha sido arrancada violentamente das argolas que a sustentavam e atirada ao fogo, onde se consumia empestando o quarto com um cheiro

acre. Por toda parte reinava a mais estranha desordem. Durante alguns instantes Vincey, que viera certo de que ia encontrar Bessel esperando-o, tranquilamente recostado em uma poltrona, pôde apenas crer que via e ficou estupefacto, contemplando êste espectáculo inteiramente imprevisito. Então, com o vago presentimento de que sucedera alguma calamidade, foi procurar o porteiro.

— Onde está Bessel? — perguntou. — Todos os móveis estão quebrados no quarto dêle.

O porteiro, sem mesmo se dar ao trabalho de responder, correu imediatamente para o quarto de Bessel afim de constatar o estado em que se achava.

— Compreendo agora! disse êle, lançando os olhos sobre toda aquela confusão. — E eu que não percebia! O senhor Bessel saiu. Ele está louco.

E pôz-se então a contar que meia hora antes, isto é, justamente no momento da aparição de Bessel no gabinete de Vincey, o seu locatário tinha-se precipitado para a rua sem chapéu, desgrehado, e tinham-n'o perdido de vista na esquina de Bond Street.

— ... E quando passou perto de mim, — continuou o porteiro, — êle ria-se... uma espécie de riso convulsivo, a boca aberta e os olhos espantados... afirmo-lhe, senhor, que me meteu medo... veja, assim...

E o porteiro imitou, com uma careta, uma espécie de riso que não era nada animador.

— ... Êle gesticulava, e tinha os dedos crispados e contraídos..., assim... e exclamava com uma voz surda e estrangulada: a vida! a vida!... só esta palavra: a vida!

— Vamos! — dizia Vincey, — caluda, caluda, caluda. Vamos. Estava tão surpreendido que não sabia dizer outra coisa. Ia, do quarto para o porteiro e dêste para o quarto, grave e perplexo. A conversação não foi além da hipótese de que Bessel voltaria em breve e então seria tudo explicado e saberiam o que tinha acontecido.

— Foi talvez uma dor de dente repentina, — disse o porteiro, — uma raiva violenta que o tomou de improviso e o fez ficar como um louco. Em ocasião idêntica tem-me acontecido várias vezes quebrar objetos...

Depois de um momento de reflexão acrescentou:

— Se foi por isto, porque motivo, passando perto de mim, êle gritou: a vida, a vida!

Vincey nada pôde explicar. Vendo que Bessel não vinha e tendo mais uma vez lançado um olhar cheio de consternação sobre a desordem do quarto, escreveu em uma folha de papel algumas palavras que deixou bem à vista sobre a secretária e, n'um estado de espírito fortemente atormentado, voltou para o seu próprio quarto em Staple Inn. Aquele fato causava-lhe penosa impressão e não sabia como deveria interpretar o procedimento de Bessel. Procurou lêr, mas não o conseguiu; depois saiu com intensão de dar um pequeno passeio, porém era tal a sua preocupação que escapou de ser esmagado por uma carroça na esquina da rua de Chancery Lane. Finalmente meteu-se na cama, uma hora mais cedo do que costumava. Durante um considerável espaço de tempo não conseguiu dormir, obcecado pela lembrança da confusão muda em que tinha encontrado o quarto de Bessel, e quando conseguiu enfim adormecer, em uma espécie de modorra agitada que o invadiu, foi bruscamente

perturbado por um sonho bem preciso e inquietador.

Viu Bessel gesticulando furiosamente, com o rosto palido e carrancudo. Um pavor intenso, uma súplica instantânea, sugerida talvez pelos seus gestos desordenados, misturava-se inexplicavelmente ao seu aspecto. Pareceu mesmo a Vincey ter ouvido a voz do seu companheiro de experiências que o chamava com um timbre desolado, se bem que tivesse, na ocasião, considerado isto apenas como uma ilusão do seu ouvido. Mesmo depois de acordado, êle conservou uma impressão assaz viva dêste sonho. Ficou tremendo na escuridão, entregue ao vago e indefinido terror de possibilidades desconhecidas que o maus sonhos infundem até nos homens mais valentes. Por fim, mexeu-se, voltou-se para o outro lado e tornou a adormecer, mas o sonho voltou novamente com maior precisão.

Acordou de novo e, desta vez, com uma tão firme convicção de que Bessel se achava em um grande perigo e reclamava socorro, que o sono não voltou mais. Estava persuadido de que o seu amigo corria o risco de alguma terrível calamidade. Durante alguns momentos tentou em vão combater aquele presentimento, mas por fim submeteu-se e deixou-se vencer por êle. Levantou-se, contra toda a razão, acendeu o gaz, vestiu-se e saiu a percorrer as ruas, desertas naquela hora — salvo alguns soldados silenciosos e as carrocinhas dos jornais da manhã. Caminhou diretamente para Vigo Street, a fim de obter informações sobre o paradeiro de Bessel. Não chegou, porém, até lá. Quando passava no Long Acre, por um impulso inconsciente, dirigiu-se para Convent Garden que se achava na sua plena atividade noturna. Êle via o mercado brilhando na sua frente, quadro bizarro de luz amarela e multidão negra e atarefada. Repentinamente ouviu gritos: um homem dobrou a esquina, perto do palácio, e correu rapidamente para êle. Vincey reconheceu logo Bessel, mas um Bessel transfigurado, com a cabeça descoberta, os cabelos em desordem, sem colarinho, a boca convulsa, e empunhando uma bengala que apertava com fúria pela ponta. Corria velozmente, dando saltos ágeis e, em um instante, encontram-se um com o outro.

— Bessel! — gritou Vincey.

O fugitivo não reconheceu nem o seu próprio nome, nem o amigo que o chamava; bem ao contrário, com a bengala deu-lhe um golpe que o atingiu no rosto, entre os olhos. Vincey, atordoado e surpreendido, vacilou, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente sobre o lagoado da rua. Pareceu-lhe ver, na ocasião em que caía, Bessel saltar ligeiramente por cima dêle. Quando levantou novamente os olhos, êle havia desaparecido, e um soldado, seguido de grande número de hortelões e negociantes, corriam todos em perseguição do louco.

Ajudado por alguns transeuntes — pois a rua ficara rapidamente repleta de povo — Vincey levantou-se e viu-se imediatamente cercado de um grupo de pessoas, ávidas de verem a ferida que lhe fizera Bessel. Uma multidão de vozes procuravam socegar-lo à respeito do seu estado e contavam-lhe os delitos do "louco", como já designavam Bessel. Ele aparecera repentinamente, no meio do mercado, gritando: a vida! a vida! batendo com a bengala ensanguentada para a direita e para a esquerda, dançando e rindo às gargalhadas a cada novo murro. Um rapaz e duas mulheres tiveram a cabeça fraturada; rompu-

o pulso de um negociante e atirou por terra, com um só golpe, uma criança; durante um certo tempo fez fugir todo o povo, tão furiosa e resoluta era a sua atitude. Depois investiu contra a tenda de uma vendedora de café, apoderou-se da sua lanterna de petróleo e atirou-a de encontro aos vidros da agência do correio, fugindo em seguida, a rir-se doudamente, tendo antes espancado um soldado que tivera a audácia de querer fazer-lhe frente e aprisioná-lo.

O primeiro movimento de Vincey foi, naturalmente, pôr-se também em perseguição do seu amigo afim de subtraí-lo, se possível fôsse, à violência da multidão exasperada, porém sentia-se sem forças; o golpe deixá-o meio prostrado e, enquanto hesitava sobre o que deveria fazer, ouviu circular o boato de que Bessel escapara aos que o perseguiam. Primeiramente não deu crédito mas a unanimidade afirmativa das vozes que traziam a novidade e a chegada solene dos dois soldados que voltavam com as mãos vazias, convenceram-n'o plenamente da realidade do fato. Depois de fazer algumas perguntas incoherentes, tomou de novo o caminho de Staple Inn, cobrindo com o lenço o nariz dolorido e ensanguentado.

Estava indignado, estupefacto e perplexo. Parecia-lhe indiscutível o fato de ter Bessel sido tomado subitamente de uma loucura furiosa, durante a última experiência da transmissão do pensamento, mas a sua aparição com a fisionomia pálida e triste era um problema insolúvel. E Vincey torturava inutivelmente o espírito com o fim de achar uma explicação plausível. Enfim, veio-lhe ao pensamento esta conclusão: que, não só Bessel mas toda a ordem comum das coisas perdêra todo o equilíbrio, e não via nada a fazer. Fechou-se cuidadosamente no quarto, acendeu o fogão a gaz e, receando que lhe sobreviessem novos pesadelos, conservou-se sentado até de madrugada, colocando compressas sobre o rosto ferido e tentando inutilmente lêr. Durante todo o tempo desta vigília esteve persuadido de que Bessel procurava, sem cessar, falar-lhe, porém não quiz ceder a uma tal obsessão e estregar-se a ela. Pela madrugada a fadiga física abateu-o; deitou-se e dormiu finalmente, não obstante os sonhos maus. Acordou tarde, mal disposto, ancioso e sofrendo horrivelmente por causa da ferida do rosto. Os jornais da manhã nada traziam com relação à estranha loucura de Bessel: o acontecimento dera-se de noite e já muito tarde. A perplexidade de Vincey, que a febre sobrevida em consequência das contusões do rosto, irritara ainda mais, tornou-se em breve intolerável, e depois de uma nova e inútil visita a Albany, foi direito a S. Paulo Churchyard afim de ver Hart, o sócio de Bessel e seu mais íntimo amigo, como bem o sabia Vincey.

Ficou surpreendido por saber que Hart, comquanto nada tivesse ouvido falar sobre o acontecimento da noite precedente, tinha sido também perturbado por uma visita idêntica à que tanto o atemorizara — um Bessel, palido e desgrehado, reclamando socorro com gestos suplices. Tal era pelo menos o sentido que Hart atribuía à mimica de Bessel.

Eu ia justamente sair para vê-lo, quando me anunciaram a sua visita, — disse Hart. — Estava certo de que lhe sucedera alguma coisa ruim. Em resultado desta consulta a Hart, resolveram os dois seguir imediatamente para Scotland



Alda Garrido, a mulher mais engraçada do Brasil, é mocinha, mocinha, quando sob o nome de Alda Palm, fez o papel da Princesa Chaleirinha, na revista "Tudo Pega". Desde então tem consagrado sua existência à arte de fazer rir, por processos pessoais. Aqui está ela, nestas duas páginas, em três diferentes tipos cômicos.

"ACREDITEM OU NÃO, EU FUI UMA DAS TRÊS GRAÇAS..."

ALDA GARRIDO, A POPULARÍSSIMA COMEDIANTE, ÀS VÉSPERAS DO SEU REAPARECIMENTO NO RIVAL, RESPONDE BREVE QUESTIONÁRIO SOBRE SUA CARREIRA ARTÍSTICA — REPORTAGEM DE MARCELLO TORRES — FOTOS DE ARNALDO VIEIRA

VOCES, leitores, talvez queiram chorar todas as vezes, que vão ao teatro. Eu também quero chorar. Quero chorar com "O rei Lear", com "Othelo", com "Francesca da Rimini", com "Ífigenia", com "Maria Stuart", com várias tragédias, antigas e modernas. Quero chorar copiosamente, com grandes atores ou com amadores modestos, em representações sem defeitos ou mesmo naquelas em que temos de dar descontos e suprir, com a nossa imaginação, as falhas das artistas diletantes, lá também quero chorar, suspirar, deitar lágrimas, — mas evidentemente não espero chorar quando vou ao teatro de Alda Garrido. Porque Alda Garrido é uma artista que se especializou nessa arte nova e difícil de fazer rir. Ela faz rir com um olhar, com um gesto, com uma palavra, com uma careta, com uma inflexão bem achada. Quando se trata de Alda Garrido, o que faço é rir. E rio desde que a vi, no antigo Central, há uma porção de anos, vestida de calpira, fingindo que procurava uma pulga que se havia enfiado pela sua roupa a dentro. Alda Garrido andou por Seca, Meca e Alexandria, isto é, deu por paus e por pedras, fez burletas e revistas e hoje faz farsas e comédias. Estreou na comédia com um elenco que não era lá essas coisas, mas assim mesmo venceu e atraiu numerosíssimo público ao Rival com um elenco que não era lá essas coisas, mas assim mesmo venceu e atraiu numerosíssimo público ao Rival. Agora volta, pela primeira vez no inverno, com o elenco ligeiramente melhorado (a falta de atores é grande) e com o propósito de elevar o seu repertório.

A peça de estréia é "A mulher que esqueceu o marido", comédia italiana que Juracy Camargo e René de Castro traduziram. Documentando a sua versatilidade, Alda Garrido posou para o fotógrafo nas suas caracterizações cômicas de maior sucesso e, enquanto o fazia, ia respondendo a um breve questionário que he submetemos. Para começar, Alda Garrido declinou-nos o seu nome de solteira: Alda Palm. Foi como Alda Palm que ela iniciou sua carreira artística.

— Uma tia, que era casada com o velho empresário Afonso Spinelli, um dia me pediu que eu fosse salvar uma situação. Precisavam de uma mocinha para fazer a Princesinha Chaleirinha, na revista "TUDO PEGA". Nessa época eu estava em férias e, por isso, frequentava assiduamente aquela casa de espetáculos, com a minha família, razão pela qual eu conhecia todo o repertório ali representado. Ao receber o convite fiquei contentíssima por ter a oportunidade de representar aquele papel, que, por sinal, era muito bonito. Imediatamente, minha tia, D. Mariquinhas Spinelli, foi pedir a meu pai, e ele, como se tratasse de parentes, não pôde negar. Estarei e o velho Benjamim de Oliveira achou que eu era uma revelação. Depois representei noutra peça, intitulada "Cupido No Oriente". Nessa peça entravam as Três Graças. Pois, acreditem ou não, eu fiz uma delas. Terminando minhas férias voltei aos estudos, mas confesso que depois de uma Princesa e de uma Graça, o microbio ficou...





Em cima: Alda Garrido, como é na vida real, e em uma de suas irresistíveis caricaturas cênicas.



SEUS MAIORES SUCESSOS

Alda Garrido faz, em seguida, um depoimento sobre os seus maiores sucessos no teatro. A princípio, não quer falar, com receio de que alguns autores fiquem magoados. Mas insistimos e ela diz:

— Vou lhe dizer quais foram, não os meus sucessos, mas "os meus maiores sucessos". Entre as burletas, "Luar de Paquetá", "Maria Gazogenio", "A Perna", "A pequena da marmitta" e "Da Favela ao Catete", que representei com Francisco Alves. Na revista, foi "Brasil Pandeiro", de Freire Júnior. E na comédia Das cinco às sete", tradução de Joracy Camargo; "Casa suja", de Henrique Marques Fernandes e Alda Garrido; e "O que elas querem", de Antônio Guimarães.

ANIMANDO GENTE NOVA

Nas suas companhias, contribuiu para o lançamento de elementos novos?

— Lancei inúmeros. Não quero falar dos atores, porque a lista seria longa. Mas quero citar os nomes de algumas atrizes. Por exemplo: as irmãs Santoro, que atualmente trabalham no Cassino Quitandinha; Cléa Suzana, que até há pouco tempo fazia parte da Companhia Artistas Unidos, no Teatro Regina; Natara Ney, que naquele tempo foi lançada no Teatro João Caetano com o nome de Bety; Itamar Silva e outras mais.

"PREFIRO NÃO DAR SUGESTÕES"...

Perguntamos a Alda Garrido se tem colaborado nas peças que representa ou dado sugestões aos seus autores. Ela respondeu:



Alda Garrido abismada numa tristeza de dramalhão...



Alda Garrido mostra-nos aqui, nestas duas curiosas fotografias, sua capacidade de caracterização. Na primeira peça, vemos a atriz como se exibiu em "Das Cinco às Sete", e na segunda como apareceu em "A Perra".

— Tenho colaborado com diversos autores. Antes de escreverem suas peças, alguns têm me solicitado sugestões, mas eu preferia não colaborar nem dar sugestões. É muito mais agradável fazer-se um papel em que se tenha somente de estudar o personagem e interpretá-lo.

"AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS, POR CIMA"

Um dos grandes achados cômicos de Alda Garrido era a imitação de uma declamadora, que recitava Camões com a gesticulação mais ridícula do mundo, acrescentando, a cada verso, a expressão "por cima" ou "por baixo". Por exemplo: "As armas e os barões assinalados, por cima, — por mares nunca dantes navegados, por baixo"... Ao lembrarmos esse monólogo cômico, ainda há pouco parodiado numa canção carnavalesca, Alda Garrido faz um gesto de enfado:

— Não gosto de monólogos...

— Como?

— Gosto mesmo é de poesia. De poesia boa, dessas que a gente lê e guarda. Entretanto, a poesia, para mim, está ligada a uma recordação um tanto dolorosa.

— Um amor contrariado?

— Não... Eu lhe explico.

— A primeira vez que recitei uma poesia foi no colégio. Recitei "Paulo e Virginia", mas não terminei porque uma colega de nome Maura, disse qualquer coisa que não gostei, e como sou de briga... não respeitei nem os professores. Atraquei-me com a colega, mas confesso que levei grande desvantagem. A minha adversária que se orgulhava de ter bons dentes, ferrou-me uma dentada numa orelha. Doeu como o diabo! E por causa disso fomos ambas expulsas por mau comportamento.



E Alda Garrido enfática, com o riso da boca estampado no rosto.





A HISTORIA DAS CARTAS DE JOGAR

Por **NILZA BOTELHO**

A PESAR da lendária atribuição ao Diabo da invenção das cartas de jogar, vários países disputam a primazia deste invento. Em Espanha, por exemplo, consta que o inventor foi um tal Vilhan, celebrado até com a seguinte quadra popular:

Vilhan, nascido dentro en Barcelona,
De humilde padres y plebeya gente
Fué solo el, que en el mundo dió principio
A la invencion de los dañosos naipes.

Entretanto, a suposição mais lógica é de terem sido os árabes os inventores do baralho. Algumas prescrições do Alcorão já deixam transparecer a sua existência na época de Maomé. Além disso, o cronista italiano Covelluzzo informa que, em 1378, os naipes já eram conhecidos em Viterbo, e que provinham da terra dos sarracenos, onde eram chamados — "Naibi".

Os primeiros baralhos europeus, os celebres "tarots", fabricados em Veneza, constavam de 78 cartas: 10 cartas pertencentes a 4 séries, além de 4 figuras — Rei, Rainha, Cavaleiro e Fante (soldado) e mais 21 trunfos, sendo 20 numerados e 1 não, correspondente ao coringa de hoje. Estes trunfos eram variadíssimos e entre eles figuravam a Fôça, a Justiça, os Amores, o Diabo, o Juízo Final, Judas Iscariote enforcado e até mesmo a Papisa Joana

As pintas adotadas pela Itália e Espanha (que este último país conserva até hoje) eram: taça (copas) espada, moeda (ouros) e cajado (paus). Os baralhos espanhóis de hoje ainda apresentam as figuras: Rei, Cavaleiro e Valeta, não existindo a Dama.

Em França, os naipes tiveram larga divulgação durante o reinado de Carlos VI (1380-1422), quando serviram para distrair a inevitável melancolia deste rei. Foi todavia a França quem venceu no acordo internacional do século XIX para a uniformização das cartas de jogar, impondo universalmente suas figuras: Rei, Rainha e Valeta, e suas pintas (trêfle, carrot, coeur e picque).

A Alemanha teve também por algum tempo seus naipes particulares: Eichela (bolota), Grün (verde), Rot (vermelho) e Schellen (guizos), com as figuras: Az, Rei, Superior e Inferior. Com a invenção da xilogravura, teve este país em Uim e Augsburg os maiores centros produtores de baralhos, rivais da própria Veneza. Dizem que até o famoso Albrecht Dürer gravou cartas de jogar.

Não podemos deixar de fazer referência a Portugal, de onde nos vieram os naipes. Sabemos que o jogo de cartas estava em grande voga (apesar de ser proibido) no período das navegações, e os marinheiros que chegaram às Índias, com ele se distraíam durante as monótonas travessias em alto mar. Não será portanto temeridade supor que as cartas de jogar chegaram ao Brasil com Pedro Álvares

Cabral! Quem poderá negar que os dois degredados aqui deixados pelo descobridor, não trouxeram algum baralho para distrair os intermináveis dias que os aguardavam na terra de Santa Cruz?

Durante o período colonial existiam baralhos no Brasil, pois Estácio de Sá já os havia proibido em 1567, porém, sua entrada oficial em nosso país corresponde à chegada da Corte Portuguesa em 1808. A Imprensa Régia, fundada pelo Príncipe Regente D. João, no Rio de Janeiro, em 1811 começou a fabricar baralhos. Eram a princípio de tipo espanhol, porém, logo depois, a exemplo da Mãe Pátria, passamos a usar as pintas francesas com os nomes castelhanos.

As figuras dos naipes, durante muito tempo, tiveram nomes que variavam conforme o país em que eram fabricados. Em França, por exemplo, o rei de copas, durante vários séculos foi — Carlos Magno, o de espadas — Alexandre, o de ouros — César e o de paus — Davi. As rainhas eram, na mesma ordem, Judith, Palas, Raquel e Agina (anagrama de Regina — Juno); e os valetes, figuras baseadas nos romances de cavalaria, como: (La Hire, Ogier, Rolando (substituído depois por Heitor de Troia) e Lancelot.

É interessante notar que as rainhas nunca foram as esposas dos reis, nem mesmo as amantes, mas, em geral, figuras bíblicas ou mitológicas.

A posição ocupada por essas figuras, apesar de conservadas por longos anos, tinham às vezes suas singularidades. Assim, por exemplo, na época de Henrique III, o efeminado rei de França, apareceram baralhos com o rei segurando um leque e a rainha o cetro. E, devido a grande expansão destas cartas, copiadas em todos os países, encontramos até em Portugal a anomalia de um rei usando leque em vez de cetro.

Vários outros personagens como Lord Wellington e o Imperador Carlos V foram reis de baralhos. Até Adão foi chamado a figurar como rei de paus...

Durante a Revolução Francesa, tudo que lembrava a monarquia foi substituído e, assim, rainhas e valetes cederam suas posições aos Genios (da guerra, paz, artes e comércio), Liberdades (de culto, casamento, imprensa e comércio) e Igualdades (de deveres, direitos, categorias e cores). No período Imperial, Napoleão encarregou Louis David de desenhar tipos novos para os naipes, mas eles também desapareceram com a derrota de Waterloo.

Na Alemanha, durante muito tempo, os heróis do Niebelungen, principalmente Siegfried, ocuparam lugares de destaque nas cartas de jogar. As figuras mais interessantes, todavia, apareceram em um baralho de 1940 (citado no artigo de Egas Moniz — História das Cartas de Jogar) numa crítica mordaz a Churchill e a Eden.

D. João I, Vasco da Gama, Nun'Alvares Pereira e outros nomes da história portuguesa, foram também destinados a figurar em alguns baralhos fabricados na Imprensa Régia de Lisboa.

Se o baralho tem no Coringa uma carta de valor máximo em vários jogos, em compensação, o "dois de paus" permaneceu na gíria com o cunho pejorativo de — sem valor e inútil.

Apesar de atribuídos ao Diabo e das constantes proibições que sofreram, os naipes continuam a existir até hoje, servindo de meio de vida para uns e de perdição para outros menos afortunados.

Desde seu início, as autoridades eclesiásticas e civis viram no jogo de cartas um elemento de perversão dos bons costumes. No Regimento de cavalaria de Castela, o rei Afonso I já proibía o jogo de cartas em todos os seus estados. Em Janeiro de 1938, o prevôt de Paris levantou uma ordenança proibindo o jogo de baralho nos dias não feriados. S. Bernardino de Siena, num veemente discurso contra o jogo, a 5 de Maio de 1423, atribuiu ao demônio a invenção dos naipes e entusiasmou o povo de tal maneira, que todos queimaram seus baralhos, no mesmo dia, grande fogueira erguida na praça de Bolonha. Até mesmo Henrique VIII, o Barba Azul da Inglaterra, proibiu o jogo de cartas em seu país.

Em Portugal, os físicos ou médicos não podiam jogar naipes, por serem estes considerados jogos de ázar, e o Alvará de 17 de Novembro de 1513 dizia que seria excluída das Ordens e teria de pagar multa toda e qualquer pessoa que fosse encontrada jogando cartas.

Hoje, apesar dos pesares, toma vulto entre nós, com credenciais granfinas o "pif-paf", que devora fortunas e jóias da alta sociedade brasileira. Entretanto, por outro lado, serve o baralho de distração para os cérebros cansados de lutar nas batalhas da vida, quando se reúnem com alguns amigos em torno de uma mesa de "bridge", ou quando armam em sua frente as cartas de uma "paciência". As crianças também encontram no "burro em pé" a primeira emoção ao verem desmoronarem-se os seus castelos...

"O jogo de cartas — dizia-nos certa vez um amigo, um pouco cético e quase convencido — foi uma criação notável: si ha quem mereça uma estatua é sem dúvida o seu inventor". Silencie! Passaram-me pela mente, como num caleidoscópio, as misérias e desgraças causadas pelo jogo, e acreditei que, para cumprir a sua vontade, seria necessário erigir uma estatua ao Diabo...

O CAVANHAQUE

Conto de Orlando Beghelli

Ilustração de A. Zagorska

DÉRA já onze horas no relógio da casa, lá na sala da frente; mas a porta entreaberta deixara ouvir bem as pancadas.

O marido fechou o jornal, espreguiçou-se, bocejou e falou à mulher: — Não vamos almoçar, Rosa?

— Já.

Ficara debruçada à grade da varanda, olhando a chuva e sentindo uns poucos de pingos que lhe caíam aos cabelos negros e óra deslisavam pela face, óra se acomodavam junto aos anéis feitos a ferro quente. Sua pele tinha o moreno queimado do cruzamento distante e os olhos eram pretos e brilhantes. Os braços roliços firmavam-se na madeira e uma das mãos deixava-se estar caída, mostrando os dedos curtos e rosados. Olhou por cima dos ombros o marido, que retocava o bigode ao espelho e virou de novo o rosto para fóra. Não tinha pressa de almoçar. Tão bem conhecia aquele panorama, os jardins das outras casas e o madeirame de um prédio em construção, mas ainda assim, naquele domingo de chuva, sentia um prazer estranho em se demorar ali. Nos dias de semana havia o barulho estridente de uma serra cortando tábuas lá nas obras e os estudos de alguém que aprendia as escalas num violino. E o panorama mudava um pouco. Via o elevador de madeira ir pelos andalmes acima, com tijolos ou com homens e às vezes, poucas vezes nos meses em que ali morava, via a família da casa ao lado entrar no carro.

Sentiu-se abraçada por trás. O rosto redondo do marido juntou-se ao seu.

— Que estás olhando? A chuva ou o barulho?

Foi só então que o notou. Lá mais adiante, na casa que ficara entre a obra e a casa da família do automóvel, estava um homem à janela. Realmente, notou Rosa, tinha um cavanhaque branco, completamente branco.

— Esquisito, Julião. Cavanhaque branco e cabelos pretos...

— Estava a olhar para você, querida.

Rosa riu-se. Perguntou se era ciúme e, como o marido não respondesse, deu-lhe um beijo na calva:

— Vamos almoçar.

Pelas quatro horas, o marido dormindo ainda a sêsta, Rosa voltou à varanda. Os cabelos um pouco desmanchados, o corpo quente ainda do calor da cama. A chuva passara e o sol faiscava nos vidros das janelas da obra; havia o silêncio sonolento das tardes de domingo e Rosa sentia ainda um torpor que amolentava, um desejo de descanso e deitou-se na rede presa à grade e à parede.

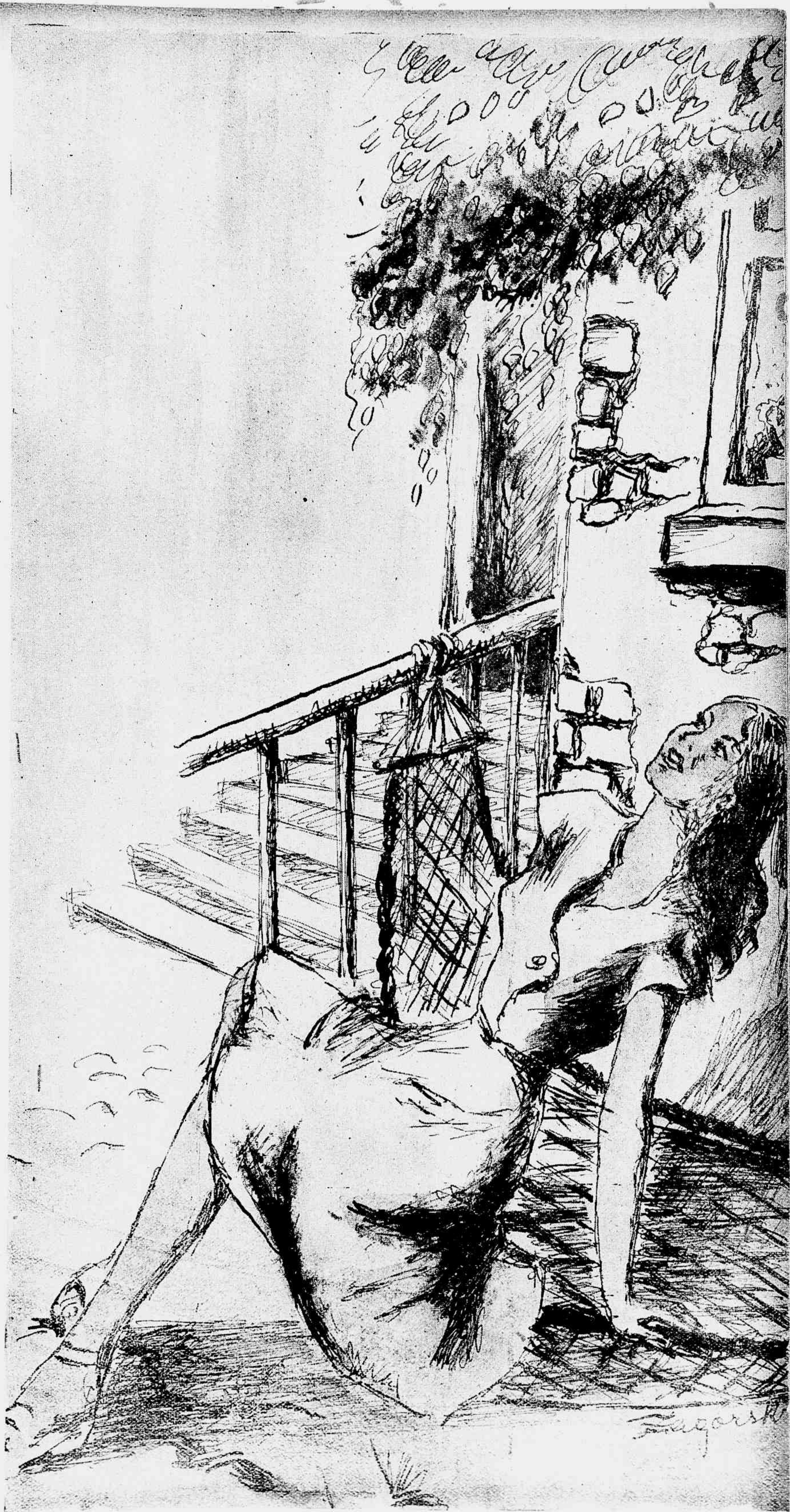
Cerrou os olhos, mas em breve os abriu; lembrava-se do homem de cavanhaque. Seus olhos foram até a janela do homem e ficaram com os dele. Rosa sobressaltou-se. De onde ele estava, podia bem ver seu corpo inteiro na rede e ela estava de roupão. Olhou para si e escondeu um sorriso moreno que sobressaía na alvura da fazenda. Contemplou ainda o corpo, agitou-se na rede e lavantou os olhos. O homem olhava-a. Sentiu-se inquieta, mas teve um vago desejo de ser admirada; cerrando os olhos, deixou-se vêr, fingindo dormir, ritmando a respiração. O vento caíra e o ar estava imóvel. Pouco a pouco o azul forte das alturas foi desbotando, o sol sumindo, deixando no poente tênues pinceladas cor de laranja. Muito breve as sombras viriam cobrindo as casas e a luz pálida da lua chegaria até a varanda.

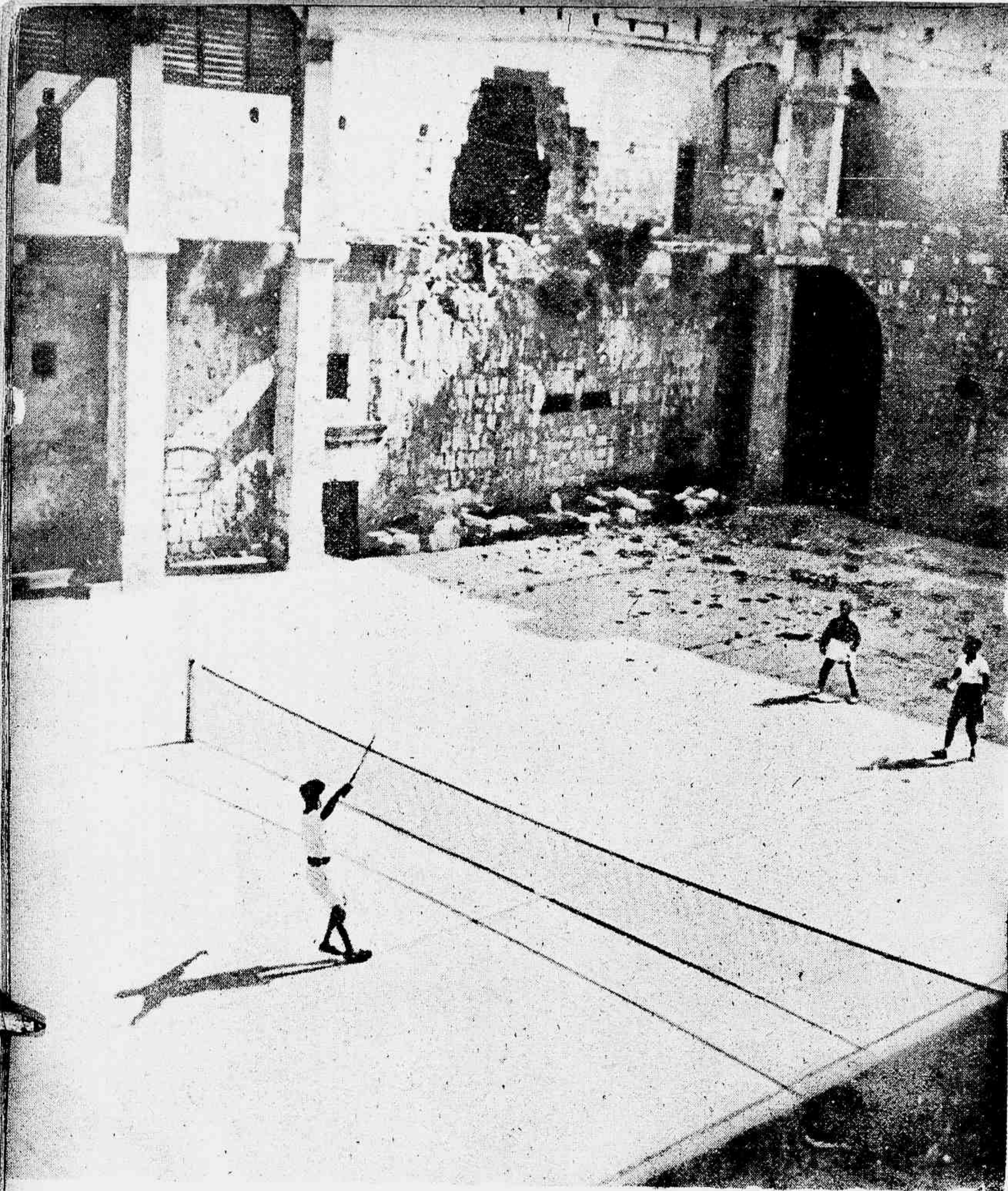
Rosa abriu os olhos. Gostaria de ser amada. Lembrou-se do marido, esparramado lá na cama, tão gordo e tão bom;

(Continua na página 50)

★

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"





No pátio de um edifício destruído, os marinheiros de Sua Majestade britânica organizaram um "court" de tênis.

MALTA está em questão com a Inglaterra. Se pouco se fala disso é porque os malteses são gente que substituiu há muito tempo a violência pela obstinação e porque a sua ilha, tão importante durante a guerra, está hoje fora das grandes vias de comunicação. Estão isolados do mundo e têm a impressão de que foram esquecidos.

Durante as suas relações com a Inglaterra, esta colônia da Coroa já se viu brindada com várias Constituições; nenhuma delas teve vida longa, o que até agora não teve grande importância. Os malteses mostram-nos no frontão de um antigo palácio dos Cavaleiros uma inscrição lembrando que os ingleses se instalaram na ilha após Napoleão, não por direito de conquista mas "com o consentimento da Europa e pela vontade dos malteses". Esta afirmação gravada na pedra bastava à maior parte deles.

Mas a guerra fez nascer um novo espírito. Sob os bombardeios, os malteses tomaram, mais do que nunca, consciência da sua personalidade e acham que é mais do que tempo suficiente de ser concedido o "self-government" que Londres lhes faz entrever há 40 anos. Não há hostilidade contra a Grã Bretanha, ou se há é muito prudente, mas antes uma má vontade principalmente contra os funcionários da coroa que, dizem os malteses, "saem demasiado caros e para nada servem". Censuram-nos mais vivamente ainda de não estarem longe de considerar os malteses como "nativos". Deste modo pode-se dizer que metade

A esquerda da porta Victoria, a hora do café... Mas o caso é que é sempre hora de café.



MALTA

A ILHA HEROICA

EM PAGA DE SUA RESISTÊNCIA ADQUIRIDA O ESTATUTO DE

Por Pierre ARTIGUE (Da France Press)

do problema das relações entre Malta e Londres já estaria resolvida se estivessem fora da alçada do Colonial Office. Os ingleses de Inglaterra, há muito tempo estabelecidos na ilha, são dessa opinião.

Mas o espírito de contradição que os malteses põem em criticar o mínimo gesto dos funcionários de Sua Majestade, leva-os algumas vezes a conclusões curiosas. Assim, certo jornal considera o Governador por haver delapidado o dinheiro da ilha num processo que terminou pela absolvição dos dezessete acusados: "Para que um processo tão caro, se eles estavam inocentes?", esquecendo-se não somente que o processo era necessário para dar força de lei a essa inocência.

MALTA NA GUERRA CONTRA O EIXO

As coisas começam para Malta a 16 de Janeiro de 1941, dia em que 250 bombardeiros alemães vieram perseguir

Durante os anos trágicos da guerra, os malteses fizeram muitos sacrifícios custou às nações que, no segundo aniversário da vitória, a ilha foi animadamente no noticiário da imprensa internacional. Os testemunhos de bravura do seu povo, o seu caráter, a ilha-a-fortaleza coberta de minas, focalizada pela imprensa internacional. A ilha que foi um baluarte da Europa, dos povos democráticos contra o Eixo, o estatuto de domínio, afim de ser reconhecida e a Austrália. E' o que este inter-

ALTA

DO MEDITERRANEO

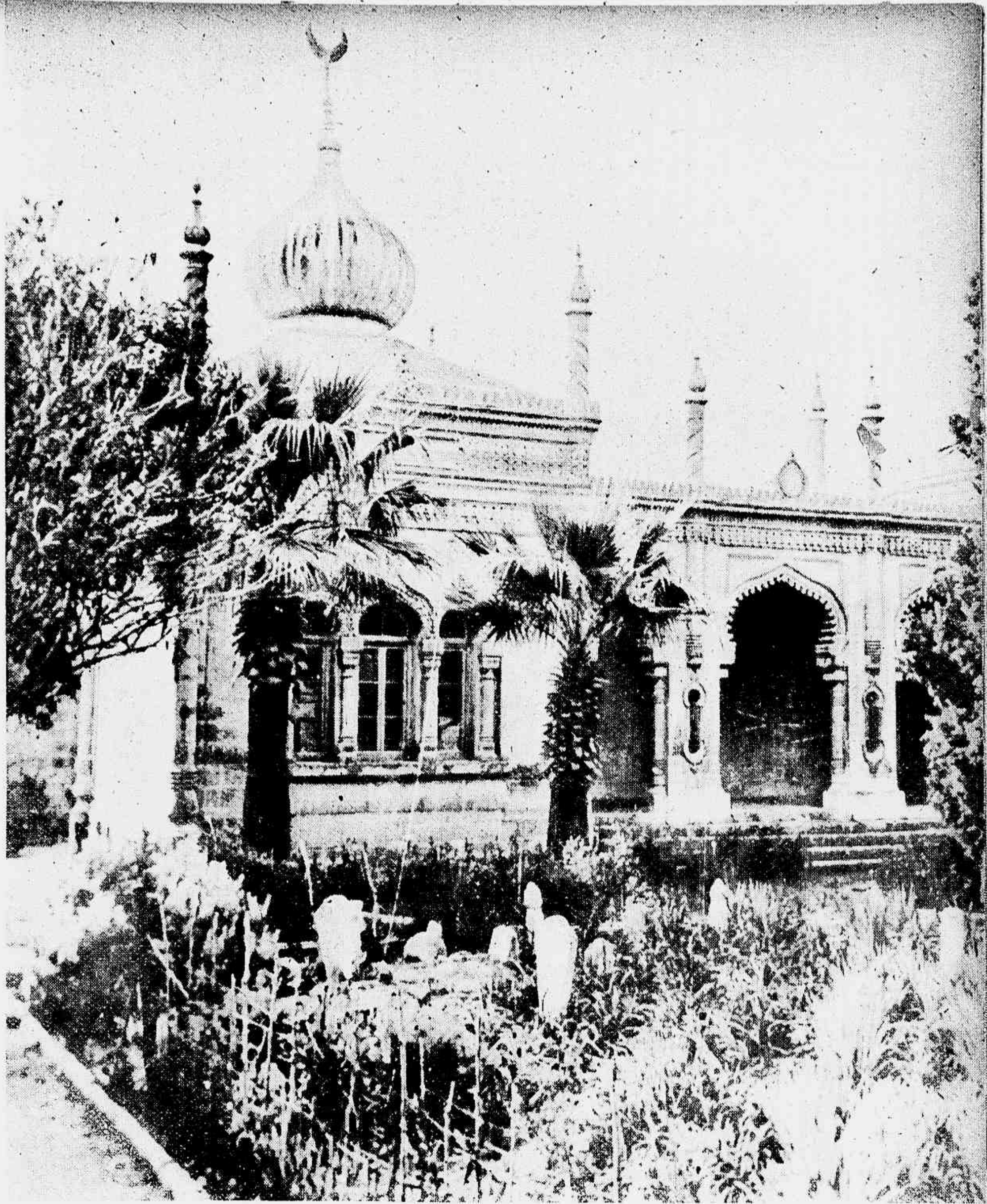
DA IRARVEL, EXIGE AGORA À INGLATER-
DE DOMÍNIO

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

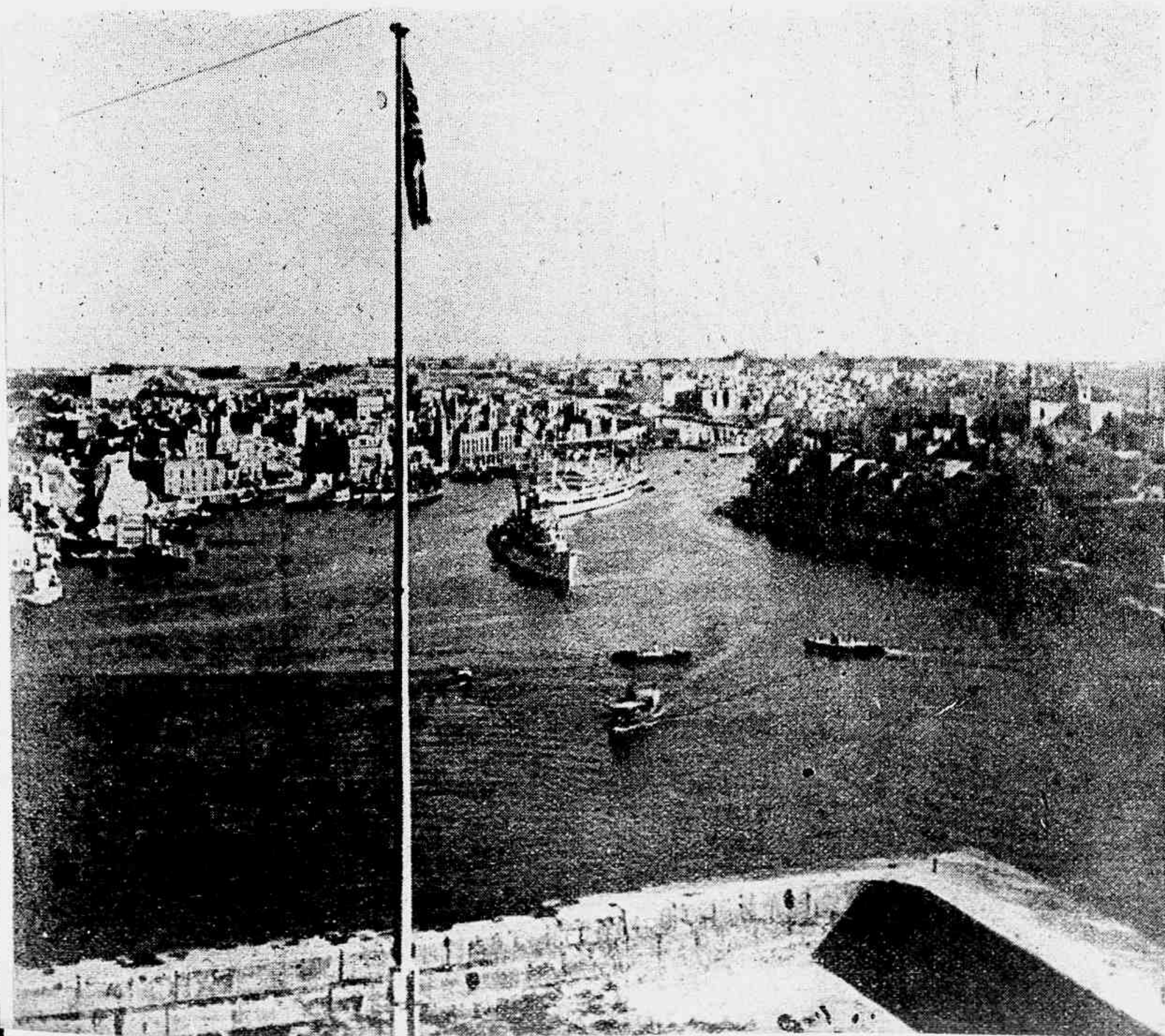
Centro do pôrta o porta-aviões "ILLUSTRIOUS" que, avançado durante um ataque no mar, ali entrara poucas horas antes. A Luftwaffe, que estava instalada na Sicília, voltou três dias depois e causou 200 mortes; os raids só cessaram em Novembro de 1942 com o desembarque na África do Norte. Nêsse lapso de tempo haviam-se registrado 3.000 alertas, um dos quais durou 11 horas e 40 minutos, 800 bombardeamentos importantes, 8.000 casas destruídas e 2.000 mortos. Se o número de vítimas foi pouco elevado em relação ao das casas destruídas, é porque os habitantes da ilha haviam-se habituado a viver debaixo das rochas, a quinze ou vinte metros de profundidade.

Mas ao lado dos bombardeios houve a fome: navios e aviões inimigos mantinham o bloqueio da ilha, e isso durou até 1944. Chegou-se, no princípio de 1942, a distribuir nas cozinhas que alimentavam a população apenas meia sardinha em cada refeição. O pior dia foi, provavelmente, o 10 de junho de 1942, dois anos depois da entrada da Itália

a segunda grande guerra, — que tantos, ainda combalidas, acabam de comemorar a pequena e heróica ilha de Malta figurou na imprensa mundial, através dos repetidos Malta, bastião perdido no Mediterrâneo, glórias imperecíveis, volta agora a ser nacional, em razão de suas novas aspirações de liberdade e da civilização na luta épica contra a tirania totalitária, quer conseguir um ser tratada em pé de igualdade com o Ca- interessante artigo nos explica.



Vista parcial do cemitério turco



na Guerra. Dois comboios foram perseguidos pela frota italiana e a Luftwaffe. Na época, toda a aviação inglesa se encontrava na Líbia para impedir Rommel de chegar a El-Alamun. O primeiro dos dois comboios destinados a abastecer Malta, que enviara S. O. S. sobre S. O. S.; vinha do Leste; esgotadas todas as munições, teve de bater em retirada para Alexandria; do comboio que partira de Gibraltar, dois cargueiros apenas entraram em La Vallette. Munições foram então transportadas à ilha por submarinos. Só dois meses depois, cinco navios de um comboio de quatorze puderam forçar o bloqueio.

Nunca os alemães tentaram repetir sobre Malta a sua ofensiva de Creta; era o que a população de Malta mais temia, e a ilha não poderia resistir a uma invasão senão durante quinze dias no máximo. Durante toda a guerra os alemães deixaram os submarinos aliados operar de Malta, e isso é tanto mais surpreendente que esses submarinos, afundando tudo o que era enviado a Rommel, foram os principais artífices da derrota final do "Afrika Korps".

MALTA RECEBE UMA GRANDE CON- DECORAÇÃO

Em reconhecimento de seus méritos, a ilha foi condecorada, em plena guerra, com a George Cross, e não é intenção do governo inglês negar aos malteses o direito a uma Constituição. Não tenciona, tampouco, tutelar-se às despesas

O porto de La Vallette. A direita fica Senglea, a parte da ilha mais bombardeada por motivo da vizinhança das docas. Foi ali que, antes da fundação de La Vallette, em 1560, os malteses resistiram aos turcos.

A "carozzina", o fiacre maltês. Em Malta ainda se chamam aos ônibus "carros de bancos". O tráfego faz-se pela esquerda, como na Inglaterra. Como em Paris, fez-se para os ônibus a experiência das cores. Cada linha tem uma cor diferente.

de reconstrução da ilha. Do projeto de Constituição, sabe-se que ele deixará aos malteses a gestão dos negócios internos da ilha, ao passo que a Grã Bretanha continuará a garantir a defesa de Malta e as suas relações com o exterior.

Muitos malteses acham que as propostas de Londres não são suficientes e que Malta mereceu nesta guerra os seus galões de Domínio. Um dos promotores desta idéia é Enrico Mizzi, o mesmo que antes da guerra estendia uma orelha favorável às solicitações de Roma e que, por prudência, os ingleses exilaram para Ouganda de 1940 a 1945.

Pouco faltou para que Enrico Mizzi se tornasse um Quisling por amor da cultura italiana. Hoje mesmo, enquanto exige que Malta seja promovida a Domínio, ele luta para que a Constituição reconheça a língua italiana como oficial no mesmo pé de igualdade com a inglesa e a maltesa. Para ele, a finalidade à cultura italiana é uma defesa contra as intenções que ele atribuiu aos ingleses. "O Governo britânico, diz ele, recusando-nos o uso oficial do italiano, procura afastar-nos da Europa à qual pertencemos e baixar-nos à condição de um povo levantino-africano, que não somos; deseja poder-nos tratar, por esse fato, como povo de classe inferior".

É verdade que os malteses estão voltados para a cultura italiana, muito próxima; o fervor do seu sentimento religioso já os orientava para Roma. Mas pretender que o maltês é um latino, é curiosamente brincar com a história e negar a contribuição semítica que lhe aparece na língua. Os especialistas em fenício, caldeu, babilônico, hebraico e árabe estão aqui no seu elemento. O maltês, quando não é descendente do inglês, não é mais italiano do que árabe, espanhol ou normando, e contudo é tudo isso ao mesmo tempo.

A linguagem da ilha é uma caixa de surpresas. Encontram-se nela palavras italianas, o que dá razão a Enrico Mizzi, mas também palavras francesas. Diz-se na ilha "bonjou", "bonsol", "sietta" — que é, evidentemente, uma deformação da palavra francesa "assiette", sem que se possa pretender por isso que Malta pertence à Gália. Encontram-se também palavras inglesas que entraram na linguagem corrente desde a instalação das oficinas do Almirantado.

A influência cultural da Itália havia aumentado de tal maneira que os ingleses tiveram medo e, em 1933 primeiramente depois definitivamente em 1936, baniram o italiano das escolas e dos tribunais, deixando apenas à ilha duas línguas oficiais: o inglês e o maltês.

"OS "QUISLINGS" DA ILHA DE MALTA

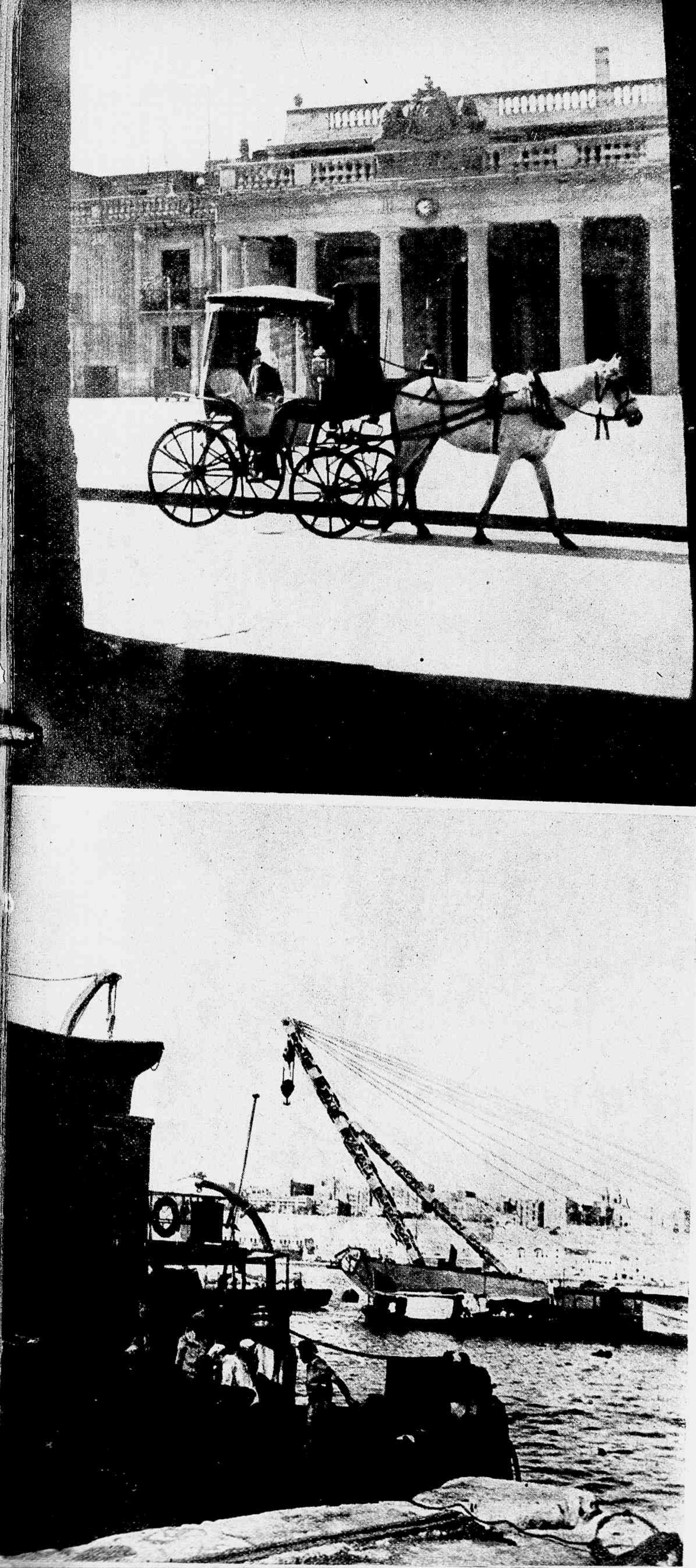
O homem que, no plano prático, mais trabalhou para a união de Malta à Itália foi um maltês, Carlo Mallia, que adotou a nacionalidade italiana apenas poucos dias antes de 10 de junho de 1940; tratou imediatamente de convencer os estudantes malteses, bastante numerosos nas universidades de Itália, da necessidade de trocar o seu passaporte britânico pela nacionalidade italiana; Mallia deixou-lhe entrever como alternativa o internamento durante a duração da guerra. Teve um jornal e fundou um partido, o Partido Fascista Maltês.

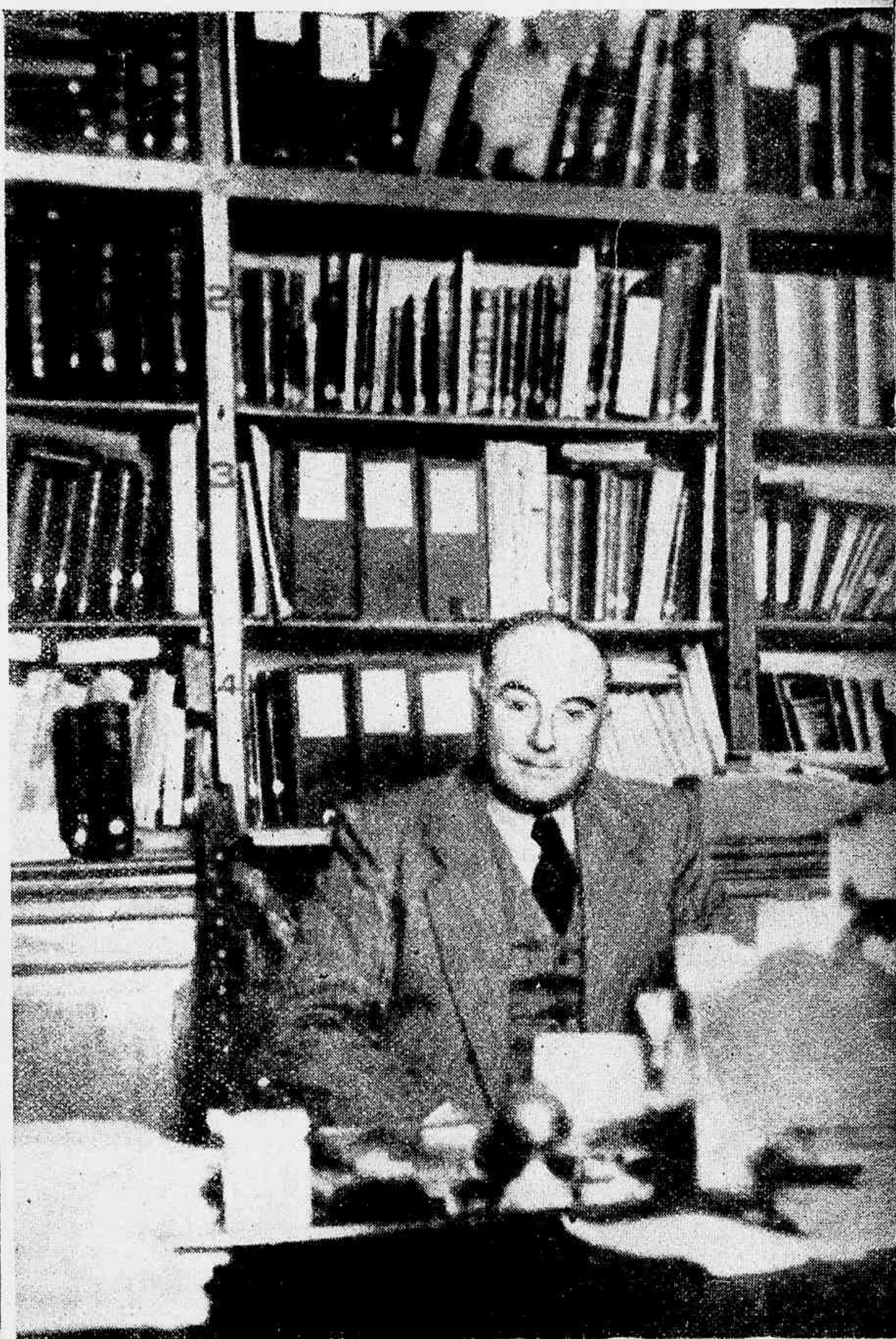
Contudo, se a ilha tivesse sido invadida, Mallia não teria sido o "Quisling de serviço"; como ele mesmo confessou seus atos e gestos eram vigiados por outro transfuga de mãe italiana, Scicluna Sorge, que estava adjunto ao gabinete do ministro Pavolini.

Hoje, a polícia inglesa procura Mallia que se escondeu na Itália, quanto a Scicluna Sorge, refugiou-se na Suíça.

Dos que se deixaram seduzir, desessete foram presos e enviados a Malta para ali serem julgados. Foram as pro-

O porto. Turmas de escafandristas ainda ali trabalham no levantamento de navios de comércio e de guerra, vítimas dos bombardeamentos da Luftwaffe.





A esquerda: Luqa, o grande aeródromo da ilha, preparado durante a guerra pela R.A.F. A British Overseas Airlines utiliza-o como escala; uma companhia maltesa organizou um serviço no Mediterrâneo central. A direita: O "Chevalier" Hannibal Scicluna, conservador do Museu. Encontrava-se na Alemanha na ocasião de Munich e viu chegar a guerra. Sem demora, ocultou sob as rochas os tesouros da ilha que vão desde dois molares do homem de Heanderthal aos manuscritos da Ordem. O museu foi destruído; o que resta dele abriga a Corte de Justiça.

vas de culpabilidade insuficientes? Quizeram os malteses dar uma lição aos ingleses? Ficaram eles emocionados e inquietos na presença dos desesete acusados, todos pertencentes às melhores famílias da ilha? Um pouco tudo isso. Os advogados não deixaram de se valer da lei maltesa, que os autoriza a recuar um júri várias vezes seguidas. O que foi finalmente aceito, absolveu pura e simplesmente os partidários da Itália.

Um deles, porém não teve essa sorte. Por não ter sido preso depois de estabelecida a paz, mas durante a guerra, um jovem estudante, Borge Pisani, foi julgado por uma corte marcial inglesa por alta traição e fuzilado.

Borge Pisani foi enviado à ilha, durante o assédio, em missão de espionagem. Teve a audácia de abordar a ilha do lado sul, onde os rochedos se elevam à beira mar a mais de cem metros. Fraturou uma perna na escalada. Teve justamente o tempo de ocultar o aparelho transmissor que levava consigo antes de ser surpreendido por uma patrulha. Inventou uma história de acidente, deu um nome falso, e tudo correria bem para ele se não tivesse caído no hospital sob os cuidados de um médico que conhecia seus pais e o reconheceu.

Malta é pequena, e o que fez a desgraça de Borge Pisani faz hoje a de toda a ilha. Desta vez não no domínio da traição, mas no plano estritamente econômico.

SUPER-POPULAÇÃO EM MALTA

Sobre 150 kms 2. de superfície, os malteses são 300.000

Em 1700 eram 54.000. O cereal acumulado anualmente pela providência dos Cavaleiros da Ordem nos celeiros abertos nas rochas bastava para alimentar a população. Um século depois os malteses eram já 102.000, apesar do recrutamento ordenado por Bonaparte, que ocupou a ilha e teve necessidade de homens para a sua campanha do Egito. Em 1820 o país achava-se em dificuldade: a produção passou de aí em diante a ser insuficiente e a ilha entrou numa vida econômica artificial. Essa fortaleza, em pleno Mediterrâneo, era necessária à Grã Bretanha e esta passou de aí em diante a prover às necessidades da ilha.

Os navios a vapor substituíram os veleiros e oficinas são instaladas pelo Almirantado. Durante a abertura do Canal de Suez, a importância de Malta aumenta mais. Durante a primeira guerra mundial não será apenas um porto de reparos e uma escala de abastecimento de carvão; o avião ainda não ameaça a ilha. Malta é então um vasto hospital onde, sob um sol calmo, enfermeiras frescas e graciosamente vestidas cuidam dos feridos dos Dardanelos, de Suez, de Vardar e até das batalhas de França. Durante esta última guerra Malta viria a ser, à custa da sua destruição, é verdade, e à custa também de enormes sacrifícios de tonelagem, o posto avançado da aviação e dos submarinos ingleses.

Para que Malta pudesse desempenhar o seu papel, convinha à Grã Bretanha suportar as despesas de manutenção da ilha. Mas a Inglaterra de hoje não é a de ontem, e já começa a fazer seriamente as suas contas. Ninguém gosta de pagar impostos, e os malteses talvez menos do que quaisquer outros (Malta não tem impostos diretos).

Antes da guerra, por 400.000 toneladas de mercadorias importadas, Malta exportava 100.000; esta proporção não se manteve, a indústria textil diminuiu de importância e muitos malteses relaxaram a cultura. Durante esse tempo, a ilha continuou a ter um excesso anual de 6.000 nascimentos num país onde a igreja se opõe com veemência e sem dificuldade a todo o controle sobre natalidade.

Ha uma única solução: que grande número de malteses vá aumentar as comunidades maltesas já existentes em todo o mundo, que outras terras lhes sejam franqueadas. Mas atualmente a emigração está em ponto morto; é praticamente impossível deixar a ilha.

Muitos malteses não desejam outra coisa senão partir. A grande maioria da população sente o isolamento destes últimos sete anos e o mal atual talvez seja atribuível a essa situação. Mas para onde ir? Para que a emigração tenha sentido, é preciso que o número das saídas ultrapasse o do excesso de nascimentos. Os Estados Unidos já mais aceitarão anualmente mais do que poucas centenas de malteses. Estes olham de preferência para a Tunísia, onde todos têm geralmente um parente ou um possível empregador, mas a França, depois da questão dos italianos da Tunísia, não está nada disposta a criar uma questão maltesa. Oferecem-lhes a Argélia, mas este país atrai-os menos.

Ha também o resto do Império britânico, a Austrália sobretudo, mas a porta só é aberta a quem tem um pequeno capital, e não são os capitalistas que se expatriam. Os malteses dirigem também o olhar para a Tripolitânia. (Incidentemente, esta foi doada por Carlos V, ao mesmo

tempo que Malta, aos Cavaleiros expulsos de Rhodes. A Tripolitânia passou para as mãos dos turcos alguns anos mais tarde. Mas é preciso ainda que se decida a sorte desta colônia italiana e que os italianos tenham abandonado o lugar.

IGREJA E "LABOUR PARTY"

Londres concedeu 30 milhões de libras para a reconstrução da ilha mas os malteses não acham isso bastante. "Isso não passa, dizem eles, de dois dias de despesas de guerra". Seriam necessários, segundo eles, 40 milhões de libras pelo menos, e provavelmente têm razão. Os malteses compreendem que o dinheiro possa fazer falta aos ingleses, mas acham que se deveria fazer os italianos pagá-lo. Eis porque, à exceção dos partidários de Enrico Mizzi, eles não têm escrúpulos em se instalarem nas fazendas deixadas pelos italianos.

Estão descontentes com o seu governador, um trabalhista, Mr. Douglas, o primeiro governador civil que a ilha teve. Os malteses censuram-no por se não mostrar bastante, por receber pouco, e vingam-se não o cumprimentando na rua. Têm saudades do fausto dos governos militares — o que está em contradição com o seu desejo de verem a Inglaterra economizar o dinheiro da ilha. A única pessoa que lhes merece as boas graças é o rei George VI, que veio muito simplesmente visitá-los em plena guerra. Mas, por outro lado, não gostaram do cortejo dos G-men, "jeps" e metralhadoras de que o presidente Roosevelt se rodeou quando visitou a ilha. Por mais que lhes dissessem que a Constituição americana exige aquela ostentação de forças quando o Presidente dos Estados Unidos se acha no estrangeiro, não se convenceram.

O maior problema é evidentemente o de reconstrução da ilha, que marcha lentamente. Dos 30 milhões de libras concedidos pela Grã Bretanha, apenas 3 milhões foram dispendidos até agora. Os malteses atribuem à sua administração, com ironia, o intento de pretender reconstruir o país com os simples juros do capital cedido pela Inglaterra.

São as igrejas que primeiramente são reconstruídas. Esta estranha prioridade, quando famílias inteiras vivem ainda nos abrigos abertos nas rochas, por falta de casas,



A 15 de Abril de 1942, quando Malta se encontrava sob bombardeamentos, o rei George VI concedeu-lhe a "George Cross", testemunha — diz a inscrição, "de um heroísmo e de uma dedicação que ficarão por muito tempo famosos na história".

é uma das provas do fervor religioso dos malteses e da influência do clero.

O partido político melhor organizado é o Partido Trabalhista, do qual se diz contar nas eleições de 30 a 40% dos votos, mas é um Partido Trabalhista que se parece muito mais do movimento Social-Cristão belga do que ao trabalhismo inglês. Ele não tem com a religião senão liberdades veniais. O Partido Nacionalista, que pede o estatuto de Domínio (ao passo que os trabalhistas se satisfazem com a Constituição em suas linhas gerais) conta com grande número. Mas a personagem mais importante da ilha é o arcebispo Gonzi. Seu predecessor conseguiu fazer fracassar uma Constituição com uma simples excomunhão pedida a Roma, e o excomungado não foi nem mais nem menos do que o Governador, isto é, o representante na ilha de Sua Magestade britânica e um católico praticante.

No dia em que o arcebispo condenou os braços nus, a própria polícia, sem se preocupar com as autoridades civis, colocou-se às ordens do arcebispo e fazia voltar para casa as moças que enfrentavam o edito episcopal.

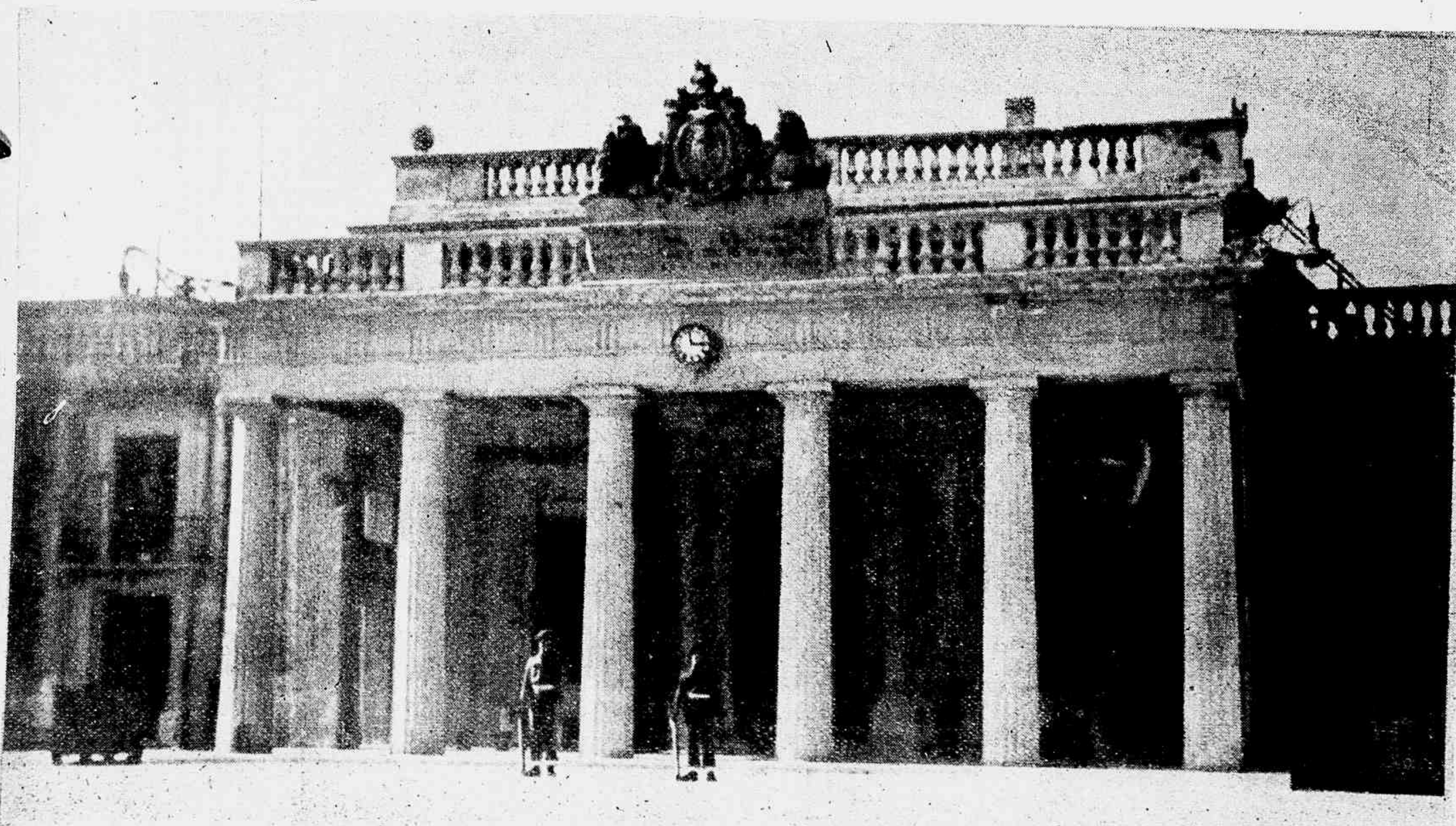
Msr. Gonzi, quando era bispo de Gozo, passava por favorecer a oposição à administração britânica; hoje ha a opinião de que ele apoiará a Constituição proposta por Londres. E do mesmo modo procederão aqueles que a si mesmos perguntavam em que se tornaria Malta com uma independência demasiado completa.

MALTA LIGADA AO IMPÉRIO

A ilha está absolutamente fóra dos grandes itinerários marítimos do tempo de paz. Se os aviões britânicos a utilizam como escala, é principalmente porque se encontram ali em terreno britânico. Em que se tornaria a ilha se amanhã o Almirantado decidisse que Malta não tinha mais qualquer valor estratégico? (É certo que até lá muitos anos passarão ainda). Que frota viria então abastecer os 300.000 malteses na sua ilha? O estatuto de Domínio compreende que o interessado se possa conservar neutro quando a Grã Bretanha está em guerra. Foi o caso do Eire em 1939, e a própria África do Sul só decidiu colocar-se ao lado da Grã Bretanha pela maioria de 7 votos. A elevação de Malta à categoria de Domínio marcaria o fim da associação inaugurada em 1814 "com o consentimento da Europa e pela vontade dos malteses". O Almirantado modificaria seus planos.

A economia de Malta não resistiria a essa decisão. A sorte de uma Malta próspera está ligada à do Império. Em Malta, os armazéns regorgitam de mercadorias, geralmente de marca inglesa mas que se não encontram em Londres. Tudo isso sem cartões de racionamento, sem filas. Os malteses acham que esta situação nada tem de extraordinária, visto que a guerra acabou, mas sempre que um avião pousa no aeródromo de Luqa, vindo da Inglaterra ou para lá se dirigindo, há uma corrida de passageiros ingleses para o pequeno "stand", onde gastam o tempo de paragem comprando objetos, cigarros, chocolate, sabão, ovomaltine, quaker oats, que são um luxo ignorado at home... Mas que se encontram em Malta porque o Império tem de ser mantido...

Main Guard. De 24 em 24 horas, duas sentinelas fazem guarda. No frontão, sob as armas da Inglaterra, a inscrição recordando que os ingleses se instalaram na ilha "com o consentimento da Europa e pela vontade dos malteses".





A lindíssima Janis Carter, estrêla de "Paula" uma nova produção da Columbia; apresentando uma interessante blusa em sêda azul marinho com aplicações em branco.

JÁ vai longe o tempo em que as mulheres não ousavam confessar que trabalhavam... As moças que se atreviam a fazê-lo, acrescentavam logo que aquilo era "por esporte", unicamente para não ficar "atôa" em casa...

E as "amiguinhas" comentavam o caso ironicamente... Era como se ela estivesse cometendo um ato muito reprovável.

Quando então se tratava de uma senhora casada, coitado do marido! Era um "pilantra", um "aproveitador", um "malandro" que só havia casado visando os seiscentos mil réis (muito dinheiro, naquele tempo), que a esposa ganhava! E

ela, a mulher? Também era atacada; "aquilo era uma falta de vergonha"! "o que ela queria era andar na rua!" E na hora em que ela saía para o trabalho, as vizinhas e boas amigas se agrupavam nas janelas (atrás da cortina, é claro...) "Você viu?, tanto luxo para ir trabalhar? Qual ali tem coisa"... Isso era invariável, mesmo que ela fôsse vestida modestamente.

Hoje, felizmente, a mulher não só não sente vergonha de dizer que trabalha, como se orgulha disso. Solteira ou casada trabalha, e tem demonstrado o quanto é eficiente, seja qual fôr o ramo a que se dedique.

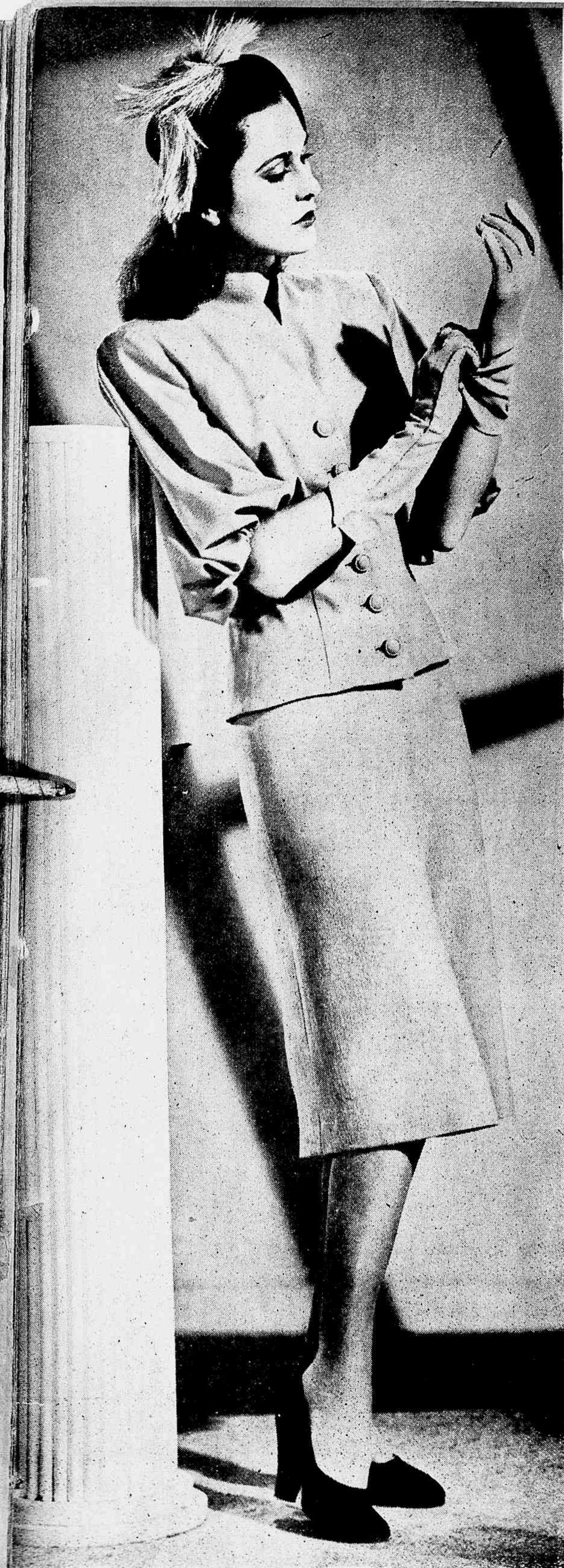
Também o motivo que a leva a trabalhar é sempre digno de respeito: auxiliando os pais ou marido, educando os fi-

lhos ou mesmo cuidando de si própria, ela coopera para a elevação do seu nível de vida e daqueles com quem priva. E assim, adquiriu também a sua independência financeira, e com o seu salário pôde obter tudo o que deseja.

Já não precisa esperar que lhe dêem "mesada para os alfinetes", já não precisa pedir que lhe comprem objetos para o seu uso, enfim, não mais depende da generosidade da família...

Isto lhe dá uma grande confiança em si própria e a certeza de estar preparada para enfrentar quaisquer situações que a vida lhe apresente.

NOS BASTIDORES FEMININOS



ELEGÂNCIA

O nosso inverno, bastante "camarada", nos permite uma variação sem limites em matéria de "toilettes". Os costumes pesados, os grandes casacos, os trajes de lã fina, os vestidos de mangas três-quartos, os pequenos "tailleurs" tudo enfim, pôde ser usado pelas nossas elegantes. Algumas bonitas sugestões são apresentadas, aqui, hoje, às nossas leitoras. Da esquerda para a direita: "Duas-peças" muito original, apresentado por Lima Sterling, também da República. O casaco, sem gola, abotôa com botões do mesmo tecido, as mangas são fôfas, presas acima dos cotovelos. Saia



DE INVERNO

em "fôrma". Janet Martin, num elegantíssimo costume preto, com recortes "godets" no casaco. Botões de metal ou de vidro. Saia justa. Cathy Downs, a linda estrela da 20 th Century-Fox, é quem nos apresenta este modelo em fina lã azul turquesa. Para as mais jovens. Novamente Janet Martin sugere este casaco de lã bege, fechado só até a cintura, dando idéia de vestido. Os bolsos dos lados formam uma pequena "basque".

PENTEADOS

A MELHOR moldura para um rosto bonito, é o cabelo. Uma cabeça bem penteada, impressiona ainda que os traços do rosto não sejam tão bellos. Há penteados idealizados para certos trajes e certas ocasiões e isso é necessário observar-se. Ao alto à esquerda: Ilona Massey, da Republic, usa aqui um penteado que lembra as damas antigas. O cabelo é levado para cima, em ondas negligentes, e de um dos lados cáem três vistosos "cachos". Um penteado assim ficaria maravilhoso com um vestido de noite de renda preta, e num rosto delicado. Em baixo: Peggy Stewart, prefere, para a rua, este penteado simples, para o alto, com ondas e "boucles" desfeitos. Atrás, o cabelo de Miss Stewart é levado para o lado, num belíssimo movimento. Na página à direita: E' outra vez Ilona Massey, num penteado verdadeiramente principesco. Grossa trança dá a volta no alto da cabeça, e está enrolada em perolas.









MISCELANEA...

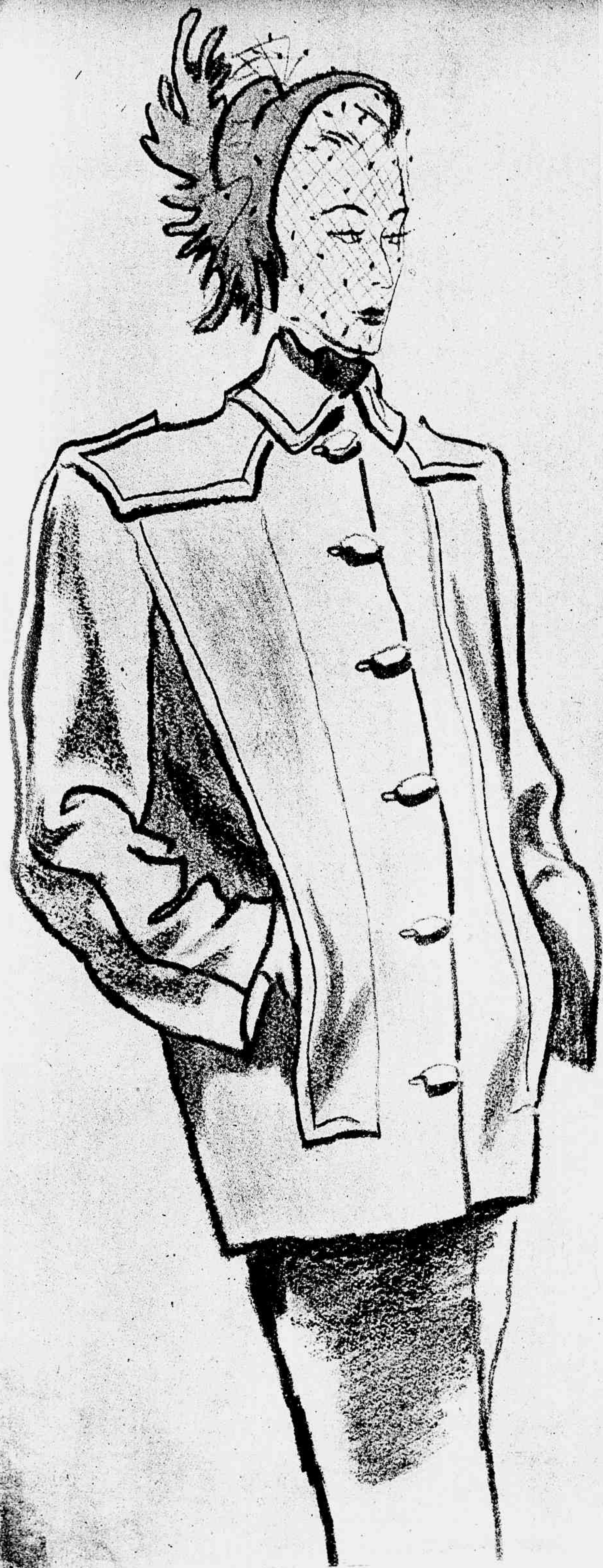
N ESTAS páginas, vocês encontrarão "toilettes" para as mais diversas horas do dia, e para as mais diversas ocasiões. Todas elas, no entanto, foram confeccionados para gente moça, para aquelas que ainda não atravessaram os vinte e cinco anos... Na página à esquerda: Catherine McLeod, da Republic, ostenta um gracioso "duas-peças", em tecido quadriculado preto e branco. Duas grandes rosas do mesmo tecido, no lado esquerdo. O casaco não tem gola, e fecha somente na cintura, donde saem três pregas em sentido horizontal. Saia "godet". Nesta página ao alto: uma graciosa blusa, que poderá ser executada em seda branca ou creme. Em baixo: Dorothy Malone, da Warner Bros, num originalíssimo modelo de pelucia preta. Mangas japonesas, compridas, gola alta, cinto com bolsinha dourados. Finalmente à direita: Jane Frazee, com um traje composto de saia preta, justa e largo blusão de pesada seda listrada, de várias cores. Cinturão de pelica preta.





NUNCA a imaginação dos costureiros franceses esteve tão fértil... Para este inverno eles se esmeraram, criando verdadeiras obras de arte. E isto abrangeu todos os setores. Tanto que os pesados e desgraciosos casacos dos invernos passados, deram lugar a estes magníficos e originais modelos, cuja "amostra", aqui apresentamos. Da esquerda para a direita: De Alex, temos este maravilhoso casaco de lã creme, de ombros largos, pregas nas costas e enfeite de pele. Notem que o casaco vai estreitando à medida que desce. Numa linha completamente oposta é este de Jacques Griffe, confeccionado em

OS NOVOS



CASACOS

tecido quadriculado. Notem a originalidade do seu transpasse e do seu enorme bolso. Gola em tecido unido. De indiscutível elegância é esta criação de Jane Regny, executado em lã cinza. É bem mais largo na altura dos ombros e afina para baixo. As incrustações nos ombros, lembram os casacos militares. Uma larga lapela vem quase até a barra do casaco, e não estão embutidos os bolsos laterais. De Roseviene, é este modelo em lã quadriculado, de diversos tons. O casaco é largo, longo e arredondado. Bolsos sobrepostos.



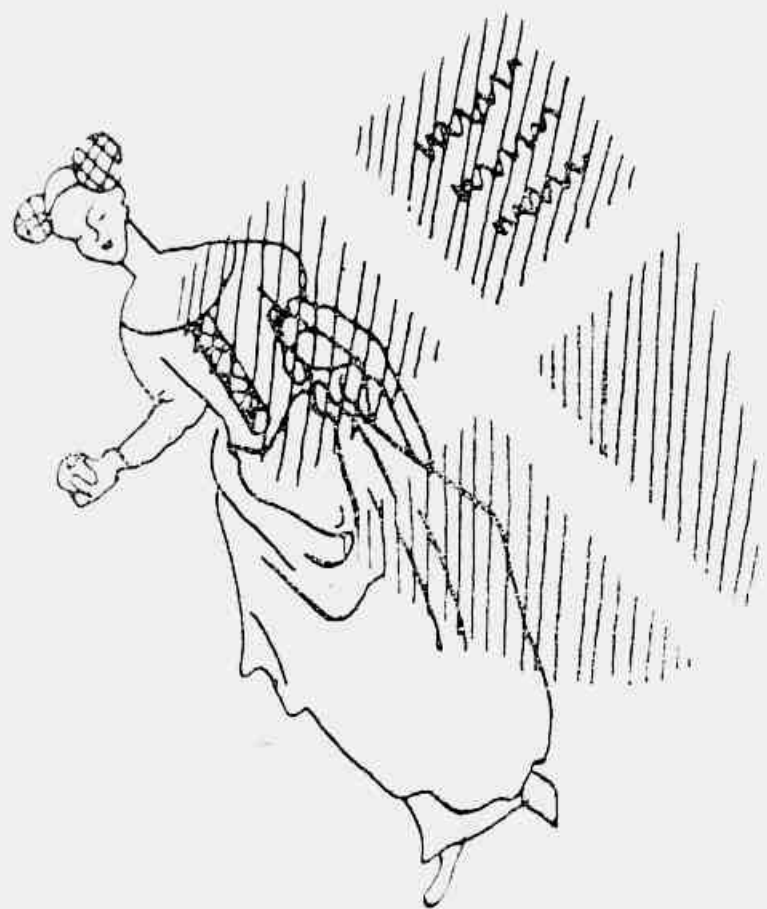
SEMPRE "CHIC"

Pela manhã ou à noite, a mulher deve estar sempre muito "chic". Com bom gosto, tudo é possível. Aqui estão dois lindos modelos. O primeiro, para manhã, é um pijama de inspiração russa, confeccionado em seda azul claro, com viéz e bordados em marinho. O blusão têm gola alta, mangas três-quartos, ajustadas por pequenos punhos. A sugestão é de Vera Ralston, da Republic. O segundo modelo, é um elegante traje para a noite, em pesado crêpe preto, com "rouche" de crêpe romano ao redor do decôte. A saia é justa, abrindo-se para baixo. Usa-o

Linda Sterling



VIRGINIA MAYO, essa lourinha bonita que também figura no elenco de "OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA", oferece aqui às nossas leitoras uma blusa realmente encantadora. Pode ser feita em "voil" suíço ou em "mousseline" e toda bordada em cores vivas.



1 — A "echarpe" sobre a cabeça tão moderna, não é outra senão o chapéu da idade média.

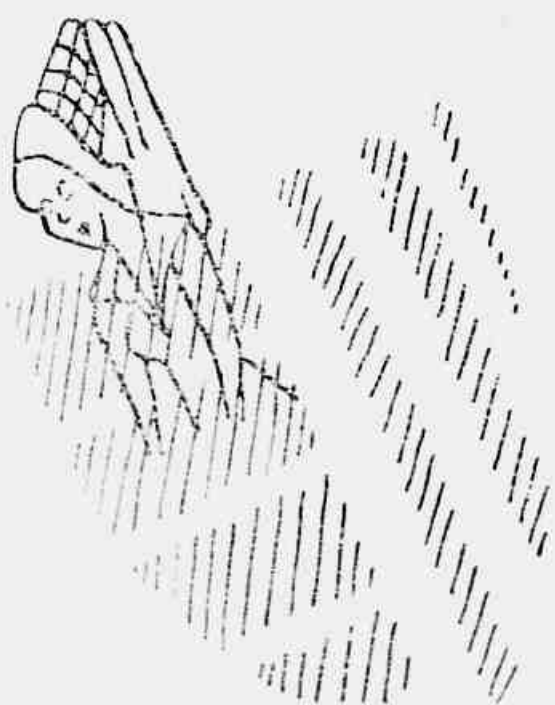
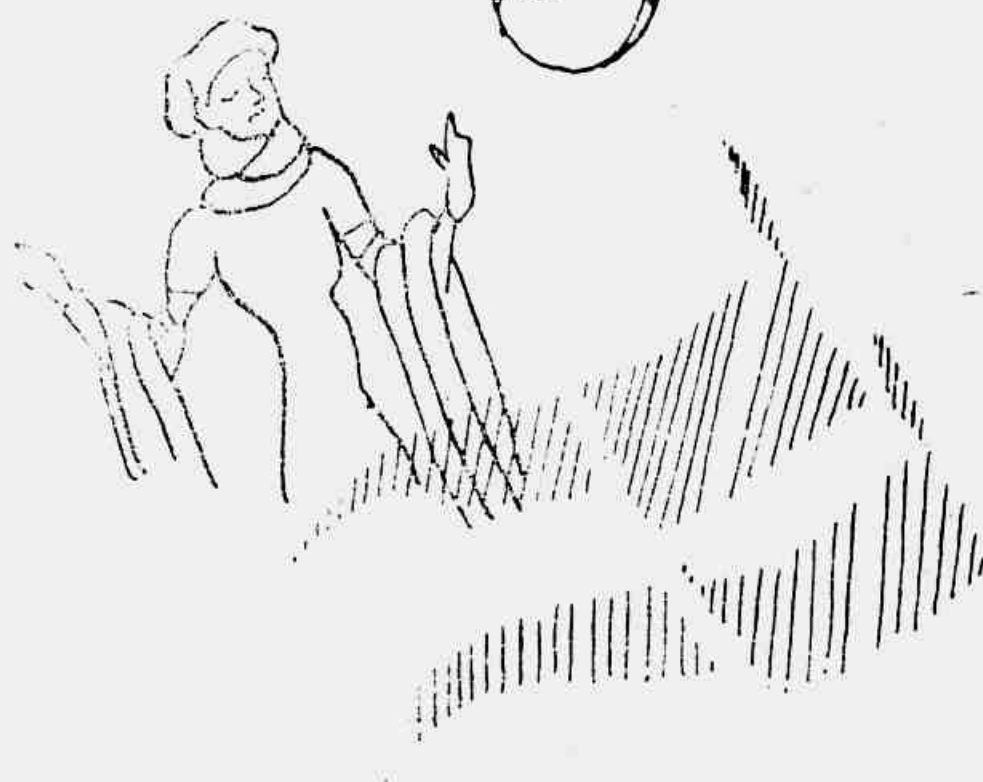
2 — Modelo para a noite inspirado nas creações da idade média, o que se nota, principalmente, no "movimento" da sala.

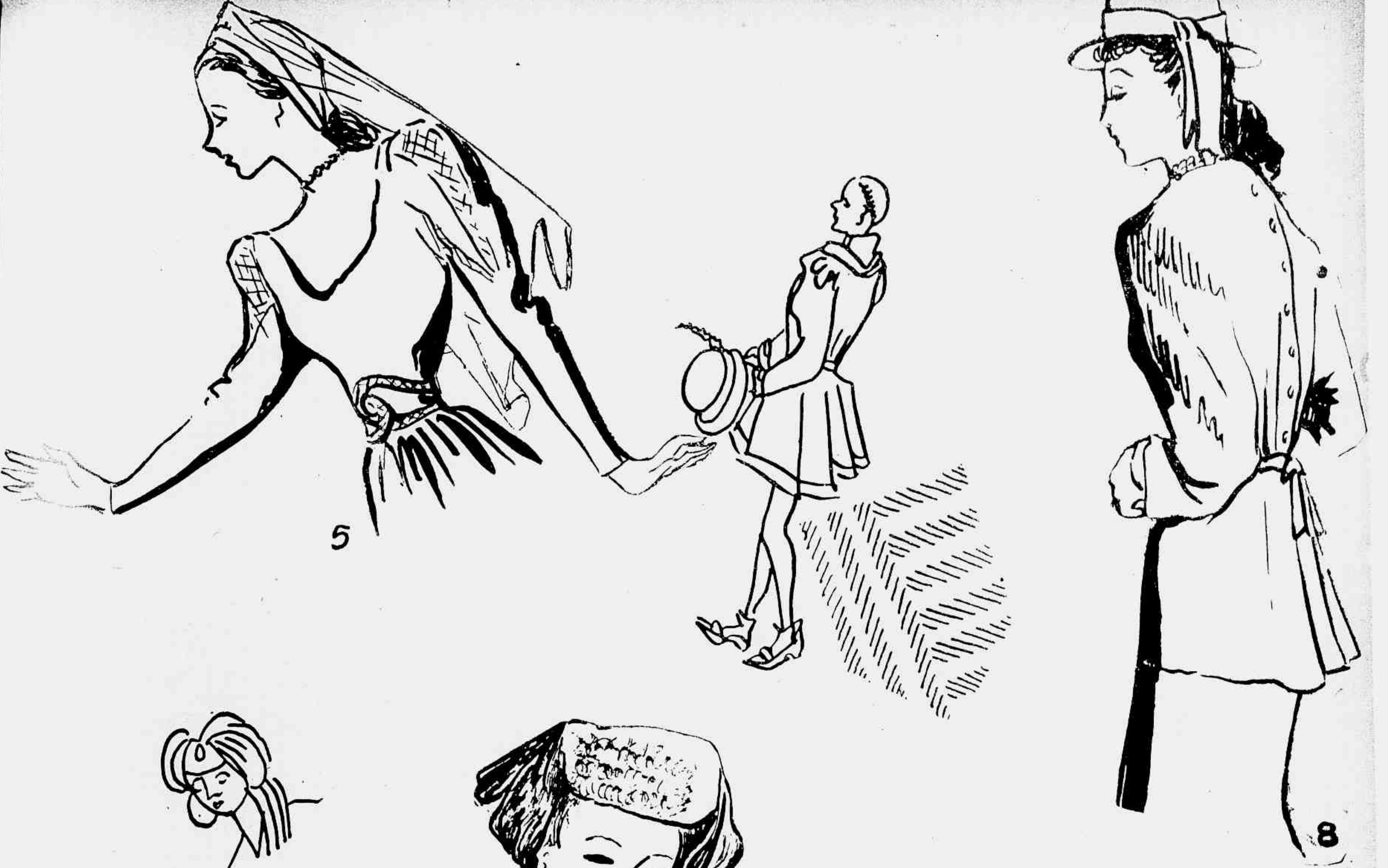
3 — Esse chapéu elegante, de forma cônica e véu caído para trás, fez grande sensação no século XV.

4 — O chapéu de feltro dos homens do século XV, está transformado num chapéu feminino muito elegante.



Idade





Média

EM MODA

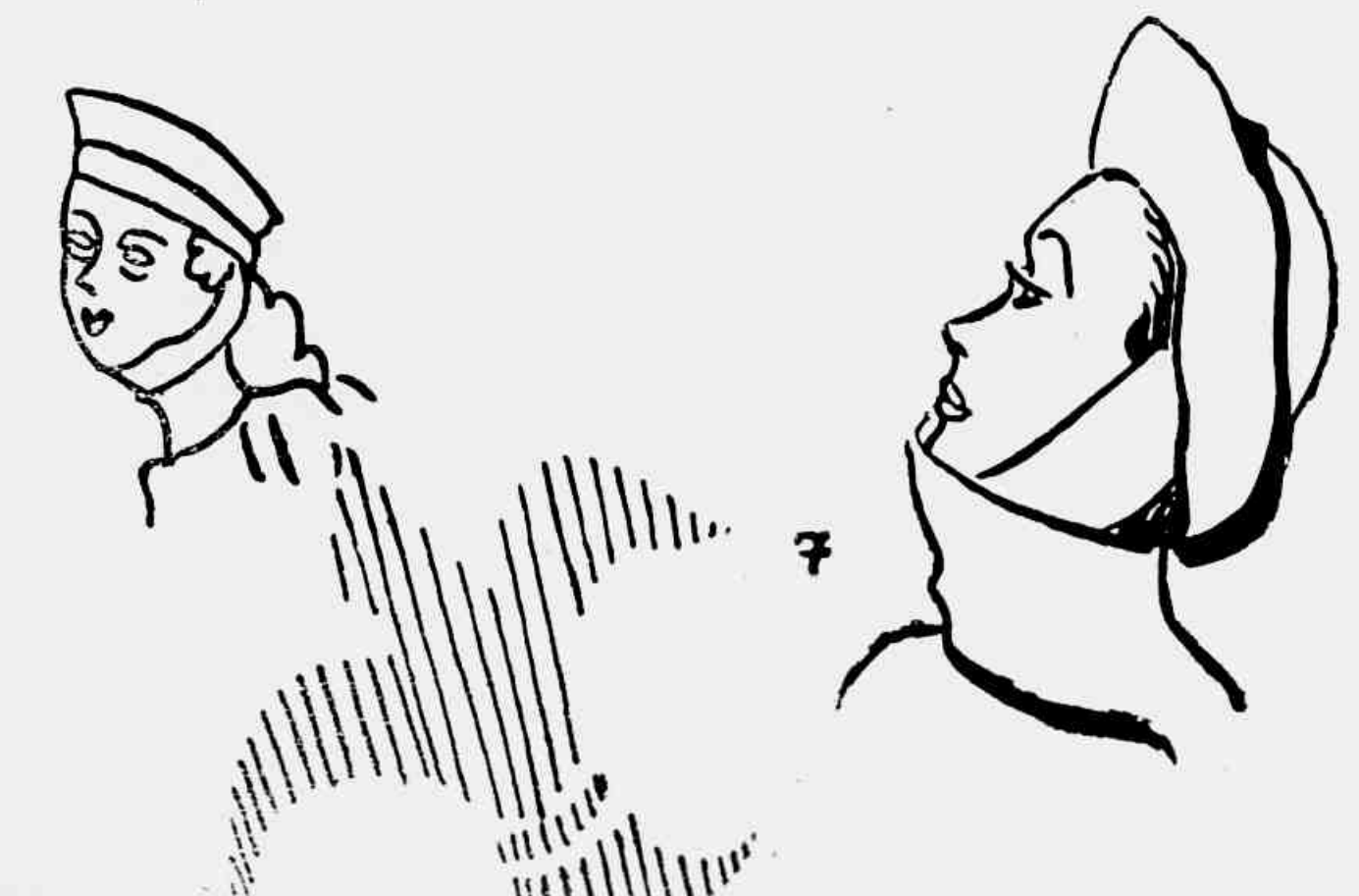


5 — Esta noiva parece ter saído de um quadro da idade média. Os detalhes são os mesmos: a touca com véu, o decote profundo, o corpete ajustado e a saia ampla.

7 — No século XIII, os chapéus tinham uma faixa sob o manto; hoje a moda perdura.

8 — As pregas nas costas desta jaqueta, imitam os casacos usados pelos homens do século XV.

9 — O modelo para a noite, de efeitos soberbos, é inspirado nos trajes dos cavaleiros do século XII.



A VIDA DE SCHOPENHAUER

(Continuação da página 57)

Se a filosofia de Spinoza, como já foi observado, era o espírito de afirmação, intoxicado de Deus, a filosofia de Schopenhauer era o espírito de negação, intoxicado do diabo. Embora ensurdescesse totalmente ao envelhecer, o seu espírito nada perdeu de sua agudeza. Cairam-lhe os dentes, os lábios pendiam frouxamente sobre as gengivas e o bigode descuidado caía-lhe em desordem sobre a boca. Mas conservava, ainda, a expressão de zombaria no rosto e o fogo nos olhos.

VI

E depois, chegou para ele, afinal, o reconhecimento. Era seu costume deixar de falar durante semanas a fio. E por dezessete anos desistira de publicar qualquer um de seus trabalhos. Em 1835 quebrou o silêncio e "beneficiou" a humanidade com a publicação de um ensaio *Sobre a Vontade na Natureza*. Neste ensaio, continuou a sua eterna discussão sobre o mal essencial da existência. Escreveu, depois, uma continuação para *O Mundo como Vontade e Representação*. E o público principiou a ler-lhe os livros. Ele que dissera que "um amigo necessitado, na verdade, não é um amigo mas apenas um homem que pede dinheiro emprestado" descobriu, então, que tinha uma porção de amigos por todo o mundo — velhos e jovens estudantes de filosofia, atraídos pela brilhante lucidez e pela análise incisiva de seu trabalho e que o proclamava o profeta de uma nova era. Esta onda repentina de adulação não surpreendeu o incorrigível pessimista-otimista. Jamais perdera a fé em si mesmo. Durante todo o tempo esperara pela aclamação. Esta chegara, porém, algo tardia. Encontrava-se ele no verão hindu' de sua vida. "Agora que passei uma longa e solitária vida de insignificância e desprezo", disse com o costumeiro escárnio, "escoltam-me até o fim com trombetas e tambores". O mundo, finalmente, descobria Schopenhauer. Encontrara em suas palavras o estimulante para uma nova espécie de coragem — a coragem do desespero. A misantropia tornou-se moda. Toda a gente devorou *O Mundo como Vontade e Representação* e encontrou em sua ácida originalidade o auge do artificialismo mundano. Jovens discípulos proclamavam, em toda a parte, com delícia, a asserção do velho mestre que "o único desejo honesto que pode ter um homem é o do absoluto aniquilamento".

E Schopenhauer aquecia-se ao labor de sua glória como um velho gato ao sol. Fêz com que toda a crítica sobre seus livros surgida nos jornais, lhe fôsse enviada à sua própria custa o que, para um avaro como ele, não era menos que uma revolução. Quando as visitas chegavam à sua casa, ficavam a contemplá-lo durante horas a fio, como se ele já estivesse petrificado em monumento. Um discípulo ardente pediu-lhe que fundasse uma sociedade literária destinada a zelar, constantemente, para que nenhuma sílaba de seus escritos fôsse, jamais, alterada por adaptadores e tradutores. E Schopenhauer nesse meio tempo, consultando a sua mística literatura hindu', verificara, satisfeito, que os Vedas acreditavam, poder o homem sadio contar com uma duração de cem anos para a sua vida. "Declaram os meus opositores que a minha fama chegou tarde. Cuidam que estou velho e pronto para morrer. Pois bem, viverei mais do que eles". Pois quanto mais envelhecia tanto mais amava a vida — esse Koheleth alemão que prelecionara a vaidade da existência e a sabedoria do auto-aniquilamento. Acreditava, piamente, que chegaria a viver um século. "Terei ainda mais trinta anos de fama antes de morrer".

Havia uma feira na cidade de Francfort. Schopenhauer cumprira sessenta e nove anos. Todas as tardes ia para a feira e

quedava-se a considerar, impressionantemente, um orangotango que, de sua jaula, retribuía-lhe os olhares sem se mostrar absolutamente impressionado. Schopenhauer ficou fascinado pelo "provável ancestral de nossa raça". Instou com os amigos para que não perdessem a oportunidade de ver esse orangotango. "Mon ami", disse-lhe em uma de suas visitas, "lamento enormemente não o haver conhecido antes... Sim, sim, o osso frontal de sua cabeça é, decididamente, mais bem formado que o da maioria dos humanos... Comove-me a maneira pela qual olha através das grades. Você tem o gesto estranho e melancólico de um profeta fitando a Terra Prometida".

E acrescentou em seguida, com amargura, "Mas para mim, infeliz criatura que sou, não existe a Terra Prometida".

VII

Um dia, ao voltar apressadamente à casa para jantar — andava sempre depressa mesmo em sua idade avançada — foi acometido de palpitação do coração e dificuldade em respirar. Aquilo não estava certo. Ele precisava de mais trinta anos, durante os quais pudesse saborear as doçuras do êxito. De quando em quando voltiam as palpitações. Mas em vez de diminuir o passo, diminuía Schopenhauer o compasso dos passeios. Recomendou-lhe o médico que tomasse remédios, mas o filósofo respondeu, resmungando, que nunca tomara uma pilula em toda a sua vida e que não começaria agora. Aquêles que esperavam comprar saúde na farmácia eram tolos e patifes!

E qual a razão que havia atrás da interminável luta do homem pela vida? Qual o grandioso resultado de todo o empenho

e de toda a luta das criaturas para continuarem a sua existência? Qual, senão a morte? Quão engenhosa era a preparação, quão elevado o custo, quão ardente a esperança, e quão desesperador o fim! Ninguém, com certeza, poderia desejar, racionalmente, prolongar uma luta tão desigual! Schopenhauer, todavia, continuava lutando.

A enfermidade do velho filósofo foi diagnosticada como inflamação dos pulmões. Ele lutou, violentamente, contra a sugestão de ficar de cama. Sentou-se no sofá. Sobre ele pendia um retrato de Wolfgang von Goethe. Sobre a escrivaninha erguia-se o busto de Emanuel Kant. Perto dele, sobre a mesa, havia um volume aberto, de Descartes. Como tinham sido sabidos aquêles filósofos! Quão bem haviam compreendido a futilidade do homem — a estúpida ironia de sua vontade de lutar por uma porção um pouquinho maior de voracidade! Acreditará alguém que lhe é dado lograr o seu prazer enquanto sofre o seu vizinho? Pelo contrário, aquêles que busca para si uma vida feliz num mundo que é oceano tempestuoso de males, semelha o mendigo a sonhar que é rei. Tal é a lei da Justiça Eterna. Não há separação entre o meu e o teu, a minha felicidade e a tua felicidade, a minha vontade e a vontade geral da humanidade. Que os homens sábios proclamem essa verdade transcendental cada um de nós deve suportar todo o sofrimento do mundo como o seu próprio. E nós que provamos uma gota da fonte da eterna sabedoria, nós que nos dedicamos como humanitários salvadores dos homens, entreguemos os nossos corações a todos aquêles que sofrem, para que, assim fazendo, possamos abrandar o nos-

so próprio sofrimento. Nós que arrebatamos à nossa força o seu desejo cego e fútil de lutar contra os nossos semelhantes, nós que mergulhamos a nossa vontade individual na vontade geral, seremos santos — santos que inspiram esperança, destituídos de vontade, sábios e livres.

O dr. Gwinner vinha muito freqüentemente visitar o velho Schopenhauer. Trabalhavam longas conversações sobre filosofia e sobre os acontecimentos políticos da época 1860... Os italianos haviam-se levantado como um vagalhão para expulsar os opressores austríacos. Luiz Napoleão levava a França para a guerra ao lado da Itália. Na América, o Norte e o Sul armavam-se para a luta titânica da família desunida. Os senadores sulistas deixavam, debulhados em lágrimas, as salas do Congresso. Dias momentosos, aquêles, dias que forneciam muito com que nutrir-se o pensamento filosófico.

VIII

"Dispensem o vazio da existência. O grande homem não é o conquistador, mas aquêles que nega a vontade de viver". As histórias no futuro não serão escritas a propósito de guerreiros, mas acerca dos fazedores de paz — os homens da resignação que, no alvorecer de sua razão estão prontos para arrojarem de si, a fantasia que usaram na louca noite carnavalesca de sua vida. Nenhuma saudade; nenhuma vontade, nenhum mundo — e a paz.

Era forte ainda a sua voz, observaram os amigos do filósofo. Os seus olhos mal apresentavam traços de velhice. A sua saúde, insistia ele, não era realmente algo de que pudesse queixar-se, afora os violentos espasmos de tosse que, de quando em quando, o dominavam.

...Calmamente assentado à mesa do pequeno almoço, corrigindo as provas de seu último livro esperava que a senhoria lhe servisse o café. Ele encontrara a esperança, verdadeira evasão do fluxo desnecessário do desejo... Não lhe descobrira, Kant, o segredo, aquêles velho e sábio filósofo a olhar de cima de sua escrivaninha num pacífico sono de mármore? Em seus primeiros dias, fora Schopenhauer às galerias de arte de Dresden para estudar, horas a fio, as Madonas de Rafael. Que estava escrito nos diversísimos rostos da Virgem, pintados pelo mestre? Vida, trabalho, morte — e transfiguração. Apenas a arte era a fuga ao fluxo interminável. A arte, a idéia pura que se encontra fora do remoinho do espaço e do tempo — "como o arco-íris repousando calmo sobre furiosa torrente".

— Doutor Schopenhauer, tomou o seu banho frio? Entrara a senhoria para deixar que o ar matutino penetrasse no quarto.

Mas o espírito de Schopenhauer estava muito distante dali. Que significa a arte? Significa a renúncia da personalidade individual, o divórcio de todos os desejos práticos, a reverente contemplação da Idéia altruística como um sacramento. O homem mediano volta a sua atenção para as coisas, apenas até ao ponto em que elas têm alguma relação com a sua vontade individual. Mas o artista deixa de lado a sua vontade para compreender cada coisa como realmente é. E compreende, então, que a "coisa" já não é um propósito. É apenas uma idéia. Ele aprendeu a interpretar o mundo em termos outros que os de seus próprios e mesquinhos desejos. Sujeitou a vontade à sabedoria pura e sem restrições do espírito. Elevou-se acima de si mesmo e contemplou, sobre o panorama da sabedoria, além das cumiadas das montanhas do desejo, o vasto horizonte de paz. Vida, trabalho, morte — transfiguração.

— Doutor Schopenhauer! — chamou a senhoria ao colocar o café a seu lado.

Ele não respondeu. Estava morto.

Do livro "Vidas de Grandes Filósofos".

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto atualizado até à expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 - RIO.

Atende-se pelo reembolso.



UMA POEIRA DE NEVE...

Conto de Euclides Marques de Andrade
ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR

AQUELE exame estava me dando um trabalho como nunca tive outro igual. Vivia refugado nos quartos silenciosos, debruçado sobre os livros, entregue a longas meditações. As vezes cochilava sobre os compêndios. E tinha sonhos exquisitos. Lafayette, Savigny, Bevilacqua conversavam comigo, discutiam entre eles, ave-

tavam teorias que não compreendia. Quantas vezes a madrugada vinha me encontrar ainda sentado perto da mesa, olhos vermelhos, a tentar a continuação da leitura. O pior era que eu não tinha a menor confiança em mim. Sentia medo de ser reprovado e meu Pai ficar aborrecido, desagostoso comigo. Ideias absurdas me assaltavam. Achava

que, na hora do exame, iria esquecer tudo, fazer um papel feio, cair no ridículo, ser alvo das desagradáveis brincadeiras dos colegas, das quais ficara livre há pouco. Porque ainda as temia mais do que tudo. Quasi não tinha

(Continua na página 58)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

O CORPO ROUBADO

(Continuação da pág. 23)

Yard afirmou de obter notícias do amigo desaparecido.

— Ele há de se aclamar, disse Hart. — As forças lhe dão de faltar nessa carreira louca em que está há tanto tempo.

A polícia, entretanto, não tinha conseguido prender Bessel, nem excitado, nem calmo. Confirmaram o que Vincey sabia já da noite precedente, acrescentando alguns detalhes novos, entre os quais alguns de carácter muito mais grave: uma lista completa de vitrines quebradas em todo o caminho de Tottenham Court Road, agressão a um soldado em Hampstead Road e um atentado atroz contra uma mulher. Todos estes ultrages e delitos foram cometidos entre meia hora depois de meia noite e duas horas menos um quarto da madrugada. Durante este espaço de tempo foi sempre seguido o itinerário da carreira fantástica e violenta do louco. A bem dizer o itinerário da sua carreira tinha sido seguido desde o momento em que ele saíra, a correr, de casa às nove horas e meia da noite. Depois de uma hora da madrugada, mais ou menos, ele vagueara pelas ruas de Londres, escapando, com uma agilidade surpreendente, a todos os que se esforçavam em prendê-lo e capturá-lo. Às duas horas menos um quarto, ele desaparecera subitamente. Até esta hora, eram inumeráveis as testemunhas das suas desordens e loucuras. Centenas de pessoas o tinham visto e tinham perseguido, porém, repentinamente ele desaparecera e nada mais se sabia. Às duas horas menos um quarto viram-no descer pela rua de Euston Road e correr velozmente em direção a Baker Street, brandindo um candieiro de óleo de colza aceso e lançando salpicos inflamados contra as janelas das casas. Mas nenhum dos soldados de serviço em Euston Road, além do Museu de figuras de cera, nem nenhum dos outros que guardavam as ruas adjacentes pelas quais ele deveria infalivelmente passar ao sair de Euston Road, o tinha sequer vislumbrado ao longe. Ele desaparecera bruscamente. Nenhum dos seus feitos e gestos subsequentes pudera ser descoberto, não obstante uma seria e minuciosa pesquisa.

Esta imprevisível perplexidade aumentava as torturas morais de Vincey. Este tinha-se consolado consideravelmente com a íntima convicção expressa por Hart de que o seu comum amigo não tardaria a ficar novamente calmo; e esta quasi certeza tinha pôsto em suspenso todas as suas inquietações mentais.

Mas cada novo acontecimento parecia acrescentar novas impossibilidades a um

conjunto que passava já os limites aceitáveis. Chegou a um ponto em que ele julgou estar sendo vítima de alguma alucinação e perguntou a si próprio se a memória não o estaria enganando, e, se o mínimo destes incidentes seria um fato real e não imaginário. Ao meio-dia pôz-se novamente à procura de Hart para descarregar o espírito do peso enorme que o oprimia. Encontrou-o em conciliabulo com um famoso detective particular que tinha especial interesse em achar o desaparecido. Todo esse dia e toda a noite que se lhe seguiu, Bessel escapou às mais ativas e incessantes pesquisas. Vincey, por seu turno, não podia afastar a idéia de que Bessel achava-se atrás dele e procurava, por todos os meios e com grande ansiedade, chamar-lhe a atenção. Durante toda a noite, angustiado e desfeito em lágrimas, ele perseguiu Vincey em sonho, e a cada nova aparição, surgiam juntamente com ele, várias sombras indistintas, porém francamente hostis e malevolas, as quais pareciam persegui-lo sem tréguas.

Só no dia seguinte, um domingo, é que Vincey se lembrou das histórias espantosas que contavam a respeito de Bullock, a medium que, pela primeira vez, chamava sobre si a atenção de toda a cidade de Londres, e decidiu-se a ir consultá-la. Ela morava em casa do Dr. Wilson Paget, o famoso experimentador, e, se bem que jamais tivesse visto essa senhora, ele se dirigiu imediatamente para casa do doutor, no intuito de invocar o seu auxílio. Apenas Vincey pronunciou o nome de Bessel, logo o interrompeu o Dr. Paget.

— Ontem à noite, já no fim, — disse ele, — tivemos comunicação do fato.

Ao dizer estas palavras, saiu da sala e voltou em seguida com uma lousa sobre a qual se achavam escritas algumas palavras, sem dúvida traçadas por mão tremula, nas quais, porém, se reconhecia indubitavelmente a letra de Bessel.

— Como conseguiu obter isto? — exclamou Vincey. — Será possível que...

— Nós o obtivemos ontem à noite, — respondeu o Dr. Paget.

E explicou, não sem ter sido diversas vezes interrompido por Vincey, como obtivera aquelas letras traçadas pela mão de Bessel. Nessas sessões, mistress Bullock fica como que em um estado cataleptico, com os olhos estranhamente deslocados nas órbitas e o corpo rígido. Começa então a falar rapidamente e, em geral, com um timbre de voz que parece não ser o seu, mas o de outras pessoas, variando ora de uma ora de outra. Ao mesmo tempo, uma das mãos, ou mesmo as duas, adquirem novamente movimento e ação e escrevem sobre a lousa, simultaneamente, cousas completamente alheias? catadusa de palavras que, sem cessar, lhe sahem dos lábios. Ela é considerada,

de ordinário, como sendo muito mais notável do que a celebre medium mistress Piper. O que escrevera a mão esquerda da medium era uma mensagem ou recado urgente, e Vincey tinha-o deante dos olhos e lia as palavras de que se compunha; oito palavras desconexas e sem sentido aparente: "George Bessel... experiência... excavação... Baker Street... socorro... inanição."

Fato bastante curioso este: nem o Dr. Paget, nem os outros dois experimentadores que se achavam presentes, sabiam absolutamente nada sobre a desapareição de Bessel — pois a notícia só viera nos jornais no sábado à tarde — e eles tinham classificado e guardado a mensagem, de mistura com muitas outras, vagas e enigmáticas, que mistress Bullock redigira em outras ocasiões. Apenas ouviu o que lhe contava Vincey, o Dr. Paget pôz-se imediatamente, empregando nisto a maior energia, à procura de indícios que o levassem a descobrir o paradeiro de Bessel. E' inútil descrever as pesquisas que ele fez, bem assim as que Vincey, por seu turno, também levou a efeito. Basta saber-se que a primeira indicação dada era verdadeira e que Bessel foi efetivamente descoberto por meio dela.

Acharam-no no fundo de uma trincheira que tinha sido abandonada durante os trabalhos empreendidos para o estabelecimento de uma estrada de ferro elétrica, perto de Baker Station. Tinha um braço partido, uma perna e duas costelas quebradas. A estância estava disimulada por traz de um tapume de táboas da altura de vinte pés, pouco mais ou menos, e, embora pareça isto incrível, Bessel, homem já de idade e muito corpulento, teve que escalar a trincheira antes de cair no meio dos escombros. Achava-se encharcado de óleo de colza, tendo ainda ao lado o candieiro todo amassado e cuja mecha se apagara completamente, porém ele estava naturalmente muito enfraquecido e, vendo os seus salvadores, foi tomado de um acesso de lágrimas.

Em vista do estado deplorável em que se achavam os seus aposentos no Albany, foi levado para a casa do Dr. Hatton, 3m Upper Baker Street. Ali submeteram-no a um tratamento brando, e foi cuidadosamente evitado tudo o que pudesse trazer-lhe à memória a violenta crise por que passara. Porém, passados dois dias, ele mesmo quiz fazer a narrativa das suas extraordinárias aventuras.

Pouco depois, por diferentes vezes, o próprio Bessel expôs o fato a diversas pessoas — e a mim, entre outras — variando os detalhes, como costuma acontecer a quem narra uma aventura real, porém sem ter jamais caído em contradição de nenhum modo e em nenhuma circunstância. Eis aí, em resumo, a sua narrativa.

Para mais clara compreensão, e necessário voltar atrás, ao início da experiência tentada com o auxílio de Vincey.

Os primeiros esforços que Bessel empregou para sair de si mesmo foram, como se devem lembrar, infrutuosos. Porém, durante esse tempo, ele concentrava toda a sua força de vontade no desejo de deixar o próprio corpo — querendo isto com todo o poder de que dispunha, dizia ele. Finalmente e quasi contra toda a expectativa, conseguiu o seu intento. Assim pois Bessel afirma que, achando-se vivo, deixou realmente o seu corpo por um simples esforço da vontade, e sentiu-se transportado a um lugar ou estado fora deste mundo.

— E isto deu-se instantaneamente, — disse ele, — eu estava sentado, com as mãos apoiadas nos braços da poltrona, os olhos fechados hermeticamente, fazendo todo o possível por concentrar o meu espírito em Vincey, repentinamente senti que saía fora de mim mesmo, do meu próprio corpo... Vi a meu lado o meu corpo vazio, com os braços caídos e a cabeça inclinada sobre o peito.

Nenhum argumento podia abalar a convicção profunda que tinha desta separação. Descreveu de uma maneira tranquila e banal a sensação desconhecida que teve naquela ocasião. Sentia que se tornara impalpável, e isto já esperava, porém nunca imaginou que pudesse adquirir proporções tão grandes. Entretanto foi o que lhe pareceu ter acontecido.

— Eu era uma grande nuvem, se me é dado exprimir-me assim, que surgira

após o meu corpo. Pareceu-me primeiramente ter descoberto um eu maior, do qual o ser consciente do meu cérebro, não era senão uma mínima parte. Vi Albany, Piccadilly, Regent e as casas todas, pequenissimas, mutissimas brilhantes, e distintamente, desenrolando-se em baixo de mim, como uma cidade vista da barquinha de um balão. De vez em vez, algumas formas vagas, como espirais de fumaça, tornavam a visão um tanto confusa, porém a princípio prestei pouca atenção a isto. O que mais me espantou, e espanta ainda, foi o fato de eu perceber distintamente o interior das casas, tão bem como as ruas, os quartos, as salas, todos os pavimentos e dependências. Via as pessoas jantarem e conversarem dentro das casas; homens e mulheres comendo, bebendo, jogando bilhar, nos restaurantes, hotéis e em diversos lugares de divertimento, repletos de povo. Parecia-me estar a observar o interior de uma colmeia de vidro.

São estes exatamente os termos que anotei na ocasião em que Bessel fazia a sua narrativa.

Esquecendo-se de Vincey, ele ficou algum tempo a observar tudo isto. Levado pela curiosidade, disse ele, inclinou-se e, com a espécie de braço vaporoso de que se achava provido, tentou tocar em um homem que passava por Vigo Street; mas não o conseguiu, embora lhe parecesse ter visto o seu dedo atravessar o homem. Havia qualquer cousa que lhe impedia o contacto com outro corpo, porém ele não sabe bem explicar exatamente o que fosse. Compara entretanto este obstáculo a uma folha de vidro.

Tive a sensação, — disse ele — que teria um gatinho procurando seguir a sua própria imagem em um espelho.

Por muito tempo e cada vez que ouvi Bessel relatar essa aventura, vi-o sempre servir-se desta comparação com a folha de vidro. Entretanto, não era uma comparação inteiramente justa e precisa, porque, como bem o verá o leitor na continuação da narrativa, houve interrupções nessa resistência, geralmente impenetrável, e meios de transpor novamente a barreira do mundo material. Mas, bem entendido, torna-se difficilissimo exprimir em linguagem comum essas impressões sem precedente.

Uma cousa que o surpreendeu imediatamente e o acabou muito durante toda aquela fase, foi a calma absoluta no meio da qual ele se movia: estava em um mundo silencioso.

Primeiramente o seu estado mental reduzia-se a um assombro sem emoção, sem consciência, e ele preocupava-se principalmente em saber o lugar em que se achava.

Sentia que estava fora do seu próprio corpo pelo menos do corpo material — mas isto não era tudo. Ele julgava, e eu estou disposto a julgar também assim, que se achava fora do espaço tal como nós o compreendemos. Passara, por um violento esforço da vontade, para um mundo fora deste mundo em que habitamos; um mundo que não se pôde imaginar, e entretanto tão perto e tão estranhamente situado em relação ao outro, que todas as cousas aqui da terra são, exterior e interiormente, vistas com toda a clareza desse outro mundo que nos cerca. Parece-lhe, agora que, durante muito tempo, esta idéia, com exclusão de toda e qualquer outra, preocupou enormemente o seu espírito. Depois lembrou-se da combinação que fizera com Vincey, de que aquela maravilhosa experiência não era senão o prelúdio.

Pôz-se a pensar em qual seria o meio de locomoção que poderia convir ao seu novo corpo. A princípio foi-lhe impossível desligar-se completamente da carcassa terrestre; este novo corpo enevoado e bizarro, balançou-se, contraiu-se, espalhou-se, enroscou-se e contorceu-se em esforços inauditos para libertar-se; por fim, o laço que o retinha rompeu-se completamente. Durante um momento ficou tudo obumbrado por uma espécie de rodoinho esférico de vapores caliginosos; depois, em uma aberta momentânea, viu o seu corpo cair, inerte, com a cabeça vasia balançando de um para outro lado, e percebeu que caminhava agora rapidamente, como se fosse uma imensa nuvem, em uma região fantástica, brumosa e obscura, e via, estendendo-se

FUNDADA A ASSOCIAÇÃO DE CHEFES DE PROPAGANDA



OS moldes das já existentes na Argentina e Uruguai foi fundada no Rio a Associação de Chefes de Propaganda que reunirá os chefes de Departamento de Publicidade do Comércio e da Indústria.

Da sua primeira reunião, damos o aspecto acima e a diretoria provisória da A. C. P. é a seguinte: — Presidente: — Alvarus de Oliveira; Secretário: — Jorge Vinogradof; Tesoureiro: — Otacilio Mendes de Freitas; Comissão de Estatutos: — Isaura Barreira, Augusto Reul, Nestor Medeiros e Luiz Lacombe.

Mitigal



acaba com
as
coceiras



NUTROGENOL

GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituente



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Assim deve ser, ou pelo menos é o que parece, a vida desses seres incorpóreos, nesse mundo que é a sombra do nosso. Vivem continuamente à espreita de alguma ocasião para apoderar-se do corpo de um mortal, e, conseguindo, abraçam-no e encham-no de fúria e frenesi, de paixões violentas, de impulsos estranhos e insensatos, e Bessel não era a única alma humana que se achava entre eles, e a prova é que ele lá encontrou uma e depois muitas outras sombras humanas que haviam perdido os seus corpos, provavelmente como ele perdera também o seu, e que perambulavam desesperadamente nesse mundo intermediário entre a vida e a morte. Essas almas não podiam divulgar o seu segredo porque o mundo em que se achavam é mudo e silencioso, porém Bessel reconheceu-as como homens, por causa da vaga forma humana que apresentavam e da tristeza impressa em seus rostos.

Ignorava, entretanto, como teriam ido para esse mundo tenebroso e onde se achariam os corpos que tinham perdido; se permaneceriam ainda entre os vivos ou se estariam já no número dos mortos. Não queria crer, nem nós o cremos também, que fossem os manes dos mortos. Porém o Dr. Wilson Paget julga que são as almas sãs e razoáveis dos que no mundo se acham tomados de loucura.

Por fim, Bessel encontrou, por acaso, um pequeno grupo daquelas sombras silenciosas e, introduzindo-se no meio delas, avistou, um pouco acima de sua cabeça, em uma sala vivamente iluminada, quatro ou cinco homens imóveis e uma mulher gorda, vestida com uma roupagem de seda e sentada de modo exótico em uma cadeira, com a cabeça caída para traz. Reconheceu-a como sendo mistress Bullok, a medium, por já ter visto alguns retratos dela. Ele percebeu no cérebro do homem que se achava adormecido, alguns pontos que brilhavam e se moviam como já vira fazer o olho pincel do cérebro de Vincey. A intensidade da luz era muito irregular: às vezes aparecia com um grande foco, intensamente iluminado, outras vezes como um pontinho sombrio que mudava constantemente de lugar. A mulher falava sem cessar e as suas mãos moviam-se escrevendo. Bessel viu que as sombras humanas que a rodeavam e uma grande multidão de espíritos do mundo intermediário, faziam todos grandes esforços para tocar no ponto luminoso do seu cérebro. Quando um dentre eles tocava nesse ponto luminoso, repelindo algum outro, a voz e os caracteres mudavam, de forma que o que ela dizia tornava-se incoerente e confuso: ora um fragmento de mensagem, de uma alma, ora o de outra; e algumas vezes mesmo ela pronunciava frases delirantes e desconexas, quando o que tocava no ponto luminoso do seu cérebro era um dos espíritos tomados de desejo vãos e estereis. Bessel compreendeu então que ela interpretava o pensamento daquele que conseguia tocar-lhe, e começou a lutar furiosamente para aproximar-se dela. Desta vez, porém, não conseguiu, por achar-se na última fileira dos espíritos e, finalmente, triste e angustiado, saiu, afim de saber o que teria acontecido durante esse tempo ao seu corpo.

Vagou por muito tempo em todos os sentidos, procurando-o inutilmente e receando que já tivesse sido morto. Por fim encontrou-o no fundo da trincheira de Baker Street, contorcendo-se em dores horríveis e soltando furiosas blasfêmias. Na queda, o demônio quebrara uma perna, um braço e duas costelas do corpo de Bessel. De mais a mais, estava furioso por terem durado tão pouco as horas que tivera de vida, por causa das dores que sentia, e com movimentos violentos rolava no chão em todos os sentidos.

Bessel dirigiu-se então, possuído de novo e maior ardor, para a sala onde vira a assembléia dos espíritos, e, apenas chegou, viu um dos homens que rodeavam a medium consultar o relógio, como se a sessão estivesse prestes a terminar. Neste interim, muitas de entre as sombras, cujos esforços para se aproximar tinham sido infrutuosos, retiraram-se fazendo gestos desesperados. O pensamento de que a reunião ia terminar, fez com que Bessel ficasse mais ardente e temerário, ele lutou com tanta força e vigor contra

os outros que conseguiu apoderar-se do cérebro da medium, o qual, justamente nessa ocasião, por um feliz acaso, brilhou com maior intensidade e foi então que ela escreveu a mensagem que o Dr. Wilson Paget guardou cuidadosamente. Os outros espíritos e a nuvem de sombras que cercavam a medium repeliram Bessel e ele não mais conseguiu apoderar-se dela até o fim dessa angustiosa sessão.

Ele voltou à trincheira onde esteve guardando, por espaço de longas horas, o lugar em que jazia o odioso demônio, metido no corpo que conseguira roubar e que tinha estropeado; ele contorcia-se soltando blasfêmias, chorando e gemendo, pois, pela primeira vez, tomava conhecimento com a dor. Pela madrugada sucedeu o que ele esperava ansiosamente: o cérebro brilhou com uma luz intensa, o espírito mau saiu e ele conseguiu tomar novamente posse do corpo que julgara ter perdido para sempre. No mesmo momento desfez-se o silêncio; ele ouviu distintamente o bulício das ruas e as vozes das pessoas, acima da sua cabeça; o mundo estranho e misterioso que é a sombra do nosso, as sombras diafanas e silenciosas possuídas de desejos impotentes, — os espíritos de criaturas humanas para sempre perdidas nesse pelago — tudo desapareceu completamente.

Ficou ali caído, durante o espaço de três horas, pouco mais ou menos, antes que o achassem. E, apesar da dor que lhe causavam as feridas, da humanidade e obscuridade do lugar em que se achava; a despeito das lágrimas que lhe arrancavam os sofrimentos físicos, sentia o coração inundado de alegria por vê-se novamente neste mundo familiar, onde vivia com criaturas humanas.

O CAVANHAQUE

(Continuação da pág. 29)

Ele amava-a, de certo, e isso não era razão para ela ser feliz? Preferiu não responder e enfiou-se em reflexões, com os olhos cerrados. Quando os abriu, já era noite, o calor abafava e as luzes das casas estavam acesas. Na janela do segundo andar, estava o mesmo homem que a olhara à tarde; o cavanhaque mais branco, banhado pelo luar.

E Rosa involuntariamente foi ficando, olhando a lua, deixando que o joelho moreno recebesse a luz difusa que caía do céu estrelado.



Julião ficava quase sempre na cama, pela manhã. Só às 10 horas principiava a se preparar para a ida à repartição, mas já mais tinha pressa. Deleitava-se em espalhar espuma de sabão pelas faces bochechas, manejando com ritmo o pincel, demorava-se no banho e só saía de casa faltando um quarto para as onze.

— Quem é, Rosa?

Netara a mulher, à varanda, mover ligeiramente a cabeça, em cumprimento e vira seu sorriso. A folhagem espessa da trepadeira que descia do telhado até meia altura não o deixava ver além das janelas do primeiro andar da casa defronte.

Rosa voltou-se surpreendida:

— Hein? é a empregada daquela casa... Ha dias pediu-me para apanhar uma roupa que caiu qui.

Julião veio até a varanda. Bocejou largamente, espreguiçou-se e abraçou a mulher. Lá fora havia silêncio modorrento. Os homens da obra deviam estar almoçando e o elevador de madeira ficara em baixo, cheio de tijolos. Ouvia-se apenas o violino gemendo a escala: na área cimentada da casa mais próxima, um menino passava uma flanela no carro e um homem gordo, de pernas curtas, palitava os dentes.

— Rosa, disse baixo a voz de Julião, comprei-te o vaso, meu bem. Ontem.

A mulher virou-se toda para ele. O vaso? Mas não dissera que não podia naquele mês? Oh! Julião, sacrificar-se, não. Que ficasse para o mês, nem tão grande era o desejo que não pudesse esperar um pouco. Gostaria mesmo de ter um vaso de porcelana, ali em cima do armário; e poria uma toalhinha bordada, que estava guardada. Era bonitinha, Julião não a

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



VARIZES E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

PETTINATI

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para em-
ranquecer, afinar e refrescar a cutis. Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

— É verdade que a salinha precisava uns enfeites, uns bibelots mais modernos, mas o vaso já resolvia o problema.

— Que bonzinho que és, querido!

Julião beijou-lhe a testa, mas não aca-
bando o beijo e já perguntava sorrindo:

— É aquela a tua amiguinha?

Por cima da cabeça de Rosa vira abri-
r uma janela do segundo andar e apa-
recer a cabeça de um homem preto:

— É... é a empregada que apanhou
a culpa.

Julião respondeu ao cumprimento e ain-
da não se virara para entrar quando viu
chegar à outra janela o homem de cava-
nhaque que vira na véspera. Reparou
imediatamente: era um cavanhaque bem tratado,
alto e até elegante. O sol batendo-lhe
na cabeça tornava-o alvo, muito alvo e re-
saltava o contraste com os cabelos pretos.
Julião intrigou-se. Porque teria aquele
homem um cavanhaque branco? Que usas-
se e barbicha, vá lá, que ainda andava
muito gente com hábitos antigos — mas
aquele, não era comum! Olhou para o
homem: tinha boa aparência, devia beirar
os trinta, o homem.

A voz de Rosa chamou-o. E Julião,
olhando ainda o rapaz, que fumava, dis-
traído, o viu passar a mão esquerda no
cavanhaque, alisando-o; e viu cintilando
ao sol o ouro da aliança.

— Ah! Casado... Compreendo; talvez
até tenha sido infeliz...

E sentiu uma sensação esquisita de se-
gurança vendo Rosa à mesa, tão casta,
tão dèle, agitando os pratos.

— Casei-me, tarde, positivamente!

★

O vaso veio realmente, ao outro dia.
Trouxera-o o próprio Julião, segurando-o
com o mesmo carinho que punha em pe-
gar a filhinha que vivera apenas o tem-
po necessário para ser fotografada nua-
rinha e ir enfeitar de inocência o quarto
de dormir.

Era belo, sem dúvida; e rico, muito rico,
dissêra Rosa, contemplando-o os dois, já
em cima do armário, um triângulo de
toalhinha quebrando a quina da madeira
e caindo de ponta sobre o vidro.

— E mais, minha filha, dissêra à mu-
lher, passando-lhe a mão em torno da
cintura fina.

E todo sorrisos, sem mesmo tirar o pa-
letó, acariciando com a mão suada a pele
fresca do pescoço da esposa, ia explican-
do. Escolhera aquele porque a pintura
respirava paz e amor. O azul-claro do
firmamento, a campina tão verde, tão cal-
ma e os camponeses honrados amando-se
sobre a relva; pobres, é verdade, os tra-
jes bem o diziam, mas tão felizes e tão
puros, com tanta bondade no olhar da
moça e o rapaz tão certo de sua posse,
que até vontade de largar tudo e correr
para o campo ele sentia!

— Ah! querida! — e beijava-a com gula
— numa casinha tão honesta como a nossa
eles sentem-se bem.

E o vaso ali ficou, um camponês bigo-
dado debruçado com apetite sobre uma
rapariga cor de rosa, que mordida sorri-
do uma maçã de um vermelho vivo. Ju-
lião mostrava-o aos amigos e com deleite
repetia a sua idéia de que numa casinha
honesta devia sempre haver a imagem
de um amor puro. Às vezes algum ousa-

va lembrar Romeu subindo pela escada
de corda e falava que o drama de Shakes-
peare talvez fôsse mais próprio; mas Ju-
lião, contrariado no seu culto aos for-
mos olhos da camponesa, agarrava-se de-
se perdoado no biôdo do camponês e alteava
a voz para falar da candura da menina
cor de rosa. Apelava para a mulher. Que
dissêse ela, que de amor as mulheres
sabem mais que os homens. Rosa defen-
dia a porcelana e cortava o assunto.

— Amor, Julião, na sacada como no
campo, é isso — e beijava-o docemente.

Julião exultava. E a vida corria, com
as gostosas manhãs na cama, os tópicos
do Cordeiro saboreados com a superiorida-
de de quem compreende as entrelinhas e
as pernas roliças da mulher saindo de
quando em vez de dentro do roupão.

Às vezes, Julião abusava de seus quasi
quinte anos de serviços ao Estado e vol-
tava mais cêdo; pisava leve no tapete da
sala, passava ao quarto nas pontas dos pés
e ia encontrar a mulher no alpendre, dor-
mitando na rede ou debruçada à grade.

— Repousava, dizia ela, quando o bel-
jo suado do marido humedecia-lhe a face.

FEMININAS

SOPA DE MILHO VERDE

Rale 12 espigas de milho ver-
de e junte um bom caldo de ga-
linha bem temperado. Passe por
peineira e se estiver ralo, en-
grosse o caldo com um pouco de
fubá de milho ou de arroz.

Adicione 2 gemas e 1 colher
de manteiga e sirva com pão
frito em manteiga.

GALINHA FRITA COM "PE- TIT-POIS" E PRESUNTO

Aproveite a galinha com que
fez o caldo da sopa, separe a car-
ne dos ossos sem contudo picar
muito, e frite-a em manteiga.
Prepare um bom molho de to-
mates, cõe e junte presunto pi-
cado e "petit-pois".

Dê uma ligeira fervura e junte
à galinha frita.

Sirva com fatias finas de pão
torrado com manteiga e polvi-
lhado com queijo parmezin ra-
lado.

DOCINHOS DE BANANAS COM QUEIJO

Corte bananas prata em toros
de 3 centímetros. Corte esses to-
ros ao meio e una-os com uma
bola de queijo Clabb. Polvilhe
só o queijo com castanhas do
Pará moidas e torradas.

Para que os bolos cozinham
bem, convém colocá-los no for-
no quente e, depois de vinte mi-
nutos reduzir um pouco o calor
do forno.

Não se deve abrir o forno an-
tes de decorridos vinte minutos
da colocação do bolo no mesmo.

Para que a carne fique mais
saborosa, convém esfregá-la
com limão antes de usá-la.

Os cremes devem ser prefe-
rentemente batidos em vasilhas
de louça e revolvidos com um
batedor de arame.

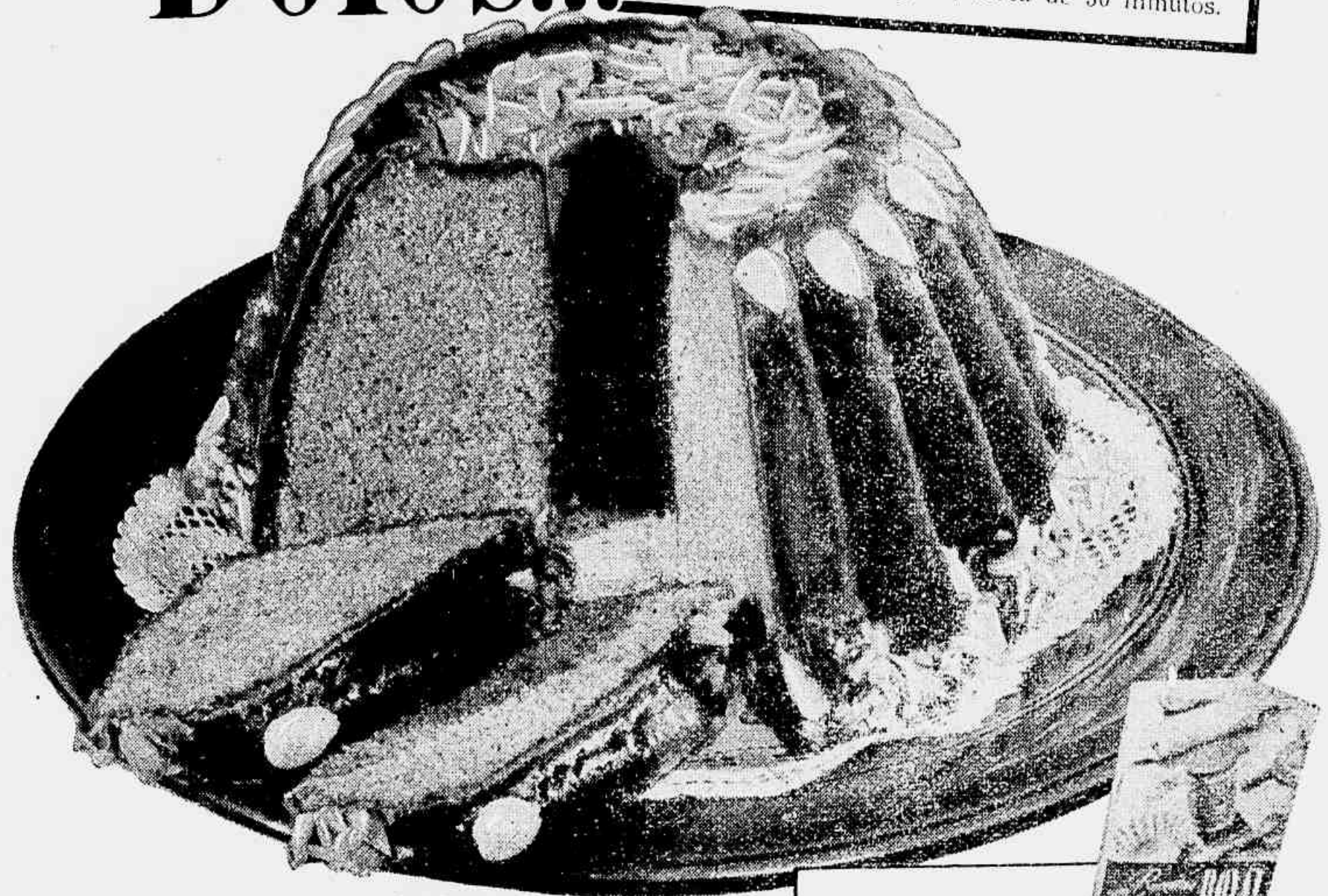
Si o pescado, tomado com uma
das mãos pela cabeça, não se
mantém rígido e réto, deve se
desconfiar de seu estado para
o consumo.

Faça Bolos...

BÓLO DE ESPECIARIAS

1/2 chic. manteiga (ou outra gordura)	1 colh. (sopa) Royal
1 1/3 chics. açúcar	1 colh. (chá) sal
1 colh. (chá) essência	1 1/2 colhs. (chá) noz moscada
3 ovos	2 colhs. (chá) canela
1 1/2 chics. farinha	1/2 colh. (chá) cravo
1/2 chic. araruta	em pó
	2/3 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore
aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os
ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire
juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal, sal e es-
peciarias. Junte-os aos poucos, à massa, alterna-
dos com o leite, batendo sempre. Use fôrma repi-
cada untada, forno regular, cerca de 50 minutos.



...e seu marido "virá
correndo" para casa!

A presença de bolos em casa tem inúmeros
significados... Um deles, por exemplo, en-
cantará seu marido... É que bolos consti-
tuem uma evidente demonstração de cari-
nho... Por certo! Vale a pena fazer bolos!
E nem há dúvida: de vez que dessa forma
seu marido virá correndo para casa, por que
fazer bolos somente nesta ou naquela gran-
de data? Para garantia do êxito, utilize
sempre o Livro de Receitas Royal, usando
o produto de confiança, famoso há quase
80 anos — Fermento Royal!



Grátis!

Peça hoje ao seu fornecedor um
"Cartão-Royal" com as instruções
para receber o famoso "Livro de
Receitas Royal". Ou escreva para:
Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um
pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

3.ª EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

De 18 a 25 deste mês

Será inaugurado amanhã o grande certame agro-pecuário de Carangola — Visite essa importante cidade da Zona da Mata e sua grande Exposição — Uma semana de intensa vibração — Rodeios, concursos hípicas, desfiles de animais, dancings, numerosas diversões.

Vá apreciar o belo plantel de gado leiteiro das fazendas carangolenses e das regiões adjacentes.

E passe uma semana inesquecível em

CARANGOLA

E. F. L.

Minas Gerais.



INDÚSTRIAS NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva 74 (Quase esq. Praça Marechal Deodoro)
Fones 5-311 e 5-1322 — São Paulo

Vendas e exposição no Rio de Janeiro

INDÚSTRIAS MURRAY S/A

RUA RODRIGO SILVA, 18

● Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo **KITNEVE** apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes

E Julião largava a gordura na cadeira de vime, descansando os pés no vaso de samambaia. Luas ou três vezes, nessas ocasiões, aconteceu ver o homem do cavanhaque branco; já não se perguntava mais a razão de ser daquilo; apenas lastimava a sorte do outro. E voltava os olhos para Rosa, que parecia remoeçar, tão fresca no seu roupão branco. Um dia falou-lhe do cavanhaque do rapaz e de suas longas

cismas ali à janela, parecendo tão triste, o coitado! Confiou-lhe, comovido, o seu drama; devia ser um infeliz, o rapaz. Na certa, coisas de mulher! — e Julião balançava a cabeça, como quem conhece o assunto. Era casado, Rosa não sabia?

— Sabia — disse ela, parecendo desinteressada; e acrescentou logo: A empregada me falou.

BRIGA DE GALO

(Continuação da página 5)

...Então, um cabra esgalgado, de mãos grandes, assanhou os dois galos, aproximando-os, "mode embrabecê os bichinho".

Soltos dentro da arena, os campeões defrontaram-se. Guarulhos negro, dum negrume que tinha toques de furtivo, esporas afiadas como navalhas; Cacique, com plumilhas revoltas no pescoço, e a crista tremelcando, muito arrogante, como uma bandeirola esgarçada.

Começou a rinha...

Dois brigadores fitando-se com ódio. Em volta, o pasmo lóbo dos caboclos. O céu, luminoso e fundo, pesava como uma mordida. E os dois galos, se comendo com os olhos, se furando com os olhos, concentravam as ânsias de toda a gente: — apostas, feitas com alarde; desafios, achincalhes, rodas de cachaca a serem pagas "pr'a todos" na venda do Mané Gordo, um sem-fim de coisas...

De repente, o Guarulhos alça o esporão, e um golpe rasga o ar. Rugeruge de garras arranhando a grama rala; plumas vermelhas flando no vento. E o Cacique se esquivava, fêrido de leve.

Tibúrcio, impando, saída com uma carcalhada redonda a primeira investida.

Pula pra cá, pula pra lá, Guarulhos domina a rinha. Esquiva-se finta. Súbito, Cacique avança e, como um raio, a fôrça aguda rabisca o peito retinto do adversário. Sangue correndo, fugindo, num fio...

— Vamo Cacique, vamo, espora nele! Saído da pasma-ceira Fabrício bêrra, animando o seu campeão, enquanto, com os dedos em riste, esfaqueia o ar, numa fúria mímica.

A luta acirra-se. Sangue, em borbulhas, sarapinta os contadores. Bicos se entrebatem; esporas coriscam, buidas, como facas cruzadas, raspando. Na cabeça arrogante do Guarulhos, a crista freme, purpureja, como a pluma dum elmo. E as pupilas raivosas, pequeninas, despêdem áscuas contínuas, aguçadas de cólera...

Gritos, incitamentos, entrecruzam-se de tôdas as bandas da rinha:

— Agora, Guarulhos! Fere, Cacique!...

A cachaca roda, acendendo os ânimos. Ninguém tem mais socôgo. Todos palpitam, à feição múltipla da pugna.

Éra o climax do combate. Nenhum dos brigadores fraquejara. Ainda ardegos, ainda fortes, lutavam de morte, sem trêguas...

Guarulhos negaccia. Simula uma desistência. Abate-se, encolhido, retraíndo a cabeça. O Cacique, então, toma um impulso e precipita-se: falseia o golpe. Brutal, furiosa, com ódio. O "vermeinho" vacila, com sangue na crista, nos olhos, no pescoço, quasi perdido de tanta breca. Mas resiste, e luta!

— Hoje tu apanha uma coca, assassino! — berrou um mulatão em paroxismos, um tal cujo brigador de fama —

o Turuna — fora corrido vergonhosamente pelo "vermeinho" do Fabrício.

De fato, a luta já parecia decidida em favor do Guarulhos. Cacique não atinava com mais nada. De um lado para outro giro-girando, zanzava na rinha, expondo-se aos golpes inexoráveis do brigador negro, cujo acicate, pontudo, riscava-lhe de continuo as carnes. Mas, não cedia, não baqueava. Tinha ainda a mesma fibra de campeão; a mesma coragem. Tonto, ferido, éra um farrapo lutando, lutando sempre. Aquê, só morrendo...

Mas, o povinho não queria saber de nada: arrenegava!

— "Diabo de punga! Se soubessem, não tinham apostado no muxiba." E éram apupos, risonhos, surriada massiça de palavrões. Nisto, uma voz sobressaíu-se compungida:

— Tá cêgo o bichinho. O Cacique tá cêgo minha gente. Expectativa, de vózes. Silêncio depois...

E a mesma vóz, do alto das bancadas, frizando:



Monica, filhinha do Snr. Eduardo Kersten e D. Eunice Kersten, cujo aniversário natalício transcorreu no dia 9 do corrente.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

— Num póde brigá mais, pessoal. Vamo tirá êle da rinha, tá vencido.

Então, saltaram protestos: — "Que não, que não! Cacique não corra, não baqueara. Tinham apostado, agora éra ver o fim..."

Fabrício, êsse no dizia nada. Um pasmo, uma quebreira... Olhos parados, mortifcos; mãos enclavinadas, torcendo-se...

Fim de briga. Cacique vacillava, sem firmeza. Via-se a angústia torturada com que forcejava por ainda resistir, por lutar ainda! Seu corpo brazino tinha coágulos roxos, pegamentos, de sangue. Todo êle, escarnificado, fêrido, éra um farrapo meio morto, um resto.

De improviso, o Guarulhos que lutava á vontade, solto, distribuindo golpes e golpes, desprecupados e certos, precipitou-se num embate brutal.

Epilogo! O campeão negro alça o agulhão buído, e desce — o rápida, ferôzmente sobre o Cacique. Então... então como tocado por uma intuição súbita, o "vermeinho" escapa-se de lado. Estava cêgo, nada via. Mas tinha ainda um sentido qualquer de orientação, uma nesga mínima de entendimento. E arredou-se, escapuliu.

(Conclue na página 58)

Susan Hayward

(Continuação da página 16)

vida noturna... No mínimo, pensará que moro numa piscina... — diz ela, risonhamente. Mas não é assim. Do que gosto é de cuidar dos meus filhos...

Sobre seu recente filme, "Desespero" (smash-up), ela diz:

— Tenho a impressão de que é o melhor filme... Imagine: eu, que sou uma senhora pacata e mãe extremosa, me transformo nessa película em bebida, incendiária, infanticida e nem sei mais o que! Talvez o filme não valha muito pelo meu trabalho, mas vale, estou certa, pela direção de Stuart Heisler e pela colaboração de artistas sinceros, como Lee Bowman, Marsha Hunt, Eddie Albert e outros...

E aqui terminou nossa entrevista com a graciosa interprete da Universal, que agora trabalha em "The Cost love"...

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

Houve um silêncio curto, interrompido pelo barulho do elevador, rangendo andares acima e Rosa tornou a falar:

— Acha que é por isso? Pois se eu fosse mulher, mandaria tirar o cavanhaque. Julião não estava falando? Outros também deveriam falar, pois um cavanhaque bateado num homem de cabelos pretos devia de chamar atenção. E a pobre da mulher era quem pagava! Não, se fosse ela, exigiria o cavanhaque como preço de sua reputação.

Julião sorriu com benevolência; Rosa estava demais no poder da mulher. E lembrando-se:

— Prateado?

— O cavanhaque? Então não é prateado, querido?

O gordo funcionário em comissão de chefia olhou para os fios brancos que cintilavam ao sol e deu razão à mulher:

— Prateado...

★

Foi por esse tempo, quando o verão já ia ao fim e Julião perdia na rua boas gramas de gordura, recuperando-as na quietude do lar, deitado à cama, fresco e feliz, que num domingo foi honrada sua casa com a visita do Diretor dos Serviços Gerais de Planejamento Urbanístico. Julião não coube em si e buscou espaço para seu espanto na noite que abafava.

— Mas o senhor sair com um calor desses para vir à casa de um humilde servidor?

— Princípios democráticos, caro senhor Batista. Ainda no domingo estive em casa do nosso amigo Mendonça...

Com vagar foi falando, pondo chic nas palavras e olhando às vezes com um respeito cativante a mulher do subordinado. Os chefes, na moderna administração pública, não deviam manter-se nas alturas: era preciso caminhar ao lado dos seus auxiliares, dar-lhes o abraço de amigo e a palavra de esperança.

— Os tempos evoluíram, confessou ele. A tendência do momento é buscar o equilíbrio em baixo, — e frisou bem — em baixo, meu amigo!

E foi com essa conversa que se viu bem sentado, numa mesa quase farta, com uma toalha branquinha de linho dando a nota de asseio e conforto. Ao jantar, falou muito, arrastando a voz com importância e enchendo o bom Julião de admiração. Fumaram charutos, oferecidos pelo Diretor. Julião imaginava-se promovido ao gabinete Assistente talvez, eu, sabia lá? — até mesmo Secretário!

Foi quando lembrou-se do vaso. Mostraria ao Diretor que tinha gostos fino e lhe esboçaria o panorama de sua felicidade conjugal; ao mesmo tempo, alimentaria a palestra, que já se tornava pesada, do vinho do jantar.

Apanhou a porcelana com cuidado. O vaso, de estilo antigo, começava com uma abertura do diâmetro de um copo, para ir afinando com graça e de repente alargava-se todo, formando um bojo barrigudo.

Julião principiou sua história, arrebatando com o céu azul, muito azul e os camponeses amando-se sobre a relva.

— E repare o senhor nos semblantes. Quanta felicidade, ein? Rosa achou-o esplêndido. Não é querida?

Mas a mulher estava sacudindo a toalha na varanda e não respondeu. Quando voltou, já Julião falava no prazer que os camponeses sentiam em serem instalados numa casinha tão pobre, mas tão honrada. E o senhor Diretor aplaudia, afirmando que o amigo Batista estava inspirado.

— Case-me tarde, senhor Diretor, positivamente tarde...

As onze, o Diretor despediu-se, com um último elogio ao vaso, que lá ficara sobre a mesa e um derradeiro olhar ao pes-

coço moreno de Rosa. Julião levou-o ao carro, recomendou-lhe prudência ao chegar à esquina, onde o trânsito era intenso. Quando entrou, trazia no olhar a ventura de um privilegiado e no coração a certeza de que seria Secretário, no mínimo Assistente.

Foi quando pegou no vaso para repô-lo sobre o armário, recriminando Rosa, que a varanda gozava a fresca, por não o ter feito ainda.

— Não deixe os pobrezinhos fóra de seu lugar! — e ia naturalmente repetir a história do amor feliz, mas excitado talvez pela idéia de assinar "Julião Batista — Secretário do Diretor dos Serviços Gerais de Planejamento Urbanístico" deixou o vaso lhe escorregar das mãos, indo espantificar-se nas tábuas do assoalho.

Julio não olhou; fechou os olhos, fugindo à visão dos cacos do vaso do antiquário.

E quando os abriu, foi para vêr, junto à porta da varanda, Rosa, lívida, aparrando-se ao portal, os olhos parados e sem vida, contemplando — estupidamente; e junto aos cacos, no assoalho envernizado, quase sobre o pedaço de porcelana que conservava grudados o camponês e a rapariga no amor que nem assim terminava.

um belo e bem tratado monte de fios de prata, que ele reconheceu como sendo o cavanhaque de um homem.

Julião ali ficou, parado; fitava o assoalho, estúpido e sem compreender. Rosa deu um passo.

Uma onda de sangue subiu-lhe à cabeça e ele atirou-se para o alpendre. No seu cérebro, surgiu a idéia, como um relâmpago numa tempestade, mas a repelia, desesperado; implorava ao céu que não o deixasse vêr o que temia.

Mas a luz pálida do luar, em cima no segundo andar, Julião alucinado viu o rosto moço do homem, os cabelos pretos lustrosos — e sentiu-se desfalecer. Porque a mão onde brilhava a aliança de ouro pendia imóvel da janela, sem fios de prata para alisar.

★

No outro dia, à saída da repartição, pela primeira vez desde casado, Julião deixou-se ficar com os colegas em um bar. Aos que estranhavam, explicava vagamente que a mulher viajava; e de vez em quando, passando a mão pela calva luzidia, murmurava algo, que os colegas não entendiam:

— "Se eu fosse a mulher, mandava cortar!"

A VIDA DE SCHOPENHAUER

(Continuação da pág. 17)

não inferior à de Platão, "são, com frequência, moralmente fracas, desprezíveis, más, até". Uma de suas metades poderia dar-se ao luxo de ser um selvagem se a outra metade, ao menos, se estivesse transformando num sábio.

E assim, meditava taciturnamente e sonhava e desconfiava dos seus semelhantes e planejava o seu grande sistema de filosofia pessimista. Como pôde o homem, extremar-se do grande sonho do cosmo? Como se conhece ele? Através de sua vontade. A ação do corpo nada é senão a vontade. Quero é agir. Mas há mais — as manifestações da vontade não são apenas as ações voluntárias do corpo, senão ainda os chamados reflexos involuntários do espírito. A vontade é o instinto. E' a própria força da vida.

Ao jovem filósofo, emocionalmente anormal, fascinou essa concepção. Não demonstrava, a verdade, a sua própria personalidade? A verdade é que é fundamental no homem. E ele, com a testa alta, os olhos fortes e a boca resoluta,



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pattezz

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

conhecia a força da vontade. E' a vontade quem governa. O espirito é apenas o seu servo. Não queremos uma coisa porque raciocinamos. Encontramos razões para uma coisa porque a queremos. O espirito está sempre a inventar uma lógica para os caprichos da vontade.

O espirito e o corpo são, portanto, os instrumentos da vontade. E' a vontade quem forma os entalhes do embrião humano e constrói, os vasos para a circulação do sangue. E' a vontade quem modela o cérebro. E' a vontade de comer quem modela a boca, os dentes e a garganta: a vontade de reproduzir quem dá

fórmula aos órgãos sexuais; a vontade de crescer quem atrai a planta para o sol. A luta dos homens pela comida, pelas companheiras e pelos filhos pode ser obra da razão? Absolutamente. E' obra da vontade. A vida é a vontade instintiva de viver. A rivalidade, a luta e a destruição são, por conseguinte, os característicos essenciais da vida. Porque as vontades de todos os indivíduos travam luta incessante entre si. A vontade em si mesma não tem motivo, não tem fim, nem propósito, nem limites. E' uma luta cega, interminável e inútil. A vitória alterna com a derrota e a vida com a morte. A vontade de viver impele tudo, afinal, à auto-destruição. E, por fim, todo homem sucumbe ante a vontade dos vermes.

Com tal declaração, começou Schopenhauer, o livro que contém a conclusão sistemática, de suas especulações — **O Mundo como Vontade e Representação**. Ao enviar esse livro ao editor, escreveu: Quem quer que haja realizado uma grande obra imortal sentir-se-á tão pouco magoado pela recepção que lhe fizer o público, ou tão pouco influido pelas opiniões dos críticos, como um homem são num manicômio, é afetado pelas vituperações e agressões dos loucos".

Dezesseis anos depois, contou o editor a Schopenhauer que se vira obrigado a vender, a maior parte da edição, como papel velho.

IV

Schopenhauer, todavia, mau grado todo o seu pessimismo, desejava viver. Depois de terminado o seu livro viajara para a Itália, a terra dos versos de Petrarca e da música de Rossini. Por onde quer que andasse, homens e mulheres paravam para fitar o "estranheiro carrancudo", cujos olhos depediam fogo de baixo de uma testa maciça. "Gosto de sentar-me diante do senhor", observou-lhe tímido, um jovem inglês, à mesa. "O senhor tem o rosto de Beethoven".

Como sempre, trajava-se com extravagância imaculada. Frequentava o Café Grego, de clientela internacional. "Sabem", disse, de certa feita, aos companheiros, "acho que a Alemanha é a nação mais estúpida da história. Mas é tão superior a todas as outras que já chegou a dispensar a religião".

Lançaram-no à rua os enraivecidos interlocutores. "Tais filósofos", declarou um concidadão alemão, "deviam ser encarcerados para o bem de nossa pátria". Mas Schopenhauer continuou imperturbável. "Sou um espirito delicado numa idade de ferro", suspirou, e buscou ouvir a reação do público ao livro que acabara de mandar aos impressores. Nenhuma reação se verificou. Saiu, a obra, do prelo, como criança natimorta.

Ele deu de ombros. "Quanto mais conheço os homens menos gosto deles", observou. Voltou-se, depois, para tarefas mais mundanas. Com agudo senso de negócios conseguiu prever uma quebra no mercado de títulos. Retirou todos os centavos do dinheiro que empregara, ainda a tempo, e decidiu conseguir um cargo de professor, para guardar-se da possibilidade de futuras perdas financeiras. Cheio de confiança em sua habilidade escolástica, partiu pressuroso para Berlim, o centro universitário da Alemanha. Pouco lhe importava que "o mais formidável intelecto da época" ensinasse filosofia nas aulas apinhadas da mesma cidade. Hegel era o homem do dia. Demonstrou, contudo, Schopenhauer o seu desprezo pelo colega, anunciando uma conferência na mesma noite em que Hegel determinara dar a sua.

As observações iniciais à audiência, foram totalmente faltas de tacto. "Logo de-

pois que Kant se foi", disse, "levantaram-se sofistas que deterioraram a força pensante de seu tempo, com grande soma de ruído e bárbara linguagem". Depois, como se não tivera esclarecido, suficientemente, o ponto, continuou: "Pessoas como Hegel (com a sua metafísica racionalista) deveriam ser atiradas fora das fileiras dos filósofos, como foram, outrora, expulsos os vendilhões do Templo... Uma divisa que quadraria aos escritos de Hegel é a frase de Shakespeare: "Assim falam os loucos, que não raciocinam".

Deixaram-no só, numa sala vazia. Ter-lhe-ia ocorrido que o auditório ficara ressentido pela sua falta de cortesia profissional em relação ao reverenciado professor? Absolutamente. Estava convencido de que o público recusara reconhecer-lhe o gênio. "Quão elevadamente, era Sócrates estimado pelos seus contemporâneos"? observou, sarcástico.

Outro incidente desagradável, ocorreu durante a sua estada em Berlim. Mal humorado em virtude da ausência de reações adequadas por parte de seus auditórios, principiou a brigar com a senhoria. Por ocasião de uma das alterações, desmandou-se e empurrou-a, violentamente, para fora do quarto. Ela caiu sobre um braço, feriu-o gravemente e processou Schopenhauer por danos substanciais, alegando que o ferimento a impedia de continuar a ganhar a vida. Bem que o filósofo contestasse vigorosamente o caso, perdeu a questão e foi obrigado a sustentar a mulher enquanto esta vivesse. Desventuradamente para Schopenhauer ela revelou-se uma criatura robusta e viveu por muitos anos. Quando Schopenhauer recebeu, finalmente, o atestado de óbito, festejou o evento com um trocadilho: "Obit anus, abit onus". Morta a dama, afastado o encargo.

Após o processo Schopenhauer fez segunda excursão à Itália e depois voltou a viver em Berlim.

Conduzia-o sempre a vontade de viver. Notamos como uma semente seca preserva as forças adormecidas da vida, durante trinta séculos e como, enfim, ao surgirem as circunstâncias favoráveis, cresce e transforma-se em planta". Por gerações sem conta dormiu o galvanismo no cobre e no zinco... por muito e muito tempo quedaram-se os sapos dentro da pedra de cal num estado de animação suspensa — dando tempo ao tempo — todos sófregos por viver. O mundo nasceu numa compulsão de egoísmo e concupiscência. E o eterno inimigo é a morte...

O presente vivo retrocede constantemente para o passado morto. Pois que é o passado senão tempo morto? A vida é u'a morte protelada, assim como caminhar é protelar a queda. Cada respiração que tomamos, cada passo que damos, cada refeição que comemos é uma tentativa para repelir a morte. Debalde, porém. A morte nos reivindica ao nascermos. Não é de admirar que os sábios monarcas orientais tragam consigo um frasco de veneno que podem tomar a qualquer momento. Porque eles e nós vivemos um tempo emprestado...

Schopenhauer era extremamente seguro no referente ao seu tempo emprestado. Declarou-se, em Berlim, uma epidemia de cólera, e ele, que pregara a inutilidade da vida, encheu-se de tamanho pavor de vir a perdê-la que, tomado de pânico, fugiu da cidade. Refugiou-se em Nápoles, apenas para tornar a fugir quando a varíola, de caráter epidêmico, se declarou nessa cidade. Fugiu, então, para Verona — e aí obcecado-o a idéia de haver engolido rapé envenenado.

Era tremendamente infeliz. As pessoas principiaram a evitá-lo, pois "para onde quer que ele olhasse uma tristeza enchia o

espaço". Os amigos pediram-lhe que não pintasse tão negro o diabo. "Uma boa cor cinzenta bastará".

Mas o diabo não poderia ser suficientemente negro para quadrar aos seus negros estados de espírito. Sua obscuridade como filósofo produziu sobre ele um efeito quase patológico. Ansiava pela adulação do público que o não reconhecia como Arthur Schopenhauer, o Supremo. "Nasci para imprimir a marca do meu intelecto sobre a raça humana", confiara, certa vez, a um amigo. "No entanto, sou obrigado a ouvir a trombeta da fama proclamando os desprezíveis e os indignos — eu que levantei o véu da verdade mais alto que qualquer outro mortal". Mas, a imbecilidade dos que haviam logrado êxito consolá-lo-ia da solidão de seu fracasso. Orgulhoso e atrevido, jamais sucumbiria. Nenhuma filosofia houvera entre Kant e Schopenhauer que merecesse tal nome, acreditava ele. Todos aqueles que haviam pretendido ser filósofos eram apenas charlatães universitários. "Brada por outro, um gigante, através do espaço tedioso dos séculos, e as miríades de pigmeus que se arrastam embaixo nada podem ouvir senão um fracasso som acima deles... Esses pigmeus imitam-se uns aos outros numa orgia de bufonia, adornam-se com o que deixam cair os gigantes e aclamam, como os seus maiores heróis, pigmeus iguais a eles..."

Com essas idéias chegou à monótona cidadezinha de Francfort, onde determinou fixar-se distante dos olhos do mundo. "Passa-me tão pouco pela idéia envolver-me nas disputas filosóficas da época quanto descer e participar das brigas do populacho nas ruas". Tinha quarenta e cinco anos e estava na plenitude aventureira da vida. Contudo, nunca mais saiu de Francfort. Viveu, até o fim, uma vida de reclusão solitária.

V

Tal era o Aquiles alemão, mal humorado em sua tenda, longe das batalhas escolásticas e literárias, do mundo. A sua rotina cotidiana durante os vinte e sete anos que se seguiram, nunca mudou um ponto. Banhos frios ao romper do dia, café forte ao pequeno almoço, zangas e imprecizações contra a senhoria, três horas para estudar e escrever pela manhã quando o seu cérebro estava mais fresco, meia hora de exercícios de flauta antes da refeição do meio dia, almoço no Hotel d'Inglaterra, volta para casa, outra xícara de café forte e uma tarde dedicada à leitura. Ao entardecer, um longo passeio vigoroso, acompanhado de seu cãozinho branco, uma nova refeição no hotel e uma peleja com os copos de vinho. Depois, usualmente, um concerto ou um teatro, uma breve leitura dos místicos hindús e enfim para a cama — "a dormir o sono do justo".

Interessavam-no, ativamente, todas as fases da arte, e, ao morrer o seu amigo Goethe, apoiou de todo o coração uma campanha organizada para a coleta de fundos para um monumento. Mesmo nesse trabalho, todavia, não pôs de parte as suas estranhas sugestões e teorias. Declarou que os eruditos, filósofos e poetas, que trabalham pela humanidade com as suas cabeças, deviam ser representados em bustos; mas que os estadistas, dirigentes e generais, que servem a humanidade com todo o seu ser, deviam ser comemorados de corpo inteiro.

As suas excêntricas teorias abrangiam desde o lugar destinado às mulheres na sociedade até às leis da dietética. Era uma de suas teses favoritas que o homem, ao princípio completamente negro, habitara o sul onde era praticável uma dieta vegetariana, mas que depois, ao emigrar para o norte e ao tornar-se-lhe

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

Realce seu Encanto
embelezando
seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero
de Barry
EM USO DESDE 1801

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

uma alva a pele, a mudança de clima exigia maior soma de calor em seu sangue e ele adotara uma dieta de carne. Era desconcertantemente franco em sua conversação e ansiava por expender as suas idéias sempre que os outros se mostravam dispostos a ouvi-lo. Sabendo que Kant e Goethe tinham sido comedores prodigiosos antes dele, não o envergonhava, absolutamente, o seu enorme apetite. Certa vez, como um estranho, do outro lado da mesa, diante dele, reparasse, atento, na sua voracidade ao comer, observou, calmo, Schopenhauer: "Parece comê-lo, senhor, o meu apetite. É verdade que como três vezes mais que o senhor, mas é porque tenho três vezes mais cérebro do que o senhor".

Um após dia colocava u'a moeda de ouro ao lado do prato ao principiar a refeição e, para desgosto do criado, recolava-a cuidadosamente no bolso, ao terminar. Inquerido sobre esse hábito singular, replicou: "Esta moeda de ouro deverá ir para os pobres quando eu ouvir os oficiais, à mesa, discutirem algo mais sério que mulheres, cachorros e cavalos".

Apesar de morfino com o seu dinheiro, amava o conforto. Quedava-se horas e horas em seu escritório fumando um cachimbo de cinco pés de comprimento, que se retorcia, como trombeta, de seu queixo até o chão. O fumo, dizia, tinha, assim, oportunidade para esfriar adequadamente antes de chegar-lhe à garganta. Enquanto assoprava naquela mostruosidade, ficava-se a contemplar um busto dourado de Buda, silencioso sobre a sua secretária, ao lado de uma cabeça de Emanuel Kant. Os místicos hindús eram as divindades do seu sistema filosófico. Eles é que haviam pregado a glória da resignação, que se tinham retirado do tumulto do mundo para meditar sobre a futilidade da vida e que haviam anelado a aproximação da morte, não porque acreditassem numa vida futura de bem-aventurança, mas porque viam nela a volta do indivíduo ao estado do nada. Tal era a paz da alma com que haviam sonhado os místicos hindús. A completa obliteração do homem.

Essa filosofia era, de todo em todo, congenial a Schopenhauer. "Dá-me maior proveito uma página desses velhos livros hindús", declarava, "do que dez volumes dos filósofos europeus, depois de Kant". Exasperava-o o "falso otimismo" dos filósofos modernos. O homem é, essencialmente, uma criatura de dor. A sua vontade leva-o a desejar, constantemente, um objeto após outro, durante a sua vida. Mas no momento em que alcança o seu desejo, que é que se segue? Um tédio terrível, o vácuo. Torna-se, de novo, a existência uma carga insuportável. Por isso, esforça-se ele outra vez. Que é a vida senão um pêndulo oscilando entre a dor e o vazio, o desejo e o tédio? Pois toda satisfação nesta vida é de uma qualidade negativa. Quando satisfazemos um desejo ilimitamos a libertar-nos desse desejo, para sucumbir, imediatamente, à escravidão de desejos subseqüentes. Paradoxalmente, é apenas a ausência da ventura que nos pode fazer compreender a ventura. Somos incapazes de reconhecer-lhe o valor, senão depois que já se foi. A felicidade é um estado negativo. O único estado positivo é a dor. Em tal esquema de coisas haverá lugar para a esperança? Decididamente não. Não há nada além da saciedade e o tédio, alternando-se, interminavelmente, na vontade humana. A mesma presença da vontade implica em nós uma deficiência, uma carência, um desejo ardente que nunca poderá ser realizado.

E qual é o fim? Pode a morte paralisar o louco processo e libertar o homem de sua miséria? Não. Mesmo que o indivíduo se suicide, não põe fim ao universal anseio pela vida. Porque morra, embora, uma parte, continua o todo a mover-se, persistentemente, para diante. A universal vontade de viver vence o inimigo eterno, a morte, através dos órgãos de reprodução da espécie. A natureza não se preocupa, em absoluto, com o indivíduo; preocupa-a, apenas, o tipo. Assim que o indivíduo reproduz a sua espécie perde todo o valor para a natureza. Após haver realizado a sua tarefa, está o homem, maduro para o túmulo. A natureza estudia o indivíduo perpetuando-lhe a mi-

séria da raça. Dotou a mulher, por alguns anos, de uma riqueza de encantos... a expensas do resto de sua vida, para que, durante aqueles anos de mocidade, possa capturar a imaginação de um homem a tal ponto que este se veja forçado a encaregar-se, honradamente, dela... Depois, como a formiga fêmea, após a fecundação, perde as suas asas, então superfluas... e assim, tendo dado à luz um ou dois filhos, perde, a mulher, a sua beleza. Cumpru-se-lhe a missão. Já é tempo de dar caminho a corpos mais moços e mais sádios que prossigam no trabalho da reprodução. Que ironia, essa perpetuação da espécie! E que néscios somos em amar!

Assim falou o profeta Schopenhauer. E quem era o seu constante companheiro, o seu "discípulo mais persistente"? O seu cãozinho branco que ele apelidara Atma, a alma do mundo. Esse cãozinho tornara-se nas ruas de Francfort figura tão lendária quanto o famoso amo. As crianças da vizinhança chamavam-lhe "o jovem Schopenhauer". Dormia sobre um belo tapete de pele de urso, debaixo do retrato de William Shakespeare. Por mais ocupado que estivesse, estava sempre Schopenhauer pronto como um escravo, para atender às necessidades de Atma. As quatro e quinze da tarde, precisamente, o amo e o cão davam um passeio pelas ruas de Francfort. Embora míope, evitava, Schopenhauer, o uso de óculos. Batia, impaciente, com a bengala sobre o chão ao caminhar e expendia grunhidos desconexos, não olhando nem para um lado nem para o outro. Tinha, o filósofo, aversão pelas pessoas que, ao passarem por ele na calçada, não sabiam conservar a sua direita. Sempre que um pedestre deixava de observar essa regra fazia disso um acontecimento, agitando a bengala e murmurando, "Idiotas, não aprenderão jamais a andar direito?" Gostava de imitar o porte e os gestos das pessoas pelas quais passava. De feito, convertia a ação das pessoas, na rua, num tema "cósmico" para observação filosófica. "É fisiologicamente notável", escrever, "que, quando a conversação principia a interessar a maioria das pessoas, são estas obrigadas a conservar-se tranquilas, porque sendo o seu cérebro forçado a ligar algumas idéias já não possuem força bastante para manter as pernas em movimento por meio dos nervos motores. Tão estreitamente lhes é tudo medido pela natureza".

Procurava encontrar uma razão filosófica-sociológica de peso para tudo, inclusive para o próprio procedimento. Tendo perdido o gosto de viajar, deplorava o amor das viagens na mocidade moderna "como revivescência do instinto nômade que prevalece nas fases mais baixas da civilização".

Em vários momentos de sua vida considerara a possibilidade de casar-se. E, embora sua filosofia fosse destruída de romantismo, contava em seu passivo uma ou duas indiscrições românticas. Com efeito, era o pai de um filho natural que se negou, teimosamente, a reconhecer. Por via de regra, todavia, quando se lhe voltavam os pensamentos para o companheirismo feminino, reiterava a sua divisa com lábios rabugentos: "Se eu fora rei, seria a minha primeira ordem — 'Deixem-me sozinho'". — E secundava o ataque com a segunda divisa: "O matrimônio significa Guerra e Necessidade". A instituição do casamento era uma cilada armada ao homem pela Natureza para a perpetração do maior mal do mundo — a vida. Não é para admirar que tanta vergonha se ligue ao amor sexual! É a mais miserável afirmação da vontade de viver. "Vemos os olhares de dois amantes encontrarem-se desejosos; no entanto, por que tão secreta, medrosa e furtivamente? Porque esses amantes são traidores, que buscam perpetuar toda a necessidade e todos os trabalhos da raça humana que, não fora isso, chegaria rapidamente a um fim. Nenhum homem dotado de inteligência poderia, possivelmente, participar da farsa chamada amor pelo 'belo' sexo. O fato de poder algum homem 'dar o nome de belo sexo a essa raça de tamanho menor que o normal, de ombros estreitos, ancas largas e pernas curtas chamada mulher' é, para Schopenhauer, um dos mistérios inexplicáveis do mundo.

(Continuação na página 48)



AJUDE-O A RECUPERAR AS FORÇAS

A menos que os pratos tenham bom sabor, o convalescente recusa o alimento de que tanto necessita. Recomendando-se "MAIZENA DURYEA" especialmente para convalescentes, pois além de alimento altamente nutritivo, dá um sabor delicioso às sopas, verduras e pudins.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



56 - TRIANGULO

UMA POEIRA DE NEVE...

(Continuação da página 49)

amigos. Apenas dois ou três. Aos outros, cumprimentava ligeiramente. Não é que não gostasse, ou não simpatisasse com eles. Mas a minha terrível timidez me impedia de fazer relações. A criança hiper-sensível, que dormia dentro de mim, cheia de medos absurdos, queria sair a todo momento. Eu tinha que lhe explicar que havia um engano. As coisas não eram assim não, mas daquele outro jeito, diferente. Ia, desta maneira, procurando sair do isolamento e me comunicar com todos. Aos poucos fazia progressos. Mas, agora, no fim do ano, com a proximidade dos exames, tudo se complicava. Lía as teses várias vezes, mas não retinha quase nada. Afinal chegou o dia. Já emagrecera quatro quilos. Estava abatido, olhos fundos. Foi aí, que mais me beneficiaram as palavras amigas, de certa mocinha bondosa e compreensiva.

Mas convém anotar um episódio que se passou antes. Aliás, uma série de episódios. Logo no início do segundo semestre, arranjei uma namorada. Era dessas moças cuja cabeça pode ser comparada a uma caixa de papelão vazia. Por mais que a gente faça, não encontra nada lá dentro. Era muito bonita, mas dessas belezas que, inexplicavelmente, não atraem. Ela gostava de aparentar "certa cultura". Parece que não lhe escapava nenhum desses almanaques que contam coisas. E vinha para o meu lado com suas ideias sobre a arte no cinema, sobre isto, sobre aquilo. No fim de quinze dias, eu estava enjoado. Não aguentava nem vê-la. Mas a moça não me dava sossego. O telefone chamava todo o dia.

— O Roberto está? Não? Oh! que penal! Diga a ele que a "Sta." Elza chamou.

Fazia questão fechada do "Sta.". A empregada já estava aborrecida com aqueles chamados repetidos. Eu não tinha coragem de lhe falar francamente. Foi quando ela resolveu fazer uma coisa que nunca mais esquecerei. Sempre fui inimigo de escândalos, de cenas, momentaneamente em presença dos outros. Uma discussão, na vista de terceiros, era um verdadeiro suplício para mim. Ela, parece, havia desconfiado disto. E me aprontou uma boa. Estava na aula. O professor explicava detalhadamente um artigo importante do Código Civil. Foi quando o bedel, o Zé Maria, abriu a porta e falou, assim com um jeito de quem não quer nada:

— Tem uma moça aí chamando o "Dr." Roberto.

O professor, surpreso, olhou logo para mim e para mais dois colegas que tinham o mesmo nome. Nenhum de nós

pestanejou. Entretanto o meu coração já batia forte. Eu presentira qualquer coisa. Senti um calor esquisito nas orelhas. O bedel, respondendo ao olhar interrogativo do professor, acrescentou:

— E' com o "Dr." Roberto Silva mesmo.

Foi aí que o negócio estourou. Quando eu ia me levantando para sair e pedir licença ao mestre, ela entra, sem a menor cerimônia, pela sala a dentro e se dirige para o meu lado, em voz alta, com uma cachoeira de palavras ininteligíveis. Eu saí logo da sala, é claro. Mas os colegas já rebentavam de tanto rir. O próprio professor tinha um sorriso irônico nos lábios, quando viu o meu estado. Não morri naquela hora nem sei porque. Parecia que tudo vinha abaixo. Estava num estado indescritível. Do lado de fora, ainda ouvía, lá dentro, o barulho dos risos. Abalei-me para casa e deixei Elza para trás. Ia pensando, pelo caminho, se aquela moça regulava bem. E tudo por culpa do Rodrigues, que tanto insistira comigo para conhecer aquela pequena, dizendo que era uma das moças mais "distintas" daquele bairro. Ele já fizera aquilo de propósito. Já devia conhecer bem a "grande distinção da encantadora senhorita". Mas eu me vingaria. Naquela noite, só pensava em lhe pagar na mesma moeda. O meu cérebro escaldava, imaginando uma coisa que pudesse esmagar de uma só vez. E neste estado cheguei em casa.

Depois daquilo, fiquei sendo um dos "errados" da turma. A todo momento, vinham me aborrecer. As piadas, as anedotas a meu respeito, começaram a correr. O meu sofrimento era terrível. Se eu tivesse o genio do Esteves, por exemplo, que levava a vida para onde queria, bem humorado, brincalhão, sairia facilmente daquela. Mas o meu caso era diferente. Não sabia que a única salvação para o ridículo é a gente não ter medo dele, dar estocadas em si próprio. Se eu tivesse rido de mim, junto com eles, em pouco tempo o incidente seria esquecido. Mas, não sabia disto. E assim, vivia envenenado pelas brincadeiras dos colegas. À noite, não saía mais de casa. E, ainda por cima, Elza continuava a me atormentar. Para ficar livre dela tive um trabalho. Nunca poderia pensar que, naquela festinha de aniversário, quando o Rodrigues se apresentou a uma moça desempenhada, loura, de olhos grandes e eu disse, todo sem jeito: "Muito prazer, senhorita", iria me arrepender sempre de não ter dito: "Saia de minha frente, peste". Porque foi uma luta terrível. Mas — o que poderia fazer, embora a minha consciência doesse? — tive a mesma ideia do Rodrigues e arranjei um substituto de uma maneira discreta, mas muito eficiente, infalível mesmo, lançando mão de fantásticas revelações. Mas, na escola, as brincadeiras, os trotes continuavam. Tinha uma vergonha enorme, sobretudo quando Edith, a nossa colega única, estava presente às aulas. Um dia, com muita surpresa de minha parte, ela chegou perto de mim e disse:

— Roberto, eu quero falar com você. Depois da última aula, encontraremos-nos no jardim.

Fiquei imaginando o que poderia querer comigo. Não conseguia precisar o que fosse. Mas, logo o tempo passou e me viu ao lado dela, descendo para a cidade. E, à medida que falava, eu ia ficando mais surpreso. Sim senhor! Não esperava isto daquela moça. Sempre a julgara uma menina fútil, igual às outras. O que ela me dizia era exatamente o que precisava ouvir. Começou falando que hesitava bastante em tomar aquela atitude. Mas, afinal, vendo que eu estava sendo muito prejudicado resolveu ter uma conversa comigo. No dia do incidente não estava presente à aula. Mas soubêra de tudo. Eu estava bancando o menino. Afinal já tinha barbas, já era um homem. (Ela sabia que eu não conseguia estudar mais, estava tirando péssimas notas e pretendia até abandonar o curso). E estava procedendo como uma criança. Enfrentasse a situação, achasse graça nas piadas dos colegas, risse de mim mesmo e ia ver como tudo passava. Não me lembro o que lhe respondi. Mas, acho que, de vez em quando, engrolava um: "E' isto mesmo. — Você tem razão...". Levei-a até em casa. Depois disto me entreguei, valdoso, à suposição de que ela gostava de mim. Sentia-me contente, vendo que ela me preferia a todos os outros. O que será que eu tenho? — pensava. Mas a ilusão se desfez muito depressa. Porque, em pouco tempo, verifiquei o que havia com ela. Era isto: tinha uma personalidade brilhante, compreendia o meu desespero e, como verdadeira colega, viera em meu auxílio. Mesmo porque era quase noiva de um médico. Mas ficamos ótimos amigos. E até hoje, quando encontramos, costuma brincar comigo. Digo-lhe que, se não fosse ela, hoje teria outra profissão, talvez até nem tivesse casado. Ela ri, diz que sempre fui exagerado. E despede-se, dizendo-me para

visita-la, pois o Ricardo (seu marido) gosta de conversar comigo.

O certo é que, com os conselhos dela, tudo saiu direito. Em pouco tempo a turma havia me esquecido e à Elza também. Eu reiniciei os meus estudos e sentia-me feliz, mais leve, como se houvesse atirado fora algum peso guardado às minhas costas.

E agora, para recuperar o tempo perdido, estudava dobrado. Dia do exame. Estava com medo. Mas os conselhos de Edite ainda estavam bem claros em meus ouvidos. E foram eles, talvez, que me ajudaram a não me perturbar quando o professor começou: — O sr. vai me dizer alguma coisa sobre o "habeas-corpus". Falei longamente. Do outro lado, o catedrático escutava com os olhos semi-cerrados. Esgotei tudo o que sabia sobre o assunto. Calei-me. O mestre continuava mudo. Eu já estava perturbado. Será que a minha ciência o adormecera? Não, não podia ser. De repente, ouço a sua voz:

— Então o senhor é o homem que anda transformando isto aqui numa casa de namoros, hein?! —

A rapaziada, que estava em redor, caiu toda numa gargalhada imensa, sem fim. Neste ponto eu estava que não aguentava mais. Mas de novo a voz de minha colega, que estava perto, sorrindo bondosamente, apareceu em minha imaginação. "Você não é mais um menino. Não se impressione com o julgo dos outros a seu respeito. Não tenha vergonha do que você não tem culpa".

E, estas palavras, soavam como doces carícias, de uma alma compreensiva para uma desamparada. Eram a seta indicadora do caminho certo, para o homem que estava perdido numa confusão de preconceitos. Consegui me controlar. Fiz o exame sem maiores transtornos, com uma calma impressionante. E, como desta vez, em muitas outras, os conselhos de Edite — daquela Edite de olhos castanhos escuros, cabelos pretos e voz límpida como as manhãs claras — me serviram muito. Talvez porque eu já os sentia inconscientemente. Mas o certo é que ela me prestou um benefício que não será esquecido nunca. Ah! Edite. Você me desculpe, porque sei que isto não lhe agradaria. Mas, sinto não ser um escritor de fama, para publicar as minhas lembranças de você, sob o título: "O tipo inesquecível". Por isso elas ficam aqui mesmo, neste meu caderno de recordações. Neste caderno que encerra tanta coisa da vida que já passou, deixando cair, insensível, uma poeira de neve em nossos cabelos... e em nossos corações também. Mas será que ela estaria de acordo com esta última afirmação?

Briga de galo

(Conclusão da pág. 55)

Guarulhos, tomado de surpresa, começou a baquear, arquejava. Aos arremessos, todo lanhado, encostou-se à cercadura da rinha, mole, corrido...

Cacique ficou no centro da arena, triunfante. E era um farrapo, esborrifado de sangue, cabeça em sangue, olhos anuviados dum véo rubro, de sangue. Zaranzava, bambo nas pernas, mas vencera afinal...

Então, enquanto o povinho embasbacava, e o palavrório recrudescia, a mudança fisonômica da situação, o Fabrício, o bom do Fabrício, arrancado do meio-torpor que o prostrava, atirou-se de ímpeto à rinha, abraçou-se com o Cacique exânime, cobriu-o de beijos, com lágrimas represadas nas pálpebras e um frouxo nervoso de riso a lhe esboar a cara gorda, congesta:

— Puls num havêra de vencê entonce o meu Cacique, o meu "vermeinho," num havêra?!...

★

...Em roda o barulho, o falatório, contraponto rispidado de vozes, a fúria desconchavada do Tibúrcio, muito folheiro, de chapéu desabado, à banda, e lenço grande no pescoço...

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — O nº 1 ou o nº 2. O nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O nº 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo; não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas diferentes e científicas.

STANDARD
CRB 115,00

FEDERAL
CRB 165,00

INCA
CRB 285,00

ANEL "ZODIAICO"

E uma dádiva inesquecível e de duplo valor.

Registrado e garantido por Lei. Com Signo, Planeta e Pedra do mês de nascimento, de ouro maciço 18 quilates e platina com pedra fina ou brilhante desde Cr\$ 950,00. De prata com ouro de 18 quilates e pedra fina desde Cr\$ 115,00. Remetemos para o interior pelo Reembolso Postal

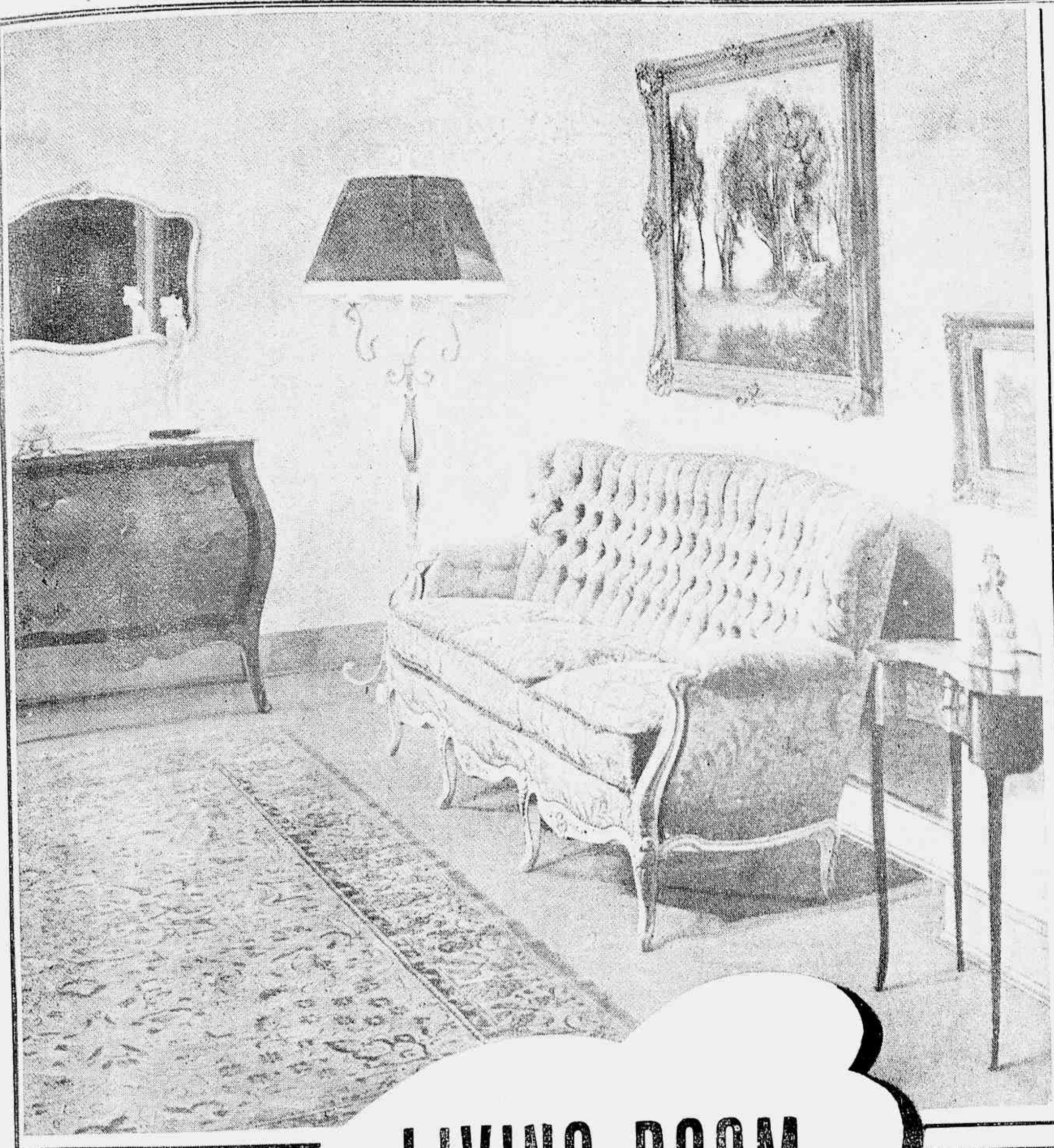
AMERICA
CRB 150,00

CAPITAL
CRB 265,00

BRASIL
CRB 300,00

Peça o que quiser em Jóias e Relógios de lei. Dirigindo-se à Organização Comercial e Fábrica de Jóias "A Z T E C A"

Peçam catálogos: RUA REGENTE FEIJÓ, 18 — RIO



LIVING-ROOM

Apresentamos hoje aos nossos leitores um interessante modelo de "living-room". O mobiliário é composto de rico sofá forrado de damasco italiano de pura sêda, com base de madeira laqueada em côr verde água e ouro; cômoda e mesinha em jacarandá; abat-jour em tafetá de sêda vermelho brick com coluna em ferro forjado laqueado em verde água e ouro. Piso forrado com passadeira de lã cinza prata e um tapete persa legítimo completam a decoração do ambiente.

MOBILIÁRIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

Oferecemos orçamentos gratis



A maior e melhor organização do Brasil

agora sómente

65 — RUA DA CARIOCA — 67

KENEDY



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz